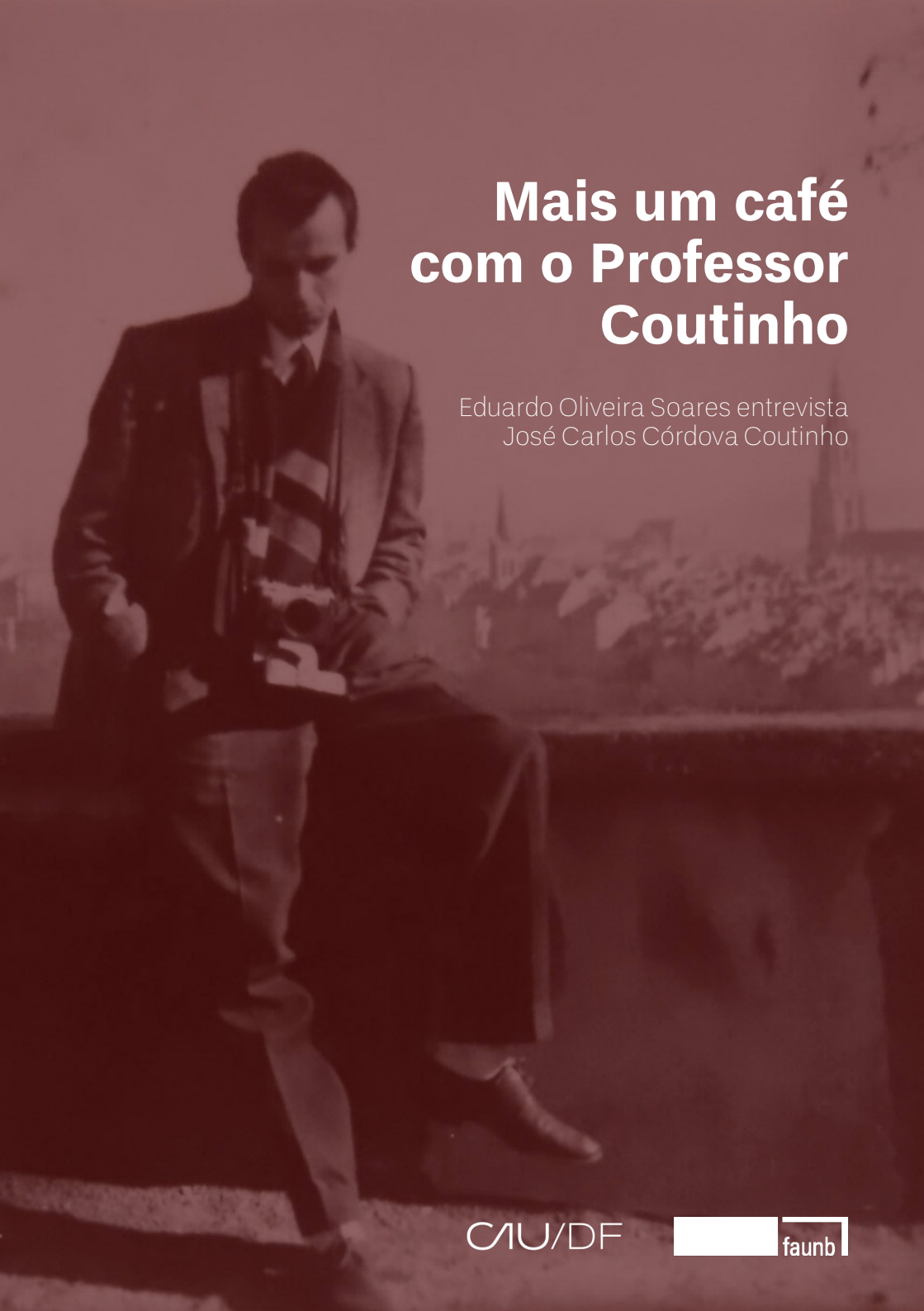


Mais um café com o Professor Coutinho

Eduardo Oliveira Soares entrevista
José Carlos Córdova Coutinho

CAU/DF

faunb

Brasília, cidade jovem e icônica, repleta de memórias contadas por quem ajudou a construí-la. Entre elas, as do arquiteto gaúcho Coutinho, que chegou à capital para atuar na universidade em tempos conturbados. Em cafés animados, Eduardo entrevista o professor, transformando cada encontro em uma aula de história, recheada de relatos inusitados e um humor afiado, moldado por décadas de vivências. Se você não tem cruzado com Coutinho nos eventos da cidade, certamente sua rotina necessita de mais cor, boas conversas e histórias inesquecíveis.

Mais um café com o Professor Coutinho

Eduardo Oliveira Soares entrevista
José Carlos Córdova Coutinho

Brasília

CAU/DF faunb

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Eduardo Oliveira
Mais um café com o professor Coutinho [livro eletrônico] : Eduardo Oliveira Soares entrevista José Carlos Córdova Coutinho / Eduardo Oliveira Soares. -- 1. ed. -- Brasília, DF : FAU : Editora Universidade de Brasília, 2025.
PDF
ISBN 978-65-84854-64-2
1. Arquitetura 2. Brasília (DF) - Urbanismo - História 3. Coutinho, José Carlos Córdova 4. Entrevistas 5. Memórias 6. Professores - Biografia5. Memórias I. Título.

25-317361.0 CDD-378

Índices para catálogo sistemático:
1. Entrevistas : Professores universitários : Educação 378
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Universidade de Brasília
Reitora | Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor | Márcio Muniz de Farias
Decana de Pesquisa e Inovação | Renata Aquino da Silva
Decanato de Pós Graduação | Roberto Goulart Menezes

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Diretor da FAU | Caio Frederico e Silva
Vice Diretoria da FAU | Ricardo Trevisan
Coordenadora de Pós-Graduação | Maria do Carmo de Lima Bezerra

Conselho de Arquitetura e Urbanismo do DF
Presidente | Ricardo Reis Meira

Coordenação de Produção Editorial, Preparação e Revisão | Maribel Aliaga Fuentes
Camila Ferreira Guimarães
Bruno Pedro Alves de Campos
Valmor Cerqueira Pazos
Carolina Vivas da Costa Milagre
Lucas Ferro da Frota

Diagramação | Isabela Paganini Navarro de Oliveira
Isabella Guimarães Carvalho

Conselho Editorial | Maribel Aliaga Fuentes
Camila Ferreira Guimarães
Bruno Pedro Alves de Campos

Autor | Eduardo Oliveira Soares

CAU/DF faunb

Professor Coutinho: um mestre que ensina Brasília a sentir

Há pessoas que atravessam a nossa vida de um jeito silencioso, mas definitivo. O professor José Carlos Córdova Coutinho foi, para mim, e para tantos outros, uma dessas presenças que a gente só entende o tamanho com o tempo.

Ainda que ele não fosse "o" Coutinho, já teria marcado minha vida. Foi dele a primeira aula que tive na FAU/UnB em 1994, na disciplina Introdução à Arquitetura e Urbanismo. Eu tinha 19 anos, e aquele foi meu primeiro contato real com o curso, com a profissão e, talvez, com a própria ideia de arquitetura.

Lembro da sua voz calma, das pausas longas e certeiras, e de uma paciência que parecia vir de quem já entendeu o mundo, mas ainda acredita que ele pode ser melhor. Na época, confesso, eu não tinha a dimensão do que ele representava para a FAU, nem maturidade para absorver tudo o que ele dizia. Hoje percebo que aquele modo de falar, pausado, firme, sereno, era também um modo de ensinar o tempo das coisas, o valor do olhar atento e o respeito pela cidade e pelas pessoas.

Com o tempo, compreendi que sua presença na sala de aula era mais do que um ato de ensino: era um gesto civilizatório. Coutinho formava arquitetos, mas também cidadãos. Falava da cidade como quem fala de um ser vivo — complexo, frágil e digno de cuidado. Sempre nos mostrou que projetar é um ato de empatia, e que preservar é, de certo modo, continuar projetando.
Tive outras oportunidades de ouvi-lo, já como arquiteto. E sempre me impressionou como, em qualquer contexto, Coutinho carrega a mesma coerência entre o que defende e o que sempre ensinou como professor. Brasília foi testemunha dessa coerência. Quando chegou à capital, em 1968, encontrou uma Universidade ferida e uma cidade em construção. Foi professor e pesquisador. Na verdade, ainda é, porque seguimos aprendendo com seus textos e falas naquele que, talvez, seja seu grande ofício: o de contador de histórias.

Nos anos mais duros da ditadura, foi testemunha de tempos sombrios. Relatou perseguições, prisões, exílios, mas também gestos de coragem e solidariedade. Viveu intensamente os dilemas de uma universidade nascida sob o signo da liberdade e sufocada pela repressão. Mesmo assim, manteve-se fiel ao ideal que o trouxe: o de fazer da UnB uma instituição de vanguarda, onde o pensamento crítico fosse o alicerce de toda construção.

O professor Coutinho tem títulos que poucos podem ostentar. É professor emérito da UnB e cidadão honorário de Brasília. Mas há algo maior que os títulos: o respeito e o afeto unânimes que desperta. É admirado pelo que sabe e querido por ser quem é. E isso, em qualquer época, é raríssimo.

Ao celebrar seus 90 anos, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal – CAU/DF reafirma o orgulho de homenagear um professor cuja obra ultrapassa o campo do ensino e se inscreve na cultura, na ética e no espírito da profissão. Que este livro seja mais que um tributo: que seja um testemunho de gratidão e reverência a uma vida inteira dedicada à arquitetura, à educação e ao futuro de Brasília.

Ricardo Reis Meira - Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal – CAU/DF

Protagonista

O protagonista deste livro é uma das referências imprescindíveis para o conhecimento sobre Brasília como patrimônio histórico, artístico e cultural, inserido no panorama mais amplo da arquitetura e do urbanismo brasileiro e mundial. Sua reflexão e voz ativa no debate público traz a contribuição de um olhar lúcido e sensível que acompanhou e presenciou as desventuras do desenvolvimento da cidade e sua arquitetura, desde que ele "deixou de ser gaúcho e se tornou mais brasileiro" ao tornar-se um candango por força das circunstâncias de sua vida profissional. Sorte nossa que tivemos, e mantemos, o privilégio de compartilhar parte da sua trajetória em que se constituiu um personagem da cidade que nunca se furtou a se manifestar crítica e assertivamente sempre que é solicitado, apontando generosamente caminhos para a preservação patrimonial sem deixar de lado os desafios de uma arquitetura de qualidade, de um urbanismo socialmente mais inclusivo e ambientalmente sustentável.

Por essas razões, foi reconhecido como Cidadão Honorário de Brasília, título outorgado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal. A isso agregue-se a sua visão ampla defensora de um planejamento urbano integrado, uma paixão que lhe foi inoculada desde os cursos de pós-graduação do Instituto Brasileiro de Administração Municipal com a arquiteta argentina-brasileira Adina Mera e outros craques profissionais da gestão pública. Um outro lado que não pode deixar de

ser destacado é seu vínculo profissional, acadêmico e afetivo, com a docência no Instituto, depois Faculdade, de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Independente de ser aposentado, Coutinho é um professor permanente; que o digam seus incontáveis ex-alunos e alunas que reconhecem nele um mestre que ofereceu insumos, provocações e conhecimentos básicos, que levarão para sempre como fermento intelectual e cultural de todas suas carreiras. Por último, mas não menos destacável, é seu amor incondicional pelas atividades culturais e artísticas da cidade, desde concertos musicais, ao cinema (especialmente o Cine Brasília onde é presença indefectível), aos saraus, às exposições, teatros, museus, lançamentos literários de alto nível, balés, óperas, etc. Virou chavão se conferir o "selo Coutinho" como uma garantia de qualidade à qualquer evento que conte com a sua luxuosa presença, sempre elegante, afável e amistosa com a platéia participante, e especialmente aberto à conversas mutuamente estimulantes com jovens estudantes e recém-formados em arquitetura e urbanismo.

Esse caldo de cultura viva, crítica, atenta às transformações da realidade e do mundo, permanentemente renovada, nos dá a sensação de que, diferente do que ele diz ser - um "velho frouxo" -, inspirado em famosa frase de Darcy Ribeiro, ao contrário; ele se renova trazendo rebeldia inspiradora e admiração em todos eventos que participa. Um dos mais simbólicos e recentes foi a destinação como Espaço da Memória ao prédio SG-10 da UnB, projetado por Oscar Niemeyer, que abrigou por anos o CEPLAN- Centro de Planejamento que leva o nome do autor do projeto. Na sua reinauguração com a nova destinação, Coutinho foi convidado especial pela Reitora e fez um pronunciamento inesquecível

emocionando a platéia com um relato vivo das agruras cometidas pela ditadura militar contra a UnB. Além de ser repositório da memória do raro momento de presença de Lúcio Costa, o inventor da Cidade, em polêmico debate no auditório daquele espaço ironizou a fala de um colega presente que afirmou “ser difícil criticar a criatura em frente ao criador vivo”, ao que Lúcio respondeu humildemente: “não se preocupe, é por pouco tempo”. Enfim, tive o privilégio de ser autor da propositura do título de Professor Emérito que lhe foi concedido pela UnB, autoria pela qual ele me deu a bem humorada alcunha de "padrinho" (aquele que, quem tem, não morre pagão!). Essa publicação constitui, assim, uma merecida e justa homenagem, para nossa alegria, ainda na plenitude de sua vida. Viva longa para nosso mestre, o Professor Coutinho!

Benny Schvarsberg, Professor Titular da FAU/UnB

Memórias

Antes de ser apresentado formalmente ao Professor. Coutinho, já o tinha visto em eventos culturais. Sua onipresença e semblante simpático deu abertura para que passasse a cumprimentá-lo discretamente com um leve aceno de cabeça, mesmo sabendo que ele não tinha a menor ideia de quem eu era.

Em 2021, por sorte do destino, fui designado para trabalhar junto com ele no âmbito de uma comissão da Universidade de Brasília. Marcamos encontro em um café, pois os espaços do Campus da UnB ainda estavam fechados devido a pandemia da Covid-19. Foi ali que nos conhecemos e logo comecei a me encantar com as suas agradáveis narrativas sobre o passado, o presente e o futuro, sempre acompanhadas por uma análise crítica aguçada.

Nas reuniões frequentes para discutir assuntos relacionados ao patrimônio da UnB – que invariavelmente se estendiam para uma pluralidade de outros assuntos – fui percebendo o privilégio de desfrutar da sua companhia. Em um desses cafés fiquei pensando em como poderia registrar esses momentos. Pesquisei algumas passagens da sua trajetória, estruturei algumas perguntas e combinamos um dia para que pudesse registrar não exatamente uma entrevista, mas uma conversa descontraída.

Nos encontramos novamente em um café e o registro ficou bem maior do que eu imaginava. Obviamente que para finalizar o texto aqui apresentado, nos encontramos diversas outras vezes.

Obrigado Prof. José Carlos Córdova Coutinho, por compartilhar parte das suas preciosas memórias!

Eduardo Oliveira Soares, Arquiteto e Urbanista da UnB

Sumário

Juventude

Narrativas 25
Rio Grande do Sul 28
URGS 34
Moderno 42
Ensino 44
Brasília 46
UnB 57
A cidade de 500 mil 61

UnB

Professor 69
1977 73
Diretor da FAU 75
Nova República 80
ADUnB 83
Transição 86
Chefe de Gabinete 88

Personalidades

Mandela 95
Lucio Costa 99
Oscar Niemeyer 107
Burle Marx 111
Oscar Niemeyer II 113

Estudos

Pós-Graduação 125
Escritor 131
Livros 135
Artes 138
Poesia 140
Revistas 143
Trabalho Coletivo 144

Patrimônio

Diretor de Patrimônio 149
GT Brasília 155
Presidente do IAB 163
Oscar Niemeyer III 164
Governador 166
Tombamento 169
Oscar Niemeyer IV 171
Ceplan 174




JUVENTUDE

Narrativas

Eduardo Oliveira Soares: Professor Coutinho, após nossas frequentes conversas sobre arquitetura, Brasília e a Universidade de Brasília, além das histórias e memórias que o senhor compartilha com tanta riqueza, pensei em registrar algumas delas. Minha intenção é transformar essas narrativas orais em texto, que, embora perca um pouco do encanto da entonação e dos gestos, possa alcançar um público mais amplo. Aliás, palestras parecem ser a sua especialidade.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu não sou de escrever... eu gosto de palestras simples. Costumo fazer um roteiro, ou alguma anotação só para me dar segurança. Mas quando começo a conversar, muitas vezes me vem uma ideia ou me lembro de algo e me afasto do roteiro.

Eduardo Oliveira Soares: É que a narrativa oral é bem diferente. Quando começamos a escrever, focamos preocupados com as vírgulas, as palavras corretas, com os termos adequados e tudo acaba se transformando em algo diferente, vira uma outra coisa.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Estou em uma fase da vida em que tenho um baú enorme de lembranças, de fatos, de ideias. Coisas testemunhadas. Algumas coisas líricas e outras muito dramáticas. E já está na hora de juntar essas histórias. Mas é que tem que se sentar, redigir, trabalhar. É necessário um ambiente favorável.

Eduardo Oliveira Soares: Mas talvez gravar seja mais fácil. Gravar e depois transcrever.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Mas gravar sozinho não tem graça. Falar sozinho para um microfone não me estimula.

Eduardo Oliveira Soares: Fica muito frio mesmo. Eu acho que a pessoa fica até controlando demais, o que falar, o que não falar. Tentando corrigir o que disse.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Em uma conversa gravada, como essa, as coisas vão saindo. Depois, se faz uma revisão. Falando, a gente diz muita bobagem. Temos nossos cacoetes de linguagem: "Viu? Entendeu? Não é?" Quando a gente ouve fica horrorizado.

Eduardo Oliveira Soares: Aí fica pensando, eu falo assim? *(risos)*

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu não me reconheço. *(risos)*

Eduardo Oliveira Soares: Mas vamos ver o que nossa conversa rende. Estou gravando aqui enquanto vamos conversando, tomando café, encontrando pessoas, nos distraindo com o movimento ao nosso redor...

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Como você prefere? Estamos conversando e você vai me indagando, me orientando...

Eduardo Oliveira Soares: A ideia é falar da sua vasta

experiência e trajetória. Eu acho que vale registrar, porque, até agora está tudo disperso, não há uma biografia que reúna sua trajetória de forma completa até o momento.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Trajetória o quê? Esportiva? Sentimental? *(risos)*

Eduardo Oliveira Soares: Exatamente todas elas! O importante é gravar tudo, depois decidimos o que fazer. Acho que tem potencial para se transformar em algo interessante.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Inclusive se você achar que não corresponde ao que você espera, pode jogar no lixo. Eu não me importo. *(risos)*

Eduardo Oliveira Soares: Imagina! Desde já, acho que é um tesouro. Uma oportunidade única.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Você é que me orienta.

Rio Grande do Sul

Em 1953 eu fiz vestibular e entrei para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul. Naquele tempo não se chamava federal, era URGS. Depois, se tornou UFRGS. Me formei em 1960, este foi o ano da minha formatura e o ano da inauguração de Brasília. Naquela época era Faculdade de Arquitetura. Urbanismo era um curso de pós-graduação. Estudava-se urbanismo por dois anos. Era quase uma especialização, não dava título e não era mestrado, naquela época não tinha isso. O meu título era só arquiteto, depois é que eu fiz especialização, fora do país.

Antes disso, até a universidade eu tive uma educação tradicional de família de classe média. Eu nasci em São Leopoldo, a minha mãe era de lá, meu pai a conheceu lá, mas logo depois fui para Porto Alegre, com três anos e meio, quatro anos.

Eduardo Oliveira Soares: Sobre a coincidência de sermos gaúchos e eu ter vindo de Pelotas:

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Adoro Pelotas, e tenho boas histórias lá. Grandes carnavais que eu passei lá. É uma cidade culta. Inclusive tem uma rivalidade com Porto Alegre. Os porto-alegrenses maldosamente atribuíram a Pelotas "virtudes" que ela não tinha. Era uma cidade sofisticada culturalmente e socialmente. Então os porto-alegrenses se vingaram. Tem até anedota sobre isso. Repara que todo o estado tem um caso desses de

rivalidade entre a capital e uma cidade grande. São Paulo e Campinas. A Bahia é com Vitória da Conquista, se não me engano. Minas Gerais é Belo Horizonte com Santos Dumont. Diziam que Santos Dumont era refinado, inventou o relógio de pulso... então sempre têm essas rivalidades. Mas tem uma anedota que eu gosto muito. Na época do carnaval, fervilha lá em Pelotas. Inclusive Pelotas tinha a fama de ter as mulheres mais bonitas do estado. Isso também causava um ciúme de toda Porto Alegre. As mulheres mais lindas. Sim, um refinamento completo.

Tem também a catedral, linda! E tem um hotel muito bonito, o Grande Hotel, com o saguão central em estrutura metálica. Tem coisas muito lindas. E palacetes também.

Eduardo Oliveira Soares: Comento sobre o Centro Histórico que foi tombado há pouco tempo. E tem o registro pelo IPHAN. Patrimônio em dose dupla, material e imaterial.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Havia uma reivindicação para tombar os casarões. Era uma terra de escritores, de muita tradição cultural. Mas na época do carnaval, o evento atraía muita gente de fora. Lá tinha o "Bloco dos Sujos". Era uma imensa quantidade de gente…

Eduardo Oliveira Soares: De onde era sua família?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: São Leopoldo, era a casa do meu avô, e a casa de avós é insubstituível. Então eu ia passar as férias lá, em uma casa antiga com um quintal enorme cheio de galinhas, patos, árvores frutíferas. Era um paraíso. Naquela época dava uma viagem. Tinha que pegar o ônibus e seguir por uma estradinha estreita,

levava mais de uma hora. O ônibus passava no meio de um bosque de eucaliptos grandes. Era uma viagem. Tinha que fazer preparativos.

Eduardo Oliveira Soares: Agora tem até metrô lá. É um sopro.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Me criei em Porto Alegre, estudei até o primário em escola pública. Depois, no ginásio, entrei para um colégio religioso jesuíta, que era considerado o melhor colégio masculino. Na época eram colégios femininos e colégios masculinos. Era o Colégio Anchieta, dos Jesuítas, que eram considerados padres cultos da Igreja.

O primeiro grau eu fiz no Grupo Escolar 13 de Maio. Na época do Getúlio Vargas, do Estado Novo, as escolas tinham que marchar na Semana da Pátria, era uma época de grandes comemorações. Mas dia cinco de setembro era a Parada da Mocidade. Então reunia todos os colégios. Aquela coisa meio fascistóide que o Getúlio adotou aqui. Mas era bacana, despertava o espírito cívico. E a gente levava a sério a encenação. Um acontecimento! Aquele uniforme passado, o Colégio em formação, aquela rivalidade entre escolas, ("O nosso colégio está melhor que o deles.") Isso era no dia cinco de setembro. Dia sete, então, era a Parada Militar, aí a gente ia assistir. Esse era o espírito na época do Getúlio. Aí terminava o básico, que era o primário, como se dizia na época, e se fazia o exame de admissão para o ginásio. Era o secundário. Era o ginásio com duração de quatro anos que se seguiam aos cinco do primário.

Tinha o jardim da infância, que era no mesmo colégio.

O primário de cinco anos. No fim dos cinco anos, admissão para o ginásio. E aí se escolhia para onde ir: exame científico ou clássico. Geralmente eram colégios particulares de convicção religiosa. Mas eu fui alfabetizado em casa. Tinha uma prima do meu pai, que era professora, então eu fui alfabetizado em casa ainda muito cedo, com aqueles joguinhos de letrinhas de madeira.

Eu entrei no colégio primário, já sabendo ler, então eu tive uma vantagem. E no exame de admissão eu me saí muito bem, até a minha redação foi escolhida entre vários colégios. Mas não tenho nenhum diploma disso! *(risos)* Mas eu me lembro que comentaram: "Ah, foi a melhor redação daqui..." Isso me enche de orgulho até hoje. Até pouco tempo eu ainda tinha essa redação. É uma piada, claro, você lendo hoje.

O Anchieta foi um outro mundo, outro nível. Convivendo com pessoas da alta sociedade, famílias ricas e espírito religioso. Aquele espírito conservador. Os jesuítas botando coisas na cabeça da gente e a gente acreditando como sendo a verdade absoluta, incontestável. E eu só vim me dar conta mais tarde. Aí terminei o ginásio e entrei no científico no mesmo Colégio Anchieta.

Era, de fato, um excelente colégio no trato das matérias, como por exemplo, Ciências Naturais. Tinha um padre lá, o Padre Rambo, que era pesquisador, era um botânico sensacional. Outro padre professor de inglês com a cara do Van Johnson, que era um ator conhecido na época. As moças falavam: "Olha o Van Johnson!" Era um excelente professor de inglês que ensinava com a gente cantando canções americanas. Canções de cinema. Então era um ensino moderno e eficiente que preparava bem.

Me influenciou bastante, tanto que eu saí acreditando naqueles dogmas, na Santíssima Trindade, tinha que fazer as novenas, a comunhão. A cabeça cheia de preconceitos e de tabus.

Também teve um excelente professor de História, o Prof. Agostinho, que me despertou o gosto por essa disciplina. Era um bom Colégio!

Tinha também um colégio leigo, público, mas era considerado "suspeito". Porque eles ensinavam muitas "inconveniências." Os padres diziam: "Cuidado, cuidado com o pessoal de lá!". Mas que corresponderia hoje a uma orientação de esquerda. Nem mesmo de esquerda, mas liberal.

Terminado o Ginásio você podia ir para o Clássico, quem ia para Direito, Filosofia, Letras etc. escolhia o Clássico. Mas eu fugi do Clássico porque tinha latim. Eu detestava latim, sabe? Então fui para o Científico.

Eu não sabia bem o que eu queria, mas estava me orientando para o lado da Engenharia. Não existia Faculdade de Arquitetura. Era Belas Artes, Engenharia Civil ou Elétrica. Ou então Medicina, Direito, Filosofia, Matemática, aquelas coisas. E a Filosofia englobava as ciências, a Matemática, a Física. Era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Era Engenharia, Medicina ou Direito. Eram as carreiras que a classe média escolhia. E eu ia para a Engenharia, sempre dizia. E foi um colega meu no Científico, o Musa, que me influenciou. Eu gostava muito de desenhar.

Desenhar, principalmente carros e rabiscos, nos cadernos.

Um dia, já nas proximidades do vestibular, ele viu meus desenhos e perguntou, “Para onde é que você vai?” Vou para a Engenharia, Engenharia Civil, lidar com construções. E ele: “Por que você não vai para a Arquitetura?” E disse ele assim, mais informado que eu: “Foi recém-criada a Faculdade de Arquitetura, você gosta de casas, de construções, não é mesmo?” Ele era muito meu amigo. Olha uma boa dica. Aí eu fiz para Arquitetura.

Foi uma coisa meio acidental, meio circunstancial, mas deu certo.

URGS

Entrei na universidade em 1953, junto com o meu amigo Edson Musa, que depois se tornou um arquiteto conhecido no Rio de Janeiro. Era muito meu amigo, tem muita gente que se lembra dele lá no Rio de Janeiro. Ele foi para lá e não voltou mais. Ficou por lá.

Entrar na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul foi um choque para mim. Era um ambiente de universidade. Aquele confronto de ideias, debates, não havia verdades prontas. Tudo estava em discussão, reforma de ensino, liberdade de pensamento, questionamentos, vários grupos.

Funcionava num prédio antigo, onde era o Observatório Astronômico Coussirat de Araújo, que tinha saído de lá e o prédio foi ocupado pela Faculdade de Arquitetura, recém-criada, junto à Engenharia Civil. Então era uma extensão que sobrou, por isso deram. "Bota a arquitetura lá." Eram poucos alunos, era uma coisa provisória, uma coisa meio improvisada, um prédio velho. Depois construíram o prédio da Redenção, definitivo.

Mas antes estava ali em frente ao necrotério da Santa Casa. Imagina a faculdade em frente ao necrotério. E tinha uma praça em frente à engenharia. Então, quando começa a avenida João Pessoa e termina a 10 de novembro. Saía da Borges até a 10 de novembro, atual avenida Salgado Filho. Então, à esquerda tinha uma Pracinha bonita, cheia de plátanos. Nessa época do ano

estava dourado. Plátanos enormes, caíam as folhas, ficava um tapete dourado no chão. E ali ao lado tinha um necrotério que era em frente à Faculdade de Engenharia.

Aquele prédio antigo era acolhedor. A gente ocupava o prédio inteiro. Uma casa de avó. Um prédio antigo e muita gente ali dentro. É nesse ambiente que eu me defronto com uma outra realidade. Realidade intelectual, realidade social, realidade política. Um choque, sem dúvida que foi. E eu muito ingênuo. Aquele espírito com verdades já estabelecidas. Tudo certinho nos seus lugares, arrumadinho. Deus, pátria, família. *(risos)*

Os calouros éramos procurados pelos veteranos que pertenciam a grupos determinados, tinha a turma dos comunistas. Aliás, um parêntese, ontem, me parece, ou anteontem, foi o centenário do Partido Comunista Brasileiro. Tem uma matéria excelente no jornal, eu até separei, contando o significado de ser comunista. Naquela época era um ideal. Era aquele heroísmo da Revolução Russa que expulsou a tirania dos czares. Era a liderança de Marx, que era um idealista, a liderança de Lênin. Então, tinha um grupo dos comunistas que cultivavam essa origem recente. Eram idealistas.

Voltando à matéria que te comentei, ela fala na simultaneidade de alguns eventos nessa época, como a Semana de Arte Moderna. E em 1922 a criação do Partido Comunista Brasileiro. Que depois se dividiu em dois.

Não é por acaso. Era o espírito vanguardista, contestador, inovador e irreverente. Que jogava no lixo aquela herança cultural tradicional pequeno burguesa. E novos valores estavam surgindo, isso acontece na arte em todo o mundo.

A Primeira Guerra Mundial, que revolucionou. O surgimento da Teoria da Relatividade, o cubismo.

Tudo ao mesmo tempo. É a primeira metade do Século XX. E a Primeira Guerra, a Revolução Russa, que explodiu com todos aqueles valores herdados e abriu as portas para novos conhecimentos, novas visões de mundo.

Na faculdade encontro dois grupos, que eram os comunistas, que eram os mais impetuosos, de um lado, e os integralistas em oposição aos comunistas, liderados por Plínio Salgado. Integralismo era direita, seguindo a liderança internacional de Mussolini, já superado.

Getúlio nos primeiros tempos seguiu o modelo de Mussolini, dos sindicatos, criou o Ministério do Trabalho e a Previdência Social, tudo naquela linha trabalhista de Mussolini, do fascismo italiano. Que aqui não se chamava de fascismo. E o Plínio Salgado, que por sinal tomou parte na Semana de Arte Moderna. Vários integralistas Menotti del Picchia, Plínio Salgado, participaram da Semana de 22, mas seguiram caminhos diferentes. Oswald Andrade seguiu o Partido Comunista. O Plínio Salgado fundou o integralismo.

Um agito completo. E eu entro nesse ambiente. Procurando aonde ir. E na base da amizade. Eu era calouro, de modo que conhecer um veterano que me procurava era bacana. Os caras que eu gostava, inclusive, eu não perguntava o que pensavam, eu não sabia o que era isso. Os caras se aproximavam, "Vem cá comigo, vou te mostrar um negócio aqui bacana." E no meio dos dois, dos integralistas e dos comunistas tinha a JUC (Juventude Universitária Católica), que depois gerou a AP (Ação

Popular), famoso grupo de esquerda católico. Isso mais tarde. Eram aqueles católicos progressistas, mas ainda presos aos dogmas da Igreja. Faziam sinal da cruz.

De repente eles se defrontavam numa assembleia de estudantes e quebravam um pau danado, os integralistas, os comunistas e os da JUC. Integralistas e comunistas eram quase inimigos. Eu não gosto de usar a palavra inimigos, mas eram radicalmente opostos. E o pessoal da JUC, muito correto, muito certinho, vinha com aquelas bênçãos do céu, querendo pacificar *(risos)* E eram aquela coisa do caranguejo entre o mar e o rochedo. E eu não entendia nada daquelas coisas. Uma briga de opiniões. Tudo tinha um substrato ideológico. Mas o fato é que isso me sacudiu, mexeu comigo de uma maneira que eu considero que a minha vida, a minha personalidade, se forma exatamente nesse momento.

Eu tinha esses antecedentes religiosos, vindo do colegial cheio de convicções. Tudo o que eu fiz na vida foi com convicção, não foi por conveniência. Eu Conservava muito dessas convicções cristãs, mas comecei a adquirir outras ideias em cima daquela base cristã. A base cristã é o amor ao próximo, a compaixão, a bondade. Muitas dessas coisas que eu achava que eram valiosas.

A coisa não se esgotava aí, iam acrescentando outros valores. Eu hoje me dei conta que foi um processo interessante, mas na época era muito tenso. Eu me identificava com pessoas. E de repente, vinham de outro grupo e me alertavam: "Te cuida, que esse cara é integralista." Mas e daí? Eu gosto dele, ele me trata bem, eu aprendo. Aí vinha o contrário: "Prudência, esse cara é comunista."

Na época, me liguei a determinadas pessoas que eu admirava pelo seu intelecto e pelo seu espírito de cordialidade. Eu hoje lembro com muitas saudades de algumas pessoas. Tinha um cara que era um intelectual, o Demétrio Ribeiro, vinha de uma família tradicional e ele chegou a aprender russo para poder ler Dostoiévski no original. Era um cara inteligentíssimo, era um líder dos comunistas.

Entre os comunistas, tinha uma pessoa que eu admirava demais. E depois se ligou a minha vida, que era o Edgar Graeff. Ano passado foi o centenário dele. Ele foi um dos fundadores aqui da Arquitetura da UnB (Universidade de Brasília). O pessoal nem lembra mais quem é o Edgar Graeff. E foi quem me introduziu ao pensamento de Lucio Costa. Ele era apaixonado pelo Lucio Costa.

Eu era do Centro Acadêmico, ele me procurou para a gente fazer a primeira publicação de textos do Lucio Costa que saiu no Brasil. Fizemos lá um caderno, nem me lembro mais o nome. Era um livrinho, um caderninho em capa mole com textos do Lucio Costa.

Ele era um professor excelente de teoria da arquitetura. Foi quem me abriu as portas para pensar a arquitetura. Um ativista não da obra, mas do substrato do conceito, da essência da arquitetura.

A arquitetura é mais do que você está vendo. É o que está por trás, que não se vê. São as ideias que originaram essas formas.

É um cara a quem eu devo muito, a quem eu posso chamar hoje de mestre. Tanto que ele foi meu paraninfo. E a gente se deu muito bem a partir dessa publicação. Nos tornamos amigos. Foi um arquiteto pioneiro do movimento moderno em Porto Alegre.

Brasília surgiu quando eu estava no curso e a gente acompanhou com todo o interesse pois era do Lucio Costa.

Eu me formei em 60. No ano da inauguração. Foi uma festa. E tem um detalhe, no final do curso era costume... eu acho que quem introduziu isso foi a engenharia, as turmas de engenheiros e de médicos, que eram as faculdades mais fortes, costumavam fazer uma viagem à Europa. Trabalhavam o ano inteiro, rifavam carros, iam vender rifas na rua principal. Então se juntava dinheiro o ano todo, fazíamos bailes, festas, para acumular algum dinheiro para poder ir à Europa.

A arquitetura adotou isso, a minha turma no meu final do curso foi à Europa, em 1957, o ano do concurso. E eu me lembro que nós curiosíssimos pelo resultado do concurso que estava se realizando, soubemos do resultado na Embaixada do Brasil, em Roma, quando o embaixador nos deu a notícia: “Sabe quem ganhou o concurso? Foi Lucio Costa.” “Oh! Lucio Costa ganhou o concurso!” E aí a gente acompanhou a construção.

Era uma viagem de três meses, fomos para vários países da Europa. Muito tempo, mas uma viagem barata. Como estudantes, nós preparamos isso, mandando correspondências para associações de estudantes e

entidades culturais. Uma dava a hospedagem, outra dava o transporte. E nós passamos três meses a um custo de mil dólares por cabeça. Hoje não cobre nem a passagem aérea, na época ia-se de navio.

A saída era de Santos, São Paulo. Levava quase uma semana, atravessando o Atlântico com festas e eventos. Não eram esses navios de cruzeiro. Eram navios bacanas, os melhores que tinham das linhas italianas. A gente comprava a passagem com antecedência, reservava, tinha desconto. Olha, era um negócio primoroso, muito organizado. Estudávamos e trabalhávamos o ano inteiro para juntar o dinheiro que era coletivo. Cada um levava o seu no bolso, mas a viagem era coletiva. Éramos uns 17 ou 18 e um professor convidado.

Eduardo Oliveira Soares: O curso era predominantemente masculino?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Havia mais homens, mas havia algumas mulheres cursando arquitetura. Eram minoria na época. Mas foram também meninas, colegas. Enquanto viajamos, desembarcamos na Espanha, fomos à Espanha, Portugal, França, Bélgica, Holanda e Alemanha. Naquele tempo fomos à Alemanha Oriental. Berlim estava dividida. Metade era ocidental e a outra metade russa. Depois descemos fomos à Suíça e à Itália. Da Itália voltamos de navio também.

Uma experiência notável. E eu tive que escolher entre ficar e ganhar um ano, ou perder um ano nessa viagem. Depois acabei perdendo um ano no curso, porque naquele tempo não era semestre. O período era anual. Então eu disse, paciência, eu perco esse ano. Não me arrependi nunca.

Foi uma experiência valiosa. Foi o despertar para a vida adulta e profissional.

A viagem foi no último ano. E eu devo a essas figuras que me marcaram muito. E o Graeff, como meu paraninfo presidiu a minha formatura. Devo muito a ele pelo meu despertar. E essa destruição de certos preconceitos. O pessoal me dizia "Ele é comunista." E daí? Um cara excepcional, o Graeff. Mas eu respeito os comunistas, se o Graeff é. O Demétrio Ribeiro também, uma cabeça extraordinária. E outros.

O Graeff veio para Brasília e ele era um entusiasta de Brasília, em 1960.

Moderno

Sim, na primeira leva, ele dizia para mim, que estava recém-formado, "Vamos para Brasília! Aquilo é uma outra mentalidade." Nós lá estávamos na reforma de ensino. "Lá é um ensino moderno. É o ensino que nós queremos. Vamos para lá."

Ele recebeu um convite do Darcy Ribeiro para vir para a Universidade de Brasília. Ele me disse: "Vamos para lá, eu te levo." Eu disse, Graeff, não tenho o que fazer em Brasília. Estou recém-formado, eu quero abrir meu escritório, eu quero começar a trabalhar. Brasília não tem nada, só tem poeira! A gente vê isso no cinema. *(risos)*

E ele veio, e seis anos depois eu acabei vindo, em 1968. Encontro o Graeff, mas já fora da universidade. Ele se demitiu naquele grupo de 200 que saiu em 1965 (demissão coletiva da UnB no contexto da Ditadura Militar).

Essa experiência idealista da universidade durou três anos, começa em 1962, já em 1964 vem a Ditadura. Ele (Graeff) ficou mais um ano, mas não tinha mais ambiente. Passou a ser perseguido exatamente por ser comunista. Ele e mais duzentos e poucos saíram, se demitiram, o *(Roberto)* Salmeron[1] relata isso.

De 1965 em diante há crises principalmente no ensino

1 SALMERON, Roberto. A universidade interrompida (revista). Brasília 1964-1965. Brasília: EDU UnB, 2012.

da Arquitetura e das Artes, outro exemplo é o (Cláudio) Santoro, que também era comunista. Era uma época em que a intelectualidade, os grandes historiadores, os artistas, aderiram ao comunismo por causa desse fascínio de uma sociedade mais justa. Uma época do comunismo idealista. O Marx foi um idealista. O Marx não era um revolucionário. Revolucionários eram os seus seguidores. Ele era um filósofo que pregava soluções mais radicais. Mas era um momento de despertar de ideias.

Eduardo Oliveira Soares: Enquanto isso, o sr. ainda estava no Rio Grande do Sul?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Estava trabalhando. Cheguei a abrir um escritório com um colega. E a gente acompanhava com muito interesse tudo o que acontecia em Brasília, principalmente através da imprensa, da Revista Módulo, que era do Oscar Niemeyer, e da Revista Brasília. *Acrópole* era revista de arquitetura que antecedeu à *Módulo*. Depois surgiu a *Brasília Arquitetura Contemporânea*, a *BAC*, que foi criada pelo Gladson da Rocha, no Rio de Janeiro. Eu tenho todos os primeiros números.

Acompanhava com enorme interesse o que estava acontecendo em Brasília. E ainda tinha o *Jornal da Tela*. Naquela época, antes da sessão de cinema, passava o *Jornal da Tela* com as últimas notícias. Era um noticiário de uns dez minutos, com os complementos do filme. Sempre tinha antes do filme o Jornal da Tela e um desenho animado. Aí aparecia a Cidade Livre, que virou o Núcleo Bandeirante, e aquela poeira toda. E com o projeto de Niemeyer, de Lucio Costa, de todos os arquitetos que a gente conhecia, todos atuando aqui.

Ensino

E aí surge essa oportunidade em 1968, eu comecei a lecionar em Porto Alegre. Pouca coisa antes de vir para cá. Acho que nem completou um ano que eu fui convidado também por outro grande mestre, o Júlio Curtis, que era um mestre em patrimônio, sabia tudo de patrimônio, o Júlio Nicolau Barros de Curtis. Também criei uma identidade muito forte com ele em função desse gosto pela arquitetura tradicional que ele me passou. Sabia tudo sobre o Rio Grande do Sul e sobre o Brasil. Foi quem me ensinou a grande lição que eu desenvolvi aqui. Ele botava uma turma de alunos dentro de um ônibus, no período de férias, e saía de Porto Alegre rodando o Brasil, e chegou a ir até Belém do Pará.

Em uma época em que as estradas e os ônibus eram precários, com estradas em pista única. Ele fazia isso por amor. Ele ia parando em uns lugares onde tinha arquitetura antiga ou moderna. Passava por Parati, Ouro Preto, também por Belo Horizonte, onde visitamos a Pampulha e no Rio de Janeiro, o Pedregulho. Os alunos voltavam de lá exaustos e felizes. Durava um mês a viagem. Era um curso sobre rodas. Eu aprendi com ele e quando cheguei aqui adotei esse método.

Eu me arrependo de não ter participado de todas. Mas eu fui com o Curtis nas Missões de São Miguel. Até contavam... os alunos são cruéis, inventam umas histórias. Chegavam a ponto de ver uma alvenaria com tabatinga, aqueles blocos de pedra eram unidos com barro. Tinha

tabatinga, que era um barro vermelho, e o Curtis provava. Passava o dedo para ver se era tabatinga mesmo. Fizeram uma molecagem com ele, que passou o dedo e não era tabatinga era outra coisa. *(risos).* Ele lambeu o dedo e achou: "O que é isso? Tabatinga."

Eu devo muito a essas duas figuras, entre outras, naturalmente, mas o Curtis e o Graeff marcaram. O Graeff reencontrei aqui em Brasília, quando eu cheguei, ele estava aqui, mas já fora da universidade.

Brasília

Eduardo Oliveira Soares: A vinda para Brasília foi devido a um seminário, não é? Para a reestruturação do curso de Arquitetura. Na época era Instituto Central de Artes e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Exatamente a reestruturação da Arquitetura. Era Instituto Central de Artes e Arquitetura, IAA. Era o ICA/FAU. O Instituto Central de Artes e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo formava uma unidade. O ICC estava em construção. Só tinha a primeira parte, o primeiro trecho sul. O trecho do meio estava em construção. E o trecho norte estava nas fundações.

Eduardo Oliveira Soares: E as aulas de arquitetura eram onde?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eram nos SGs (Edifícios de Serviços Gerais da UnB) onde é o IdA (Instituto de Artes) até hoje. Tinham aulas no SG 10 Ceplan (Centro de Planejamento Oscar Niemeyer), e onde hoje é a Música (SGs 2 e 4). No Auditório de Música, o SG 8, havia aulas lá também, palestras. Eram naqueles prédios entre o Ceplan e o Auditório de Música.

Ali era a Faculdade de Arquitetura. Então nós dominávamos aquele conjunto. Não posso esquecer que eu cheguei aqui, nos primeiros dias, para participar do Seminário Nacional, tinha gente de São Paulo, do Ceará, do Rio Grande do Sul.

Era um Seminário Nacional que o IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil, convocou. O instituto foi demandado pelos alunos daqui para dar um apoio, para reorganizar o curso. Ele tinha um setor de educação para arquitetura. E as lideranças estudantis de arquitetura recorreram então ao IAB. O Miguel Pereira veio representando, ele estabeleceu contatos com a Reitoria, que autorizou o Seminário. Naquela época era o doutor Caio Benjamin Dias o reitor da universidade, uma figura mineira muito interessante. Um homem educado, culto.

Os militares não queriam assumir a linha de frente, então botavam os 'testas de ferro' e ficavam por trás, observando. O doutor Caio, que era uma figura acadêmica, muito bem aceito, era o homem de contato com a comunidade acadêmica. Por trás, fazendo a ligação com os militares, tinha o Capitão de Mar e Guerra, José Carlos Azevedo. Todos sabiam que ele era a eminência parda, quem controlava. E o doutor Caio, então, dava aquela feição acadêmica, universitária, foi ele que autorizou e o Seminário foi realizado.

Eduardo Oliveira Soares: Havia representantes de vários estados?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim, do Rio Grande do Sul era o Miguel Pereira que era um arquiteto muito entrosado na política profissional, e era membro e foi presidente do IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil. Ele chefiava essa comissão de ensino de arquitetura. Miguel foi o responsável por organizar, junto com os estudantes, este Seminário. Ele sabia quem convidar.
São Paulo, que era a melhor faculdade de arquitetura do país. O Ceará, que tinha lideranças que promoviam

a reforma de ensino da arquitetura. O Rio Grande do Sul tinha também recém feito uma reforma de ensino de arquitetura. A Bahia tinha ensino de música muito notável. O Rio de Janeiro que tinha ensino de artes visuais e artes plásticas. E então veio todo mundo para cá discutir o ensino de artes e arquitetura. Foi muito interessante. Foi uma semana de alta produtividade, de um debate notável de ideias. Onde se lançaram as bases da retomada dos ideais de Anísio Teixeira.

Eduardo Oliveira Soares: Essa foi a sua primeira vinda aqui a Brasília?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Foi e foi um impacto total. Brasília estava ainda no início, tinha oito anos de inaugurada. A Asa Norte, por exemplo, não existia. A W3 era um poeirão, com casebres de madeira onde funcionavam os melhores restaurantes da cidade. Tinha o João do Frango, o Xangô Baiano e mais uma churrascaria. Quando a gente queria comer bem ia para a W3 Norte.

A Asa Sul foi por onde iniciou a ocupação porque eram as superquadras dos institutos, na época era quem tinha o dinheiro. Os institutos de aposentadoria, dos bancários, dos comerciários... Enfim, eles tinham dinheiro e o Juscelino então usou o dinheiro dos institutos, dos militares. Tinha uma quadra da aeronáutica, tinha uma quadra do exército. E cada um aplicou na sua categoria profissional. O Banco do Brasil que tinha dinheiro à beça construiu várias quadras, na Asa Norte, inclusive. Mas começou lá pela 308 e 114 Sul.

Eduardo Oliveira Soares: Na Asa Norte tinha uns restaurantes, mas não tinham tantas superquadras ocupadas.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Tinha só uma quadra edificada nessa época que era a 312, aquela do tijolinho, onde tem o açougue do Luiz Amorim. Era chamado o Castelo do Cerrado, que sobressaía na paisagem deserta. A única quadra construída na Asa Norte era essa.

Foi um momento muito interessante, a cidade estava começando a tomar ares de cidade. Com alguma densidade construtiva na Asa Sul.

Eduardo Oliveira Soares: E a UnB?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: É o que hoje nós chamamos de Perímetro Histórico, que eram os prédios projetados pelo Alcides da Rocha Miranda e o grupo dele, entre os quais o Luís Humberto, o Elvin Dubugras.

Tinha o grupo do Oscar que construiu com o Lelé, o Glauco Campelo, o Ítalo Campofiorito e outros. Construíram os SGs, a Oca... as duas Ocas de Sérgio Rodrigues e ainda tinha um outro barracão de madeira, o bandejão, que era o restaurante universitário. Era aquele miolo que hoje nós estamos delimitando como sendo o Sítio Histórico. E o ICC estava em construção.

O seminário foi na universidade, no Auditório de Música. Mas o pessoal ficou hospedado no Hotel Nacional. O Seminário terminou em junho de 1968. E havia a previsão de organizar o semestre já não mais de acordo com

aquele calendário tradicional. Deveriam começar as aulas em dezembro, não teriam férias. O pessoal iria voltar às suas origens para resolver a sua vida, foi o meu caso, para dezembro estar aqui e começar as aulas.

Em dezembro ocorre o Ato Institucional nº5, e há uma invasão por tropas militares do campus da universidade. O que deixou todo mundo apavorado, eu, inclusive. Porque aquelas denúncias do Roman Blanco, lembra desse nome? O Roman Blanco era um professor espanhol. Mas era um professor suspeito, tipo cobra mandada, que fez denúncias terríveis. E a gente sentia claramente que era cobra mandada. Denunciando a promiscuidade de professores, de alunos, nos alojamentos.

A Colina *(blocos de moradias da UnB)* já existia. E aqueles galpões de obra que viraram alojamento. Era a atuação do DCE com o Honestino Guimarães. Diziam que era uma bagunça, não tinha quem controlasse. Foi o pretexto necessário para invadir o *campus*.

Foi nesse período em que eu fui para o Rio Grande do Sul para organizar minhas coisas e voltar em dezembro. Eu tinha 33 anos. Diante disso pensei, será que eu vou? Aquilo lá está um horror. E o Seminário já ficou sob suspeita. Todo mundo sabia que era um grupo à esquerda, de oposição à Ditadura. Era um pessoal jovem, profissionais, que não compactuavam com a ditadura e com o golpe militar. Mas eles (militares) tiveram que aceitar isso, que era a única forma de organizar, fazer com que os estudantes aceitassem.

Nesse intervalo entre a demissão de 1965 e a retomada em 1968, foram três anos praticamente em que eles não

podiam aceitar o fechamento. “Os professores saíram, não é? E agora?”

Eles procuraram soluções de emergência. Houve vários reitores nessa época, houve o Zeferino Vaz, o Laerte Ramos que foram se sucedendo no cargo de reitor controlados pelos militares. Então, nestes três anos, a reitoria adotou soluções de emergência para favorecer os alunos que estavam no meio do curso quando foi interrompido. Trouxeram o pessoal do Paraná; Jaime Lerner, Lubomir Ficinski, José Gandolfi, aquele grupo forte do Paraná que se celebrizou com grandes projetos. Trouxeram porque eram as estrelas da arquitetura dessa época. Eles brilhavam.

Veio o grupo e deram aquele pacote. Um pacote pronto. E os estudantes não ficaram satisfeitos. Aquele ativismo de projeto, vai fazer projeto e tal... vai na prancheta, faz projeto. Mas não era um curso consistente do ponto de vista conceitual, teórico enquanto seus objetivos, como era o projeto inicial do doutor Alcides. Então a coisa foi se arrastando, formaram uma turma, formaram outra...

Veio o Sílvio de Vasconcelos, de Minas Gerais. Ele foi diretor e um dos criadores da faculdade lá em Belo Horizonte. E era uma figura muito conhecida, porque ele editou vários livros sobre a história da arquitetura brasileira. Então era uma estrela. Também não deu certo. Porque era um sujeito muito conservador. Os alunos não aceitaram bem. Então passava um semestre, dois, e iam embora.

Foi quando os estudantes falaram: “Basta!” Aí fizeram uma greve, lacraram as portas, com *Araldite*. “Não entra

ninguém!" Havia professores, inclusive, que achavam que não era esse o caminho, essa solução. E os estudantes mais radicais: "Aqui não entra ninguém! Nem quem é a favor, nem quem é contra! Pronto. Está fechada até a coisa ficar decente." Foi quando criaram aquele famoso slogan: "Nós não queremos formatura, nós queremos formação." E o autor desse *slogan* foi o Aleixo Furtado.

Virou um lema aqui. "Queremos formação, não formatura." E todas as soluções eram para proporcionar a formatura. Para os alunos terminarem o curso. "Nós queremos é formação, queremos é debater, queremos aprofundar."

Uma liderança muito forte dos estudantes. Tinha o Roberto Castelo, o Tancredo Maia Filho, o Márcio Villas Boas e outros. Era um grupo muito forte, um grupo muito maduro de estudantes que já não eram mais crianças. Já tinham alguns anos acumulados. Então acionaram o IAB.

Eduardo Oliveira Soares: Nessa época tinha vestibular para entrar na Arquitetura ou pararam as matrículas?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Tinha vestibular, mas você fazia vestibular não para a Arquitetura, e sim para a área. Era o modelo do Darcy Ribeiro e do Anísio Teixeira para não obrigar uma decisão imatura dos estudantes, que é o que acontece hoje. Estudante com 17 anos escolhe uma profissão que ele quando entra fala: "Não era bem isso que eu queria." Então ele entrava para a área de ciências, a área de humanidades, a área de artes.

Durante quartos semestres ia conhecendo tudo, ampliando o horizonte. Conhecia um pouco de cada coisa e concluía "É disso que eu gosto!" E às vezes o aluno

descobria uma coisa que nem tinha pensado no início. Cinema, era um curso universitário que foi pioneiro no Brasil. Foi uma ideia do Paulo Emílio Sales Gomes. Então a coisa estava crescendo, nascendo praticamente de ideias vanguardistas. Por exemplo, as Artes Visuais. O que é arte visual? Design... Design Industrial. Eram campos novos que estavam se abrindo nessa época. E no básico, como eram chamados esses semestres iniciais, você tinha um panorama completo. "Ah! Então é isso que eu quero. E não tinha pensado." A proposta da universidade foi essa. Você entrava para uma área e não para um curso, uma profissão. Depois de estar lá dentro, você ia escolher o curso profissional.

Medicina, por exemplo, entrava para a área de Saúde, todas as opções possíveis dentro da área de Saúde estavam ali. Na área de Humanidades era Sociologia, Antropologia, História e Geografia. Tudo se ramificava. A área de Ciências, que era o Instituto Central de Ciências, era a grande área de peso, a área vertebral da universidade era o Instituto Central de Ciências. Dali irradiava a Física, a Química, a própria Saúde, se não me engano... a Biologia. Enfim, todas as possibilidades na área de ciência pura ou ciência aplicada.

Era a grande ideia do Anísio Teixeira, que não foi ele que inventou. Ele era um homem muito culto e ele sabia o que se passava no mundo, se baseou no modelo norte-americano de universidades. Era um homem de esquerda, foi buscar nos Estados Unidos o que era o melhor modelo que se adaptasse ao Brasil.

Esse era o panorama. E na área de artes, que era nossa, um pessoal importante estava aqui, Oscar Niemeyer, por

exemplo. Nasceram juntos com a universidade. Foram convidados para iniciar esses cursos o Graeff, o Alcides da Rocha Miranda, o Oscar Niemeyer.

Eduardo Oliveira Soares: O Ceplan, o Centro de Planejamento, já tinha uma influência em relação ao ensino de pós-graduação?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Quem era o diretor da Arquitetura não era o Niemeyer, ele foi o primeiro diretor do Ceplan. Ele estava interessado nos projetos dos edifícios da universidade. E o doutor Alcides da Rocha Miranda... Não se liberta do doutor Alcides... Era o Alcides da Rocha Miranda e ele além do mais tinha uma filha que começou a estudar arquitetura aqui. Mas ele era, além de um grande arquiteto... tem naturalmente esse pedestal do Niemeyer, mas um arquiteto muito sério. Ele era voltado para a área de história, patrimônio histórico também. Ele dirigiu o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não era o IPHAN na época. SPHAN, Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. E ele foi quem iniciou o patrimônio histórico aqui em Brasília. Era uma coisa pequena. O doutor Alcides e a dona Belmira, que era a secretária dele, iniciaram uma representação do patrimônio histórico nacional aqui em Brasília. E projetou os primeiros edifícios, as FEs. Na Faculdade de Educação funcionou a Reitoria e o Auditório Dois Candangos.

Devido à pressa da inauguração, contrataram o Sérgio Rodrigues que construiu as duas Ocas, ele estava exatamente pesquisando a pré-fabricação em madeira. Inicialmente, era uma técnica de mobiliário, que era o forte dele. Tudo já concebido, modulado. Era só chegar aqui e montar rapidamente.

Foi um momento muito interessante, mas tinha uma pressão política muito forte. Uma desconfiança dos mandatários em relação à tendência política da comunidade acadêmica. Os intelectuais na vanguarda eram de esquerda, queira ou não, eram de esquerda. Não precisavam necessariamente ser comunista, mas eram oposição à Ditadura Militar. Ninguém era a favor do Golpe Militar. Entre estudantes e professores, um ou outro, talvez. Mas eles sabiam que estavam trabalhando e dormindo com o inimigo. Ou eles aceitavam isso ou fechavam a universidade. E a universidade já tinha uma divulgação, uma repercussão, inclusive internacional. Pegaria muito mal fechar a universidade. E a universidade era muito ligada, assim visceralmente à própria cidade.

Eduardo Oliveira Soares: A arquitetura estava em destaque na cidade, especialmente por causa da influência do Niemeyer. Não seria bem-visto encerrar o curso. Ainda mais um dos três primeiros a serem fundados.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Exatamente. Curiosamente, apesar de saberem que o Niemeyer era comunista declarado. Ele era um comunista folclórico. Porque, era aquela coisa, comunista, mas com comportamento flexível. O interesse dele era mesmo na arquitetura. Quando elaboramos a nova proposta pedagógica para a Arquitetura fomos consultá-lo. Ele nos recebeu em uma casa nas 700 sul. Tenho até hoje essa conversa gravada em uma fita de rolo. Ele "deu a benção" na proposta. Falava que o curso de Arquitetura na UnB era "A filha que eu criei e caiu na vida."

O Niemeyer queria condições para realizar a sua arquitetura, e o governo militar precisava da arquitetura

dele. Tanto que o próprio Setor Militar Urbano foi projetado por ele. Vários edifícios públicos foram projetados pelo Niemeyer, apesar da Ditadura. Projetou um estádio... embora ele tenha se exilado. Ele saiu e nessa saída dele levou muita gente com ele para a Argélia e lá projetou os edifícios da Universidade de Argel. O país tinha recém se tornado independente, antes era colônia da França. Passou uma guerra terrível, a guerra da Independência. Instalou-se um regime de esquerda e convidaram o Niemeyer. Ele já tinha um currículo apreciável e foi projetar a Universidade de Argel. E ele foi e levou uma turma grande daqui, inclusive o Graeff. O Graeff foi para lá.

Pois foi esse vácuo que se criou em 1968, pela saída do pessoal, esse vácuo abriu o caminho para a entrada de aventureiros aqui também. Gente que vinha sem condição nenhuma. A universidade estava precisando de gente e eles nomeavam, eles contratavam. Contrato por tempo determinado. Até se estruturarem as carreiras, era um contrato.

UnB

Eduardo Oliveira Soares: Como foi sua experiência ao iniciar no curso? Quais disciplinas você começou a lecionar? Já eram relacionadas à teoria?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim, aí já estava um projeto elaborado no seminário de reabertura. Já estavam estabelecidas as bases e as diretrizes. Claro que tinha muita coisa ainda por resolver, muitos detalhes. A gente trabalhava dia e noite, ia até três horas da madrugada em reunião.

Minha terceira etapa de vida, a primeira foi até entrar para universidade, que eu te contei, me deu uma sacudida. E a outra etapa foi Brasília. Isso aqui era um sonho. Um sonho vivo.

Era uma forma de atuação política. A Ditadura fechava todos os caminhos, mas o campo do ensino era uma forma de luta política, para aplicação de ideias. Não eram ideias subversivas, mas conceitos que para os militares eram suspeitos.

Por exemplo, eu dava aula de projeto e levava a minha turma lá para a invasão do IAPI para dar aula de habitação. Ela nasce junto do Hospital JK que foi o primeiro hospital de Brasília. Um hospital sempre atrai muita gente que vem em busca de tratamento. Ao redor tinham terrenos disponíveis, então começaram a construir barracos.

Foi a primeira grande favela de Brasília, a invasão do IAPI. Era chamada invasão, porque o terreno não era próprio. Eles foram ocupando, foram chegando, construindo, quando se viu tinha uma cidade de madeira em volta do hospital. Era do outro lado da pista. E ali então se forma a famosa invasão do IAPI, que depois é retirada para a Ceilândia.

A Ceilândia tem como origem e razão de ser a invasão do IAPI, que já tinha sido a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante, que antes era conhecido como Cidade Livre. Migrantes, recém-chegados, se estabelecendo ali em volta do hospital. O hospital era um apoio.

O problema habitacional dominava as preocupações da arquitetura nessa época, foi quando se criou o BNH, Banco Nacional de Habitação. A política habitacional da ditadura, era o grande tema de discussão e a questão era: qual a alternativa para os conjuntos residenciais?

Eduardo Oliveira Soares: A cidade em uma década já mostrava que não acolheria toda a diversidade da população. A ideia inicial de convivência de todas as camadas sociais no Plano Piloto não se viabilizou.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Isso aqui era Brasil, não é? Vinha gente de todo o país em busca de oportunidades. Chegaram aqui, não tinham onde morar, vinham em busca de trabalho, às vezes não tinha trabalho para todo mundo. Então aquelas iniciativas... bota uma birosca, bota o serviço de carregador e tal, se vira para sobreviver.

Na FAU a gente discutia o problema habitacional. Era uma

das perspectivas do arquiteto se formar e ir trabalhar na política habitacional. Qual a solução que nós tínhamos em contraposição àqueles conjuntos horrorosos do BNH? Eu levava os meus alunos lá para a invasão do IAPI. Que era uma coisa aguda, estava fervilhando aquilo ali. Levava o pessoal lá para fazer levantamentos, fotografias e fazer um desenho melhor.

Eduardo Oliveira Soares: Imagino o choque disso, de ver que a cidade planejada pelos arquitetos acabou originando ocupações precarizadas. Como então se planejaria algo realmente exequível para a realidade brasileira?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Isso aí já é outro capítulo, porque uma crítica feita no julgamento do Plano é que ele não tinha suficiente gradação social na sua arquitetura, foi quando o Lucio Costa, então, introduziu as quadras 400, elas não existiam no plano original. Eram prédios simples, não tinham elevador, o que economizava. Não tinham piloti, ocupavam toda a projeção. Com isso, os apartamentos eram mais baratos, e os funcionários de menor renda podiam morar. Teoricamente era assim, mas a procura fez levantar os preços. O pessoal que recebeu de graça esses apartamentos, de repente cresceram o olho, "Se eu trabalhar a minha vida inteira eu não vou ter o que eu posso ganhar vendendo meu apartamento." Os funcionários que continuavam a chegar, não tinham onde morar e iam para esses apartamentos, que apesar de mínimos, eram decentes.

Eles vendiam os apartamentos e iam para Taguatinga, que estava começando. Era exatamente com o pessoal que saía, que transbordava do Plano Piloto e não tinha

onde alojar. Foi um desenho às pressas para Taguatinga, lotearam e o pessoal foi, com o dinheiro da venda do apartamento, era uma boa quantia considerada a renda desse pessoal, que era porteiro, faxineiro, motorista de Ministério.

Comprava um lote, construía um barraco na frente e mais quatro ou cinco no fundo do lote, eram super ocupados, eram lotes de bom tamanho. Na frente eles botavam um negocinho lá, uma birosca, vendia cachaça, pastel, ganhavam um dinheiro. A mulher tomava conta enquanto ele vinha trabalhar no Ministério. Aquela criatividade do brasileiro que se vira, inventa soluções.

A cidade de 500 mil

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: O crescimento da população foi muito rápido. O Lucio Costa projetou a cidade para 500 mil habitantes. Lançado o concurso um dos concorrentes perguntou quantos habitantes eram e assim foi estabelecido, por causa de uma consulta.

Quando eu cheguei em Brasília já não se falava mais em 500 mil porque estava explodindo a cidade, se percebia que muita gente não tinha lugar previsto aqui. O Núcleo Bandeirante já estava superpovoado, a Candangolândia, já existia Taguatinga.

Planaltina era longe, tinha uma população mais tradicional. Só existia o centro histórico, pouco depois, o Paulo Magalhães fez um projeto para ampliação de Planaltina que é a Vila Buritis. Ele fez um projeto que era um anexo de Planaltina para preservar o centro histórico, conectava com a Vila Buritis.

Até Brasília já estava transbordando e estava claro, quando cheguei aqui já se falava em 600 mil habitantes.

Um dia perguntei para o Lucio Costa naquele famoso encontro que o Graeff proporcionou quando o Lucio Costa veio, foi em 1974 para o Seminário sobre Brasília. Ele esteve na UnB. Mas ele veio para o Seminário no Senado.

O Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, nós bolamos aqui na universidade, levamos a

ideia para o Senado, que realizou com recursos próprios. Convidaram o Lúcio Costa e ele aceitou. Foi uma surpresa. A primeira vez que ele veio a Brasília depois da inauguração. Quatorze anos depois. Ele não veio para inauguração.

Mas ele tinha aqui um álter ego, não é? Que era o doutor Augusto Guimarães. Ele estava informado de tudo o que se passava aqui através do Augusto Guimarães. Ele orientava no Rio e o Augusto plantava e quebrava os galhos. O Lucio tinha a maior confiança nele e eles se entendiam às mil maravilhas. O Augusto Guimarães foi para o Lucio Costa, digamos, o que o Nauro Esteves foi para o Oscar Niemeyer, um braço direito. Era a extensão do Lucio Costa, a confiança era máxima, pela capacidade, pelo conhecimento, pela identificação com a obra.

Quando o Lucio veio, eu acho que foi no Brasília Revisitada, lá por 86, 87... O Graeff telefonou e disse, "Eu estou aqui com o doutor Lucio..." Era doutor Lucio para cá, doutor Lucio para lá. A gente tratava como Lucio... E ele disse, "Estou aqui com o Lucio no hotel e a gente quer tomar um chope. O que você sugere?"

Não tinha muitas opções. Na época tinha o Beirute e tinha recém-criado o Moinho, que era uma extensão do Beirute lá na ponta da Asa. E era um bar que estava fervilhando de gente. "Eu tenho que levar o doutor Lucio em um lugar de movimento, para ele ver Brasília, hoje." E eu digo, então é o Moinho. E aí nos encontramos lá no Moinho. Tem uma fotografia que está no livro da Maria Elisa, o livro do Lucio, aquele grande, que ela fez (Registro de uma vivência), tem uma fotografia dele no Moinho.

Dá uma olhada que tem lá uma foto, uma mesa redonda, todos sentados em volta. Entramos lá, era um bar frequentado por jovens estudantes. E quando chegou o nosso grupo, o pessoal reconheceu o Lucio e foi uma salva de palmas. Foi emocionante. E ele sentiu, deu para ver que ele sentiu. E ele sentou e veio uma menina lá de trás, estava sentada lá atrás, veio assim por trás dele e deu um beijo na careca. Foi aquela risada, mas ele gostou, claro. *(risos)*

Nessa conversa na mesa eu aproveitei. Eu já o conhecia, eu ia ao Rio e ia visitá-lo lá no MEC. Oh doutor Lúcio, me resolva uma dúvida aqui... A cidade foi feita para 500 mil. É o que foi estabelecido. Mas eu cheguei aqui e nunca mais ouvi falar em 500 mil. Só ouço falar em 600 mil. Onde é que isso está escrito? Esse aumento do teto? E ele, daquele jeito... "Olha, sei que a Constituição da Inglaterra nunca foi escrita, mas todo mundo segue." *(risos)* Foi a resposta que ele me deu. Achei ótima. Ele respondeu, mas não respondeu. Saiu pela tangente. É que a coisa foi entrando em um consenso que não dava mais para aguentar com 500 mil.

Eduardo Oliveira Soares: Fale sobre a visita do dr. Lucio ao Ceplan.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Acho que foi na primeira visita, quando ele veio para o Seminário do Senado, em 1974. O Cláudio Arantes, que trabalha no Ceplan, sabe bem dessa história, ele era estudante. E era um estudante contestador, crítico. Era crítico de tudo, mas principalmente de Brasília. Ele queimou o Lucio na visita ao Ceplan: "Ah, isso aqui não deu certo, aqui não

podia ter sido assim e tal." E ele se deu conta de que ele estava inoportuno, se excedendo, não era o momento para aqueles comentários, críticas. E parou e disse: "É muito difícil criticar a criatura quando o criador está vivo." *(risos)* E o Lucio dá aquela resposta: "Não será por muito tempo." *(risos)* Eu até encontrei o Cláudio Arantes agora e comentei, eu falo muito em ti por conta daquele episódio. *(risos)* A diferença é que hoje a gente pode conversar tranquilamente, sorrindo. Sem os antagonismos daquela época. Aí rimos, brincamos. Hoje ele naturalmente está amadurecido, não é? Pelas experiências e pela idade.

A visita, foi uma coisa que não constava do programa oficial. Foi algo do interesse dele passar por lá. Ele fez questão. Divulgaram... "Ah, o doutor Lucio lá no Ceplan, tal hora." Encheu. Tinha gente em pé naquela parte de cima, poucos assentos no auditório. E naquela época não tinham poltronas. Hoje tem umas cadeirinhas. Eram umas almofadas nos degraus, uns fardos de plástico em cima do degrau. Então a capacidade era pequena. Estava assim de gente, curiosidade sobre o mestre. Cheio de estudantes, professores, estavam todos praticamente. E o Cláudio sai com essa. *(risos)* Outro café?




UNB

Professor

Eduardo Oliveira Soares: O que você pode nos contar sobre os professores que ingressaram na turma de 1968?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu me lembro de alguns. Dos primeiros: o (José) Galbinski, o Zimbres, que era da primeira turma ainda. Não tinha ninguém aposentado. Eu acho que o Miguel ainda estava por aqui, o Ricardo Farret. Tem alguns nomes que aparecem nos anais do Seminário.

Os estudantes depois do Seminário reclamaram que ele foi muito bom, as propostas eram ótimas, criamos um documento, tem que ser feito isso, isso e aquilo... "E está ótimo, mas, quem é que vai fazer? Não é? Vocês agora voltam e ficamos sozinhos aqui. Com quem é que a gente pode contar? Vocês têm que vir nos ajudar." Perguntaram um por um. "E você? Você topa ficar?" "Ah, eu não posso porque tenho escritório." "Eu não posso porque tenho faculdade." "Eu não posso..." Principalmente o pessoal de São Paulo.

Uns toparam, não é? Foi o meu caso, e do Farret, aqueles solteiros que não tinham grandes amarras. E eu estava começando como eu te disse, na faculdade, estava começando a lecionar. Eu não posso jogar fora isso. Meu escritório também tinha projetos. Tinha compromisso com o estado, trabalhava no setor de planejamento urbano, na Secretaria de Obras. Mas eu disse, olha, eu topo, mas eu preciso arrumar minha vida. Eu não posso largar aquilo

de repente. Então me deem um tempo para resolver lá. Então eu pedi licença por seis meses para a faculdade e o estado.

Era o meu plano passar seis meses aqui e voltar, no fim da licença, retomar. Mas aí a licença terminou e o trabalho aqui era contínuo, não tinha começo, meio e fim. Era uma coisa que quando disparava, ia longe. Era apaixonante, era um desafio. Trabalhava dia e noite. Nós nos apaixonamos pelo trabalho. No fim dos seis meses, bom ou eu volto ou sou demitido na faculdade. Aí eu pedi afastamento na faculdade, pedi demissão. Eu era assistente do Júlio *(Barros de)* Curtis, ele entendeu.

Lembro quando eu cheguei aqui no Seminário. Primeiro dia, eu não conhecia Brasília, não conhecia a universidade. Eu fui lá, eu fui como ia na minha universidade, em Porto Alegre. Quando o Curtis me convidou para ser assistente dele, ele me disse, "Olha, só vou te recomendar três coisas que o professor tem que ter e que eu exijo na minha disciplina. Professor tem que ser pontual. Não pode deixar os alunos esperando. Tem que chegar primeiro que os alunos. Segundo, não aceita que te chamem de tu". Lá é tu. "Professor tem que ser chamado de senhor. Na roda de chope, sai depois para tomar chope, ali é tu, é você, não importa. Mas em aula é o senhor. Terceiro: paletó e gravata. Professor tem que se apresentar bem-vestido, de paletó e gravata." Nada de bermuda, nem se fala, naquele tempo não existia, nem de camisa esporte. "Professor tem que vir vestido como professor." E eu tomei a coisa a sério. Bom, não custava. Ainda mais que lá o clima é frio, e tal. Paletó e gravata.

Eu cheguei aqui com terno escuro, gravata, e me

apresentei no primeiro dia do Seminário, lá no *campus* e o Graeff me recebeu, ele era um encanto de pessoa. E disse, "Eu vou te mostrar aqui o ambiente para ver como é." E eu fiz um passeio com ele pelos SGs aqui. Ele fez questão de me mostrar. Me levou até o Ceplan. E fomos em direção ao Auditório de Música, que fica naquela elevação. Eu me lembro do comentário que ele fez, era um entusiasta. "Olha que coisa linda isso esses prédios brancos, aquele auditório."

"Isso não parece a Acrópole?" dizia ele. Eu cá comigo, é um pouco exagerado... Mas ele de fato lembrava, aquele Auditório de Música, aqueles dois blocos formando uma perspectiva. Então o Graeff comparava com a Acrópole porque ele era um apaixonado e teve que sair, não é? Depois eu até falei para o Graeff, você lembra quando você me convidou para vir, que eu recusei? Eu estou aqui agora.

Depois ele foi anistiado, voltou para o *campus*. Mas ele quando saiu daqui foi para Goiânia. E fez um trabalho excelente lá de reestruturação do curso de Arquitetura. Tanto que até hoje o Graeff é celebrado lá em Goiânia. Comemoraram o centenário dele, organizaram uma série de eventos, eu até fui lá. Recebi um convite para dar meu testemunho sobre o Graeff. Tenho um respeito enorme pela memória dele.

Eduardo Oliveira Soares: Na FAU/UnB tem o Cediarte - Centro de Documentação Edgar Graeff.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Pois é. Tem o Auditório do IAB também que recebeu o nome dele, mas aquilo está em ruínas.

Eduardo Oliveira Soares: Sobre o fato de ser memória viva, o que diz?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Esses dias me ligaram da Secom, a Secretaria de Comunicação da UnB, porque a imprensa, a mídia de um modo geral, sempre que precisa de informações, liga para a Secom, e eles indicam alguém. Então me ligaram. "o Correio Braziliense está preparando uma matéria sobre a inauguração, sobre a universidade, os sessenta 60 anos. O senhor, pode atender?" Eu disse, claro, é obrigação da gente. E queriam um testemunho sobre a inauguração, "O senhor se lembra?" Eu disse, ah minha filha, eu sou velho, mas não tanto. *(risos)* Eu não estava aqui na inauguração. Mas porque a gente não sugere a ele não fazer só sobre a inauguração, mas a trajetória da universidade. Acabou se transformando em outra coisa.

1977

Eduardo Oliveira Soares: Sobre a trajetória da universidade, na década de 70, há também sua passagem pela direção do ICA FAU.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Foi em 1977, em uma das invasões. Uma das inúmeras! A de 1977 foi braba. Eu estava na direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. O Paulinho Veiga me deu um trabalho. Ele era o líder da Libelu (Grupo Liberdade e Luta), morreu mês passado, o Paulinho.

Eduardo Oliveira Soares: Também nessa época, tinham as correntes políticas dentro do curso de arquitetura? É a mesma coisa que vinha desde a década de 50 lá em Porto Alegre?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Só que ali eram os grupos de oposição. Na verdade, durante a ditadura só tinham dois grupos: ou a favor ou contra. Não se falava em partido, não existiam os partidos. Existia o MDB que era o Movimento Democrático Brasileiro, e existia a Arena, que era o grupo de apoio à ditadura. Era o grupo conservador, reacionário mesmo. Depois foram se formando os partidos, mas dentro da universidade começaram a surgir protestos visíveis. Era proibido assembleia. Passeata, nem pensar. Então, os estudantes se reuniam no centro acadêmico, no DCE, foi quando surgiu o Honestino (Guimarães).

Lá na arquitetura tinha o José Antônio Prates que rivalizava com o Honestino. Mas eram coisas praticamente clandestinas. Eram grupos que se reuniam, iam fumar maconha no taquaral (bambuzal).

Começaram a surgir as dissidências da esquerda, a esquerda como sempre, ela se subdivide. O Partido Comunista gerando PC do B. Também tinha AP *(Ação Popular)* que era católica. A Libelu *(Grupo Liberdade e Luta)*, que era trotskista, tinha a Convergência Socialista que era maoísta. Sei lá, viu? Eu estou chutando... Tinha a linha maoísta, linha trotskista, e outras linhas. E cada uma com as suas próprias lideranças. O Paulinho Veiga da Convergência Socialista que era uma dessas linhas.

O que eu vi em uma escala maior foi o que resultou em uma linha que foi fazer guerrilha no Araguaia. Era uma linha radical da esquerda, que não tinha apoio da esquerda inclusive. O que todos os outros da oposição achavam que era uma loucura, fazer guerrilha no Araguaia. "Isso aí é um suicídio, que só vai atrapalhar a luta da oposição, aumentar a repressão." E não deu outra. Foi aquele massacre lá no Araguaia. E ainda se aproveitaram para identificar toda oposição com a guerrilha do Araguaia. "Estão vendo? A gente tinha razão!" Essas diversas correntes, isso é muito próprio da esquerda, diga-se de passagem, tem sempre as suas lideranças individualizadas.

Diretor da FAU

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Foi no início da década de 1970, era para ser um período de dois anos, mas o (José Carlos) Azevedo, o Reitor, me tirou antes. Ele me cobrava coisas, ele não se conformava porque eu não reprimia os estudantes. E ele me cobrava: "Tem que acabar com isso." Ele tinha uma expressão, dizia assim, "Tudo o que acontece de ruim na sua universidade começa por ali. É o epicentro arquiteto-comuniquês." É que a gente era vizinho da Faculdade de Comunicação, que se identificava conosco. A gente vivia ali conversando. No Minhocão (ICC), na hora do intervalo a gente batia papo. E o vice-reitor era da Comunicação nessa época, o Marco Antônio Guimarães. E o reitor dizia que na arquitetura só tinha barbudinho, como ele chamava. Barbudinho em alusão à Cuba. "Lá só tem aqueles barbudinhos." Sabia que não podia contar com a Arquitetura. E ele começou a me cobrar coisas, eu cobrava as coisas dele também.

Ele me chamava lá, era um torturador esse Azevedo. Uma vez ele me chamou para uma reunião e me deixou uma hora na sala de espera. Ele fazia para maltratar. Para humilhar, para esgotar a paciência. E me tratava assim de dedo no nariz. "Por que o senhor não toma uma atitude lá?" E o senhor que mandou invadir a universidade? Era assim, nesse tom. A gente não se suportava. Ele sabia que eu tinha o apoio dos colegas, não podia fazer nada porque eu fui eleito pelos colegas. Até que no final a coisa não tinha mais sustentação e ele me tirou antes do fim do mandato e nomeou um colega que ele confiava mais

para terminar o período. Era muito tenso o ambiente, muito tenso.

Tudo isso entremeado por esses eventos. Os pratos quebraram com ele quando convocou o Conselho Universitário para punir os alunos que tinham feito uma manifestação, uma passeata, até a Reitoria.

Eduardo Oliveira Soares: Uma coisa super audaciosa na época.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Era proibido. Ele cobrava: "Vocês permitiram?" Ah, não tem como impedir uma passeata. Então, ele identificou e fez uma relação dos estudantes, e os puniu. Ele tinha os olheiros dele de binóculos lá na reitoria. Puniu alguns com expulsão e suspensão. Outros com advertência. Aí cobramos ele. Você não pode fazer isso. Você não tem autoridade pessoal. Isso tem que ter o apoio do Conselho. Aí ele convocou o Conselho Universitário para endossar a decisão do reitor.

Convocou o Conselho. E aí o grupo de oposição a ele se reuniu para encontrar uma saída que não fosse punitiva. Professores, mesmo os de oposição, não queriam um confronto direto. Porque não dava para um diretor entrar em confronto direto com o reitor que tinha apoio militar. Essa reunião foi na minha sala lá na direção, nós éramos uns oito que concordavam em botar um freio nele. Não vai punir, mas também não podia desautorizar.

Ele levou para o Conselho Universitário um relatório do SNI *(Serviço Nacional de Informações)* de oitenta páginas. Ele trouxe um advogado para ler o relatório. Para

provar que ele tinha competência para punir. E, na hora H, ele conseguiu convencer alguns desse grupo que era contrário. Tinha gente boa. Gente que a gente confiava. Mas ele enrolou. Ele era muito habilidoso. Envolveu de tal maneira que essas pessoas acabaram respondendo o que ele queria.

Ele não dizia: "Você é a favor da expulsão?" Era: "O Conselho concorda que o reitor tem competência para deliberar um processo de punição dos estudantes transgressores?" Ele fazia uma macarronada que no fim... sim, ele tinha competência... Mas não é isso que a gente está discutindo. A questão era se convém punir. E foi uma reunião do Conselho Universitário que durou umas oito horas. Foi terrível essa reunião. E no final eu não recuei da minha posição e o vice-reitor, o Marco Antônio, também não. Então fomos os únicos dois votos contrários a ele. E ele não nos perdoou por isso. Eu como diretor e o Marco Antônio como vice-reitor. Os outros se deixaram envolver. No fim foi aprovado com dois votos contrários que o reitor tinha a autoridade para punir. Com isso ele expulsou quem queria e suspendeu outros.

Nesta estava o Paulinho Veiga e outros que ele queria punir. Eu acho que a Erika Kokay estava, ela era estudante nessa época. A Arlete Sampaio era estudante de Medicina. Também foi punida. Esses dias até mexendo em uns papeis encontrei as atas do Conselho Universitário. Então foram dias muito difíceis, não é? E ele nunca me perdoou por isso. De vez em quando ele me chamava para prestar contas de assuntos rotineiros. Ele botou na Secretaria da Faculdade, um cara. Um cara decente, até que ele abriu o jogo: "Sabe, vou lhe dizer que eu estou aqui para fazer isso." Ele relatava as coisas que se passavam lá dentro.

Eduardo Oliveira Soares: Como conciliar isso com o 'pensar a arquitetura' e as questões pedagógicas?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Era uma tortura. Eu não estava mais aguentando. Mistura isso com os problemas pessoais e de repente a cabeça fica desse tamanho. Diariamente, exigência de relatórios. Eu mandava relatórios e ele devolvia dizendo que não era isso que ele queria. Era uma batalha cotidiana. Aí antes de completar dois anos eu me afastei da direção e ele nomeou outro colega. Um colega mais manso, digamos. Foi depois... Mas nessa época nós estávamos criando a pós-graduação lá na faculdade. Mandamos o projeto do curso, era o curso de Planejamento Urbano, se não me engano. Mestrado em Planejamento Urbano.

Eles devolviam o projeto do curso censurando a bibliografia do curso. Porque os professores... era uma equipe que botava lá na bibliografia do curso *(Antonio)* Gramsci. E Gramsci foi um autor italiano envolvido com o partido comunista. Ele devolvia, "O que que Gramsci está fazendo na bibliografia do curso de planejamento da UnB?" Coisa maldosa. E a gente tinha que explicar por que botou Gramsci na bibliografia. Coisa mesquinha, mas era para aporrinhar. Chegava a esse ponto.

Tinha a Suely Gonzales que era prefeita, também era professora lá da arquitetura e uma das autoras do projeto de pós-graduação. Tinham outros... era um curso interdisciplinar inclusive. Tinham professores da Sociologia, da Geografia Urbana. Então era um curso integrador. O pessoal fazia, eu respeitava. Era uma comissão nomeada para isso

O curso foi implantado, mas demorou, criaram todos os obstáculos possíveis. O Azevedo pessoalmente chegou a criar embaraços para professores que queriam fazer bolsa no exterior. O Miguel Pereira foi um que se afastou da faculdade porque estava enfrentando resistência para fazer o seu curso de pós-graduação. Teve um outro também... Ah, o Érico *(Weidle)*, que faleceu recentemente. Bloquearam o Érico que não era nada radical. Tanto que depois ele até mudou de lado. O Érico apresentou uma proposta, ganhou uma bolsa para fazer um curso, acho que nos Estados Unidos. Tinha que ter aprovação da reitoria, mas negaram o afastamento. E teve que desistir do curso no exterior. Uma coisa mesquinha. Perseguição ideológica de baixo nível. Coisa persecutória mesmo. Tudo o que era da arquitetura martelavam.

Nova República

Eduardo Oliveira Soares: Como foi o processo de eleição para reitor na redemocratização?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Foi na Nova República, em 1984, nós já vínhamos preparando a saída do Azevedo, não é? Os últimos anos da ditadura foram de abertura. Não é aquela do "Eu prendo e arrebento." O Figueiredo, com aquela sutileza que lhe era peculiar, dizia, "Se não aceitar a abertura eu prendo e arrebento." Mas a gente já vinha sentindo que chegaria o momento de retomarmos o espírito da universidade, o projeto inicial e os ideais do Darcy, do Anísio. E a saída tão ansiada do reitor militar. A escolha de um novo reitor vinha sendo preparada, mas o dia não chegava. E aí, quando chegou o dia, foi feita aquela eleição em que cada um votava no candidato que quisesse.

Eduardo Oliveira Soares: Como assim?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Todos os professores, em princípio, eram candidatos. E aí foi se afunilando o processo. Porque, claro, a universidade era menor. É preciso ter em conta isso. Todo mundo se conhecia, as assembleias eram frequentes no (Anfiteatro 9 do ICC). Então ali era uma sala de convívio da comunidade universitária. Foi a única época em que o pessoal de História, Matemática, Física, Comunicação, Antropologia, todo mundo convergia para lá. Se conheciam e formou-se uma verdadeira comunidade

acadêmica. Ali então foram articulados esses mecanismos de sucessão. Foi a retomada, melhor dizendo, da universidade pela ala democrática, a ala que se opunha à ditadura. E não havia divisões partidárias nítidas.

Era a ala democrática, que era a antiga oposição à Ditadura e ao reitor. Mas nessa oposição ao reitor havia muitas pessoas que acreditavam na teoria das brechas, como se chamava. Então o objetivo maior era a universidade. O reitor era um problema secundário. Então se houver um espaço para manobrar no sentido de objetivos parciais, como era o caso da construção de bons edifícios de ensino, laboratórios etc. Por que não fazer? Fosse qual fosse o regime.

Justiça se faça, foi a época em que se construiu muito no *campus*. Havia comentários de que ele conseguia canalizar recursos internacionais para a construção de vários edifícios. E com bons projetos. Não eliminava a participação do Ceplan, pelo contrário, criou condições para que vários arquitetos do Ceplan brilhassem. Foi o caso do Pedro Paulo Saraiva, do Adilson Macedo, do Matheus Gorovitz, do Léo Bonfim, do Alberto Melchiades Xavier.

Havia um fluxo de recursos muito intenso. Foi uma época de fartura de recursos para a construção no *campus*. Você vê pela data de construção dos edifícios. Foi a Saúde, a Tecnologia, o Direito. A Colina Nova. Então, vários prédios foram construídos nessa época. Felizmente com bons projetos.

Azevedo ainda era reitor e designou um substituto, o então vice-reitor, para substituí-lo. Era o Geraldo Ávila, da

Matemática, gente boa, mas ele era muito dócil para esse poder central. Centralizado, melhor dizendo. Foi quando a gente se opôs. Não, não, isso tem que ser por um processo democrático!

Tinha o Conselho Universitário e a Mesa Diretora... Nessa época, o Conselho Universitário não se reunia porque o Azevedo não convocava. Não havia um estatuto da universidade que forçasse a convocação do Conselho. Então tinha Mesa Diretora, que eram os asseclas dele, que se reunia e tomava as decisões coletivas da Reitoria. A Nova República iniciou em 1985, o Azevedo ainda ficou até 86, um ano além.

ADUnB

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Os professores já estavam se organizando e chegaram à conclusão de que todo mundo estava muito desprotegido. Porque ele atacava individualmente, cada um tinha que se defender individualmente. Olha, a gente precisa se organizar coletivamente, mostrar força coletiva. Individualmente nós somos muito vulneráveis. Foi quando nós fundamos a ADUnB, Associação dos Docentes da Universidade de Brasília. Mas a ADUnB não pode ser fundada dentro do campus porque ele não permitia reuniões lá. Então ela foi fundada no auditório da Associação Comercial. Então nós fundamos ali, "Agora somos uma entidade!"

Eduardo Oliveira Soares: A ADUnB surge para impulsionar esse momento pós-ditadura?.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Se organizou a eleição para reitor. Não aceitamos o Geraldo Ávila que foi nomeado, o forçamos a pedir demissão, a renunciar. Ele ficou entre a cruz e a caldeirinha. Ou ele obedecia ao reitor, ou ele cedia à vontade dos colegas. E aí ele teve uma atitude decente. E lembro até hoje de uma reunião que houve na casa do Fausto Alvim, que foi o primeiro aluno matriculado na universidade. A matrícula número um. Ele era um aluno brilhante, de Ciências Exatas, irmão do poeta Chico Alvim, uma pessoa muito conhecida. Mas houve uma reunião na casa do Fausto Alvim que se colocou para o Geraldo Ávila que ele não seria aceito. Não por causa dele, mas por causa do processo que o escolheu. Que o

nome dele tinha resultado de um conchavo com o reitor anterior. E ele renunciou à indicação.

Nós organizamos então uma eleição para reitor, a primeira eleição. Era uma eleição muito curiosa. Porque não tinha candidato, não tinha chapa, cada um votava em quem queria, na liderança, sabe? Então, deu-se a votação e saiu vencedor o Dércio Munhoz que era da Economia. Era uma figura muito respeitável, cabeça muito boa. Em segundo lugar foi... como era o nome dele... Frederico, da Medicina. Um cara também, muito respeitado. E o terceiro foi Cristovam.

Até eu entrei na lista. Porque tinha que mandar para o MEC uma lista sêxtupla. E me botaram na lista. Tinha o Márcio Villas Boas, tinha, quem mais...

Eduardo Oliveira Soares: Por pouco, o senhor não ocupou o cargo de reitor em sua trajetória.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Nem de longe... *(risos)* vários professores receberam votos. E, na verdade, o que me projetou foi a proximidade com o Marco Antônio, o antigo vice-reitor. Nós havíamos votado contra o Azevedo no caso das punições. Uma reunião do Conselho Universitário foi convocada às pressas, de forma improvisada, pelo antigo reitor militar. Ele esperava que o Conselho sacramentasse a sua decisão de expulsar e suspender alunos que tinham se reunido dentro do campus. Mas não havia estatuto e aí foi criada às pressas a Associação dos Ex-alunos. Para ter uma representação no Conselho Universitário, ter um voto a mais no Conselho.

Esse momento catapultou alguns professores. Foi quando

eu fui votado e o Márcio Villas Boas. Diversos professores que não tinham uma atuação política, mas que se sobressaíram devido às circunstâncias. Não sei como explicar melhor... Aí houve aquela votação extensa e foram mais de cem os votados.

Como havia um segundo turno alguns fizeram campanha em benefício geralmente de outros colegas. Se organizaram grupos. O da Medicina, por exemplo, concentrou-se no Frederico. Era um médico muito respeitado. O Dércio Munhoz era um economista que também capitalizou a área de Humanidades. Então foram formando agrupamentos o que resultou na lista sêxtupla. Agora, a lista sêxtupla para ser enviada ao MEC, que era uma exigência, essa foi trabalhada. A constituição dessas seis vagas. Aí o Dércio não aceitou. O Frederico também recusou.

O terceiro era Cristovam que aceitou. Foi na reunião da ADUnB, dar explicações, porque ele aceitou, e tal. E claro, era um professor, ninguém, ia recusar. E o Cristovam, que já tinha uma vivência política. Foi assessor de um deputado de Pernambuco aqui. Recebeu os votos, era o terceiro na sucessão. Mas bem que estava gostando da coisa: "Eu só aceitei por isso." E ele é bom de bico, não é? O Cristovam... Eu até dizia para o pessoal: não deixem o Cristovam falar, porque ele é bico doce. Ele convence todo mundo numa assembleia. Ele era simpático, tinha uma argumentação convincente... Não deixem o Cristovam falar. *(risos)*

E todo mundo aceitou, claro, eu inclusive. Uma eleição democrática. E ele foi o reitor porque o MEC o reconheceu. Eu votei nele. Já era época da abertura, não é?

Transição

Eduardo Oliveira Soares: Depois que o reitor militar saiu, imagino o quanto mudou em relação ao clima na universidade.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Mudou completamente. O Cristovam era criativo, tinha uma série de inovações, como o CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares) e outras coisas assim. E ele valorizava muitos os alunos, bajulava os funcionários e tal. Ele era habilidoso, não há como negar. Aquela simpatia pessoal. Na época, ele usava um bigode que era a cara do Charlie Chaplin. Ele tirou o bigode por causa disso. Todo o mundo o conhecia como Carlitos. E ele fez então a primeira gestão democrática, mas no final da gestão já havia oposição a ele também. Foi quando nosso grupo do (Antônio) Ibañez, surgiu. E o Cristovam é aquela coisa, meio para cá, meio lá. Ele tinha uma ginga, o Cristovam, e a gente queria uma coisa mais definida, sabe? Mais direcionada. Nos organizamos e ganhamos a eleição. O candidato do Cristovam acho que foi o *(João Cláudio)* Todorov.

Eduardo Oliveira Soares: Quem assumiu o cargo de reitor após o Ibañez? Naquele período, já era permitida a reeleição?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Não, o Cristovam não se candidatou. Não lembro se o estatuto permitia. Mas ele não quis, porque ele já tinha outros planos também. Ele

queria ser governador. Como de fato foi. Nessa época ele era do PMDB. Aí ele viu a possibilidade de ser governador, passou para o PT. Acabou se elegendo. Depois mudou para o PDT. Ele tinha a percepção da oportunidade. Ele se colocava de acordo com os seus objetivos. E passava como alguém de centro esquerda, às vezes desagradava a direita.

Eu sempre me dei bem com ele. Ele é muito cordial. Mas tinha gente que tinha ódio do Cristovam: "É um vigarista, um oportunista no pior sentido." Ele está fazendo um jogo político. E o pessoal: "Ele vai pulando de partido, não é? Já mudou umas quatro vezes de partido." E eu, vocês estão enganados, o Cristovam só tem um partido. Sempre foi do PCB. "Como do PCB?" É do Partido Cristovam Buarque! *(risos)*

Eduardo Oliveira Soares: Houve a última gestão de um reitor durante a Ditadura, seguida pela do professor Cristovam Buarque e, depois, a do professor Ibañez. Que transformação! Na época do Azevedo, o reitor centralizava todas as decisões.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: As normas de funcionamento eram interpretadas pela Mesa Executiva, que era inteiramente submissa ao reitor, manobrada por ele. Todas as decisões eram sacramentadas pela chamada Mesa Executiva. Tanto que um estatuto só foi acontecer depois de aprovado pelo Conselho Universitário na gestão do Ibañez (reitor de 1989-1993) que já foi o segundo reitor democrático. Em 1993 foi aprovado o estatuto.

Chefe de Gabinete

Eduardo Oliveira Soares: Sua atuação como Chefe de Gabinete na Reitoria, entre 1989 e 1993, ocorreu durante a gestão do professor Ibañez? As demandas que surgiam na época eram de natureza política e ideológica, reprimidas por décadas, e agora começavam a se manifestar.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: É preciso entender que essa escolha do Cristovam foi unânime, depois começaram as divisões do contingente democrático. Sim, estavam sendo criados os partidos, tinha o ambiente da constituinte, então foi havendo essa disparidade. Que é o ambiente atual, e que chegou aos extremos absurdos que se vê hoje. Mas até os partidos de esquerda se subdividiram, os partidos de centro também. Foi havendo uma fragmentação partidária. E durante a gestão do Cristovam foram se acentuando certas diferenças que deram origem à oposição ao reitor.

O PT também surge como força política, e o grupo do Ibañez passou a atrair simpatizantes do Lula e do PT. No Cristovam era aquele pessoal mais maneiro, vamos chamar assim. Conforme o jeito do próprio Cristovam que era muito bom de conversa, sempre contemporizando com forças opostas. O Cristovam tinha essa habilidade de equilibrar forças opostas. É um período que merece uma análise mais aprofundada.

O grupo do Ibañez, vamos chamar assim, que era um grupo desses professores que eram do movimento de fundação da ADUnB, representavam uma postura um pouco mais à esquerda do que o próprio Cristovam. É um assunto delicado, são pessoas que estão aí até hoje e que também mudaram de posição. Mas havia oscilações, vamos chamar assim, nesse grupo do Cristovam, que o outro grupo não tolerava.

Então o grupo do Ibañez, sem ser radicalmente oposto ao Cristovam, representava uma dissidência. E surgiu como uma alternativa à sua linha. E até surgiu uma certa rivalidade entre aquele grupo mais conservador do Cristovam e o mais radical.

Embora não fosse um grupo radical, não chegava a isso, mas era um grupo mais exigente, digamos, mais rigoroso em relação a certas posturas políticas. O Cristovam era um candidato que representava um pensamento às vezes um pouco ambíguo. Não se trata de condená-lo, não é isso, mas se trata de diferenciá-lo.

Então ele passou a sofrer alguma oposição, uma postura mais crítica, mais exigente. Tanto que o lema do grupo do Ibañez era "Nós somos a diferença." Nós fazemos a diferença, queremos ser a diferença, não é a mesma coisa.

Eduardo Oliveira Soares: E quando ele saiu...

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Aí criou-se essa clivagem, aquele grupo que era coeso, unitário, que derrubou a antiga reitoria. Vamos chamar assim que derrubou... Porque na verdade foi uma pressão que estava se tornando insuportável. E encontraram uma saída institucional e esse grupo desalojou, digamos, não derrubou. Desalojou o grupo totalitário. E aí começa, então, este processo democrático diversificado.
Um reflexo do quadro político no país. E é quando a universidade realmente readquire a sua força vital do debate, da competição, dos grandes debates por sinal. A presença de visitantes ilustres aqui entre nós, como foi o caso do próprio Mandela.





PERSONALIDADES

Mandela

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: A iniciativa não partiu da gestão do Ibañez, ele tinha sido convidado para vir ao Brasil para visitar o Rio de Janeiro. Aí houve a lembrança de atraí-lo à Brasília, e atribuir-lhe o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Brasília, porque ele era uma figura emblemática nessa época, embora ainda não fosse Prêmio Nobel, não fosse presidente da África do Sul. Ele era um emblema da luta pela libertação, pela igualdade de direitos, da luta contra o racismo na África do Sul.

A África do Sul era um paradigma da luta racial, uma coisa terrível a discriminação, a proscrição da raça negra. Os negros eram impedidos de circular em áreas da cidade. Era um gueto. Um *apartheid*. E o Mandela nesse momento era presidente do Congresso Nacional Africano.

Ele tinha recém-saído da prisão. E a articulação dele abrangia vários países da África, não apenas a África do Sul. Era a luta de dimensões, de proporções grandiosas, ele se tornou uma figura mundial. Então como ele vinha ao Rio para uma visita oficial. Se não me engano, foi a professora Adalgisa *(do Rosário)*, que lançou essa ideia de trazê-lo à Brasília e conferir o título de *Doutor Honoris Causa*, isso através do Itamaraty, que também tinha interesse nessa vinda.

Foi um momento grandioso. Ele veio cercado de todas as cautelas. O Itamaraty tinha muita preocupação que

pudesse acontecer um atentado, que a segurança dele pudesse ser ameaçada. Então, o dispositivo de segurança criado pelo Itamaraty foi rigorosíssimo. O Itamaraty, por exemplo, não aceitava que fosse feita a cerimônia no Teatro de Arena, que é um espaço aberto. Seria difícil manter a segurança ali.

Havia várias exigências protocolares e foi programada a cerimônia no maior auditório que a universidade dispunha nessa época que era o auditório da Faculdade de Medicina e Ciências da Saúde. Aconteceu um fato que não estava previsto, que foi a divulgação na cidade inteira em todos os movimentos que consideravam o Mandela seu patrono, seu símbolo. No dia da cerimônia baixou uma multidão. Mais de uma hora antes da cerimônia o auditório já estava lotado. Entupido, não é lotado! Gente sentada nas escadas. Não tinha espaço nem para ele entrar. E aí? Bom, eu estava encarregado, enquanto Chefe de Gabinete do Ibañez, desses contatos com o Itamaraty, de programar o cerimonial da entrega do prêmio. Eu me via em palpos de aranha, como se dizia... O que que eu faço? *(risos)*

No momento da chegada dele tivemos que falar, olha, não dá para ir para auditório, está entupido, não dá para chegar perto da entrada do auditório. Uma multidão tomou conta. Gente que não era da universidade. Era a população da cidade.

O movimento negro, os movimentos sociais. Gente que se articulou para divulgar. Mas não eram só eles. Estudantes, estudantes secundaristas... foi lindo. Uma manifestação espontânea, não programada. É claro que, liderada por algumas entidades. Então, não houve outra alternativa, senão transferir a cerimônia para um espaço aberto,

do lado de fora do auditório. Em um daqueles pátios da Medicina. A Medicina tem vários pátios internos. É ali foi improvisado na hora. O próprio reitor disse, "Vamos ficar aqui."

O edifício é baixo, tinha gente em cima do telhado. Fotógrafos, jornalistas. O pessoal subiu para fotografar. Foi um momento inesquecível. Nós preocupados, não desfrutamos o momento. *(risos)* Imagina se alguma coisa acontecesse?

Isso tudo está descrito em detalhes, essa organização, essa preparação da visita, porque dada a essa confusão, o Conselho Universitário e um grupo de oposição ao reitor aproveitaram para pedir contas. "Que esculhambação generalizada é essa? Não tinha quem organizasse isso?" E me coube preparar um dossiê explicando todas as providências tomadas, todas as precauções, todos os detalhes. Esses dias eu ainda peguei o *Dossiê Mandela*, eu tenho uma cópia.

Eu disse para o Ibañez: olha, eu estou recolhendo esse material. Eu já passei para ele os discursos que eram feitos por ele em solenidades, eventos. Como o discurso que ele fez para o Lucio Costa, o discurso que ele fez na abertura dos cursos noturnos, o discurso na campanha contra a fome e vários... a criação do Polo de Cinema. Tem vários discursos importantes que já passei para ele.

Tem o *Dossiê Mandela* e agora, como eu te disse, eu passei lá na Livraria da Universidade, procurando a *Revistas Humanidades*, que contém os editoriais que o Ibañez mandava para a revista. Alguns deles eu o ajudava a fazer. Então eu digo, olha eu quero ter comigo. Mas já

estão esgotados e as minhas revistas sumiram. Existem fotografias da visita do Mandela no CEDOC *(Centro de Documentação da Universidade de Brasília)* que tinha arquivada uma coleção de fotografias que foram tiradas nessa visita. Foi grandioso o momento. Nessa época, a mulher do Mandela, que era Winnie, que era muito bonita, também era muito simbólica, porque foi a companheira dele na libertação, nesses grandes momentos. Ela veio, fez companhia a ele. Então foi um momento que me deixou imagens muito boas não só na memória da gente, mas no material fotográfico disponível.

Lucio Costa

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: O Lucio Costa completou 90 anos no ano em que a universidade estava completando 30 anos. Curiosamente há 30 anos atrás, metade da idade atual. Foi em 1992, há 30 anos. Foi um evento promovido pelos estudantes de arquitetura, que solicitaram o Auditório da Reitoria para tornar a coisa um pouco mais formal, mais solene. E levaram o Lucio Costa lá, encheram o auditório. Era uma coisa restrita aos estudantes de arquitetura. Claro que a reitoria ficou envolvida nisso e o Ibañez estava no dever de recebê-lo e fazer uma saudação. E ele fez uma saudação muito significativa. Ele chamava atenção para o fato de que a universidade estava completando 30 anos. Que era um terço da idade que ele estava completando, 90 anos. E que as duas somavam 120. E nós então estávamos comemorando 120 anos naquele momento.

Curiosamente agora a universidade completa o dobro da idade e o Lucio Costa estaria celebrando, em fevereiro, 120 anos.

E nesse ano estamos comemorando 120 anos dele só. Uma coincidência numérica. Lucio Costa veio, com aquele jeito dele, sentado à mesa do Auditório da Reitoria. A filha estava presente, mais algumas pessoas. Aí entram os estudantes carregando um bolo com uma vela em homenagem aos 90 anos. É claro que ele se emocionou. Foi uma comemoração muito informal. Quase improvisada. Muito leve, agradável e significativa.

Os 90 anos do Lucio Costa comemorados na Universidade de Brasília. Não era nem na reitoria. Era na Universidade de Brasília. Ele esteve nesse momento aqui. E esse pequeno discurso é mais uma saudação do Ibañez e eu também ajudei a fazer. Como eu conhecia o Lucio Costa, ele me pediu para dar uma mão ali. O conhecia há alguns anos, de um livro que o Xavier fez sobre o Lucio Costa quando nós éramos estudantes ainda. Ainda em Porto Alegre. O Edgar Graeff fez questão de organizar esse livro junto com os estudantes. E eu era o elemento de contato dos estudantes.

Eu já admirava o Lucio Costa e aí nasceu a nossa amizade, a minha admiração pelo Graeff. Fizemos a primeira publicação dos artigos do Lucio Costa. Enquanto estudante. E dali nasceu uma admiração profunda pelos dois. Pelo Graeff e pelo Lucio Costa. Eu não perdia nada que Lucio Costa publicasse, os projetos dele, passei a acompanhar a trajetória do Lucio Costa, a pregressa e a futura. Pregressa que foi o movimento neocolonial brasileiro, com José Mariano Filho. Passei a me enfronhar na vida de Lucio Costa.

E aconteceu que eu conheci a que seria a minha futura mulher no Rio de Janeiro em 1957, passei a ir frequentemente ao Rio. E acabei me casando com ela e cada vez que eu ia ao Rio eu ia ao SPHAN, que era o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Na época era um serviço, depois, virou uma diretoria, a DPHAN, e hoje, o IPHAN. Foi se transformando, foi crescendo. Então eu ia no SPHAN buscar as publicações que eram muito boas. A Revista do Patrimônio e outras publicações sobre a arquitetura colonial brasileira. E

aproveitava para dar uma espiada na sala do Lucio Costa. *(risos)* Quando fizemos essa publicação, com mais razão, eu ia lá. Então eu o conheci mais.

Depois o Xavier fez o desdobramento desta publicação que foi um belíssimo livro. Um livro diagramado pelo Carlos Scliar, com prefácio do Graeff, em que eu escrevi uma pequena biografia do Lucio Costa. Ficou um livro muito bonito, que hoje é uma raridade bibliográfica. É um título simples... *Lucio Costa: sobre arquitetura*[2]. Que depois foi reeditado em edição fac-símile com comentários do Lucio Costa[3].

O porquê, explica-se... O Xavier, que era o autor do livro, não pediu autorização para Lucio Costa, mas aproveitou o material fornecido e recolhido de diversas fontes. Fez o livro e levou um exemplar de presente para o Lucio Costa.

Eduardo Oliveira Soares: Ele recebeu de surpresa, então.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Surpresa total, o Xavier pede então para que o Lucio Costa dê a sua opinião, deixou o livro com ele, porque ele aguardava a opinião. E o Lucio Costa em vez de dar uma opinião oral anotou na margem do livro pequenos comentários, inclusive de reprovação. Aquela letrinha miúda, quase ilegível do Lucio Costa. E ele dizia... "Isto não é verdade, isso aqui foi assim..." Até um momento em que eu afirmo,

---

2 XAVIER, Alberto (Org.). Lucio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura (CEUA), 1962.
3 XAVIER, Alberto (Org.). Lucio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre: UniRitter, 2007.

essa parte do livro eu que escrevi; sobre o escritório dele com Gregori Warchavchik, no Rio de Janeiro, quando ele deixa a Escola Nacional de Belas Artes, que pede demissão da direção. Depois daquelas confusões todas, de 1930, já na Era Vargas, ele se retira e cria com o Warchavchik um escritório.

E quem era um dos membros do escritório? Oscar Niemeyer, que era um estagiário, desenhista. Ia lá para desenhar projetos. E eu digo então na biografia, tentando realmente exaltar o papel do Lucio Costa: o escritório que se não tivesse servido para outra coisa, serviu para revelar o talento de Oscar Niemeyer. E ele comentou na margem assim: "Não é verdade. Ele não revelava talento." *(risos)*

Hoje, lendo isso, é divertidíssimo. Você tem que pensar que o Oscar Niemeyer nessa época era um estudante, folgazão, que gostava de jogar uma sinuca, que às vezes chegava no escritório com avental de sinuca. Se usava um aventalzinho na cintura para não se sujar ao debruçar sobre a mesa, porque se encostava na mesa e tinha o giz que se passava no taco. Então era uma proteção. E às vezes ele esquecia de tirar o aventalzinho e chegava no escritório denunciando onde é que ele estava. Mas ele não falou no avental. Ele disse, "Não é verdade. O Oscar não revelava talento." Era muito jovem. O Oscar naturalmente era um indivíduo extremamente talentoso. E que utilizou essa oportunidade para absorver do Lucio Costa, do Warchavchik, tudo o que ele podia no escritório. Talento esse que ele vai revelar pouco depois.

Conquista a confiança do Lucio Costa. Isso o Lucio Costa nunca negou, a ponto de ser parceiro dele na exposição do pavilhão de Nova Iorque, no projeto do Ministério

da Educação. E ali também tem um episódio curioso. O Oscar não estava incluído na equipe. Lucio Costa convidou os indivíduos de maior projeção profissional que compuseram a equipe inicial, o Affonso Eduardo Reidy, o autor da cidade universitária lá do Rio de Janeiro. Minha memória está horrível... é um cara manjadíssimo, gaúcho. O Jorge Moreira! E eram aqueles figurões. O Ernani Vasconcelos e um deles incluiu na equipe um jovem arquiteto do seu escritório. E o Oscar exigiu do Lucio Costa, "Se o fulano entrou, eu também quero entrar."

Ele entrou meio de contrabando, foi assim que ele passou a integrar a equipe do Ministério da Educação. Imediatamente se sobressaiu. Era um cara de talento excepcional. Então essa é a versão da presença do Oscar na equipe do projeto do Ministério da Educação. E ele acaba se tornando praticamente o autor do projeto. Porque o Lucio Costa coordenou a equipe, deu todas as indicações, orientações, mas não tem a mão dele no projeto.

O Lucio Costa foi que provocou a vinda do Le Corbusier, ele queria que o Le Corbusier viesse como orientador da equipe, pois, era o grande nome da arquitetura universal, autor da carta de Atenas. Lucio Costa, já tinha se convertido ao movimento moderno, ele abandonou o movimento neocolonial. Mas em 1929, com a vinda do Le Corbusier ao Brasil é que ele se converteu. Fizeram amizade e passaram a desenvolver essa parceria. Lucio Costa o queria como orientador da equipe. Mas tinha um obstáculo, é que, de acordo com as normas brasileiras, não podia ser contratado pelo MEC, que era um Ministério recém-criado na era Vargas, um estrangeiro. O governo não podia pagar um estrangeiro como membro de uma

equipe do Ministério da Educação. A solução foi trazer o Le Corbusier para desenvolver com Lucio Costa, o projeto da Universidade do Distrito Federal. A universidade era do Distrito Federal, e não mais do governo federal. Então conseguiu que o Le Corbusier viesse como parceiro do próprio Lucio Costa. E tem a cara do Le Corbusier naquilo. E nessa ocasião, então, ele assessorava de graça o projeto do Ministério da Educação. Foi um artifício inteligente que o Lucio Costa encontrou.

O Le Corbusier se torna o autor dos primeiros partidos do Ministério da Educação. Aquele que era um abraço... e o Oscar é que começa a dar palpite ali. Ele, "E se a gente puser uma dobradiça?". Era assim, "Mas se a gente fizer assim? Uma lâmina inteira, em vez de ser aquilo quebrado?" Se você olhar o projeto você vai perceber... O Le Corbusier passa os princípios básicos da sua proposta arquitetônica. Eram cinco os princípios da arquitetura moderna, o piloti, a planta livre, a fachada livre, a janela em fita, e o terraço jardim. E aí chamam o Burle Marx para fazer o teto jardim, a cobertura. E chama o Portinari para fazer os azulejos. Enfim, é um edifício glorioso.

O próprio Le Corbusier nunca tinha feito nada igual. E foi o edifício que deu projeção internacional ao grupo e ao Le Corbusier inclusive. Eu acho que é uma das obras primas dele, do Lucio Costa e do Niemeyer. Foi uma obra extremamente bem-sucedida. Deu certo em tudo ali. Ele é lindo, o foyer com aquela escada em caracol, o primeiro pavimento, a escultura. Compraram do *(Jacques)* Lipchitz, aquela escultura em bronze que está na parede do auditório, aquela parede curva.

Não podia deixar de ser. Um edifício marcante, bem-

sucedido, simbólico, enfim, é um marco. É o que se pode dizer, um marco da arquitetura. E mais do que brasileira, da cultura mundial. Foi quando o modernismo lecorbusiano atinge o seu apogeu. Então esse é o edifício do hoje Palácio Capanema, que era o ministro da educação que acolheu o Lucio Costa, que se tornou depois funcionário SPHAN. E era onde eu ia visitá-lo. E onde... e aí fecha essa história, onde o Xavier tendo deixado o seu livro sobre o Lucio Costa me encarregou, em uma das minhas idas ao Rio de Janeiro, e ao SPHAN, de recolher o livro. Eu vi que ele tinha feito comentários ali. Então, ele me entrega o livro original todo anotado. E até hoje eu me arrependo de ter devolvido ao Xavier. *(risos)* E eu levei esse livro para Porto Alegre como um tesouro na mala. Entreguei ao Xavier. Honestamente. *(risos)* Ele era meu amigo, fomos sócios.

Anos mais tarde, a Faculdade Ritter dos Reis, de Porto Alegre, Faculdade de Arquitetura, criada em uma universidade particular... Ela tinha algumas pessoas interessantes muito identificadas nessa problemática. E resolveram fazer uma reedição, o livro já estava esgotado, fizeram uma reedição fac-símile desse livro. O Xavier emprestou o seu original. E eu recebi então um exemplar. E com o autógrafo do próprio Lucio Costa. Eu tenho um livro dele, por sinal autografado duas vezes. É que eu esqueci que ele já tinha autografado uma vez e apresentei de novo o livro. Ele autografou em outra página. Então foi para revalidar. *(risos)* Eu mantenho esse livro com autógrafos do Lucio Costa. Então são essas histórias que são privilégios de quem viveu muito.

Eu sempre digo.
A longevidade tem o seu ônus e o seu bônus.
O ônus, é o reumatismo, a vesícula,
a insônia, é uma série de coisas...
Mas tem o seu bônus também, que são essas lembranças acumuladas e esse testemunho de fatos que na época a gente não tinha noção de que acabariam sendo históricos.

Eduardo Oliveira Soares: Na época era somente mais um trabalho, mais uma atividade inserida na correria do dia a dia.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: O conhecimento de pessoas do meu entorno, do meu convívio, mas que acabaram se tornando notáveis e antológicas. São figuras do panteão da arquitetura, panteão da política, no caso do Mandela, da política universal. Quem poderia dizer que pouco depois ele seria eleito presidente e prêmio Nobel da Paz. Eu não perco a oportunidade, sabe, em certos atos que eu estou presente. Porque as pessoas relembram o nome do Mandela, como o Nobel da Paz, o presidente da África do Sul. E eu digo e *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Brasília. Ele esteve aqui.

Oscar Niemeyer

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sobre o Niemeyer eu tenho algumas coisas para contar também. Eu o conheci em 1957, quando era estudante. Foi uma época de muito trabalho, porque a gente lutou muito pela reforma do ensino, a separação da Arquitetura da Engenharia. E essas coisas todas deram muito trabalho, muita dor de cabeça. Mas foi uma época a ser lembrada também com saudade. Em 1957 houve o primeiro Congresso de Arquitetura. Havia nessa época o Birô Nacional de Estudantes de Arquitetura, que era uma organização nacional que congregava os estudantes de arquitetura, uma vez que eram apenas sete cursos de Arquitetura no Brasil inteiro.

As faculdades eram duas em São Paulo, a USP e a Mackenzie. A do Rio de Janeiro que era a mais antiga, a FNA - Faculdade Nacional de Arquitetura. Existia também a faculdade de Recife, Fortaleza, de Porto Alegre e Belo Horizonte. E então foi organizado pelo Birô Nacional de Estudantes de Arquitetura, um evento que congregou os estudantes. Aliás, com esse pretensioso nome de Birô. Era uma espécie de federação, que organizou o primeiro Congresso Pan-Americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo. Convidaram as sete faculdades brasileiras e ainda os estudantes do Uruguai, da Argentina e do Chile. E a sede seria no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Sendo que Belo Horizonte com extensão à Ouro Preto. Começaria em Belo Horizonte e depois se deslocaria para o Rio. Em Belo Horizonte era o início do Congresso.

Naquela ocasião, era Faculdade de Engenharia e Arquitetura de Belo Horizonte. O título que eles davam lá era de engenheiro-arquiteto, ainda não era só arquiteto. Mas já tinha uma sede magnífica, projeto do Eduardo Guimarães, foi um dos maiores arquitetos de Belo Horizonte. Era faculdade-modelo do Brasil inteiro, por isso foi escolhido lá como sede. Tinha a Pampulha que é do início da década de 40. Foi quando o Juscelino Kubitschek foi prefeito lá. Então a Pampulha era nova ainda, atraente.

Tinha a faculdade do Eduardo Guimarães que era a melhor do país, materialmente. Então, por isso foi escolhido lá. E o Niemeyer foi convidado, não era para paraninfar, mas não deixava de ser isso. Era a presença famosa nesse congresso de estudantes. E eu me lembro que eu fui encarregado... eu era um babacão naquela época... *(risos)* meus olhos arregalavam diante dessas celebridades. Sílvio de Vasconcelos, por exemplo, era autor de um livro que era uma referência para o estudo da arquitetura no Brasil. E a faculdade é conhecida pelo seu projeto. E eu fui encarregado pelo pessoal do Birô porque eu sempre fui meio enxerido. Sempre participando desses movimentos. Enxerido, como dizia o cearense, um enxerido. E isso naquele grupo.

Eu fui da diretoria do Birô Nacional e também representante em Porto Alegre. Me escalam, entre outros, para ir ao hotel receber o Oscar Niemeyer. Ele iria fazer uma palestra, seria a palestra principal, do Congresso. E então escalaram algumas pessoas, e me puseram junto para ir. Era a glória conhecer o meu ídolo. Naquela época todo mundo que estudava arquitetura queria ser um Oscar Niemeyer, por causa da Pampulha, do Pavilhão de Nova Iorque, do Ministério.

Foi então que coube a mim ir ao Hotel Amazonas, que era o melhor hotel de Belo Horizonte. Fomos ao hotel, aguardamos na sala de espera que baixasse dos céus, pelo elevador, a divindade... *(risos)* E ele nos recebe em pé ali no saguão, aquele jeitão dele, bem carioca. Mas já prima-dona.

Eduardo Oliveira Soares: Ele já era um arquiteto consagrado e vocês ainda estudantes.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ele quis saber onde seria a palestra, que horas, enfim, levamos todas as informações. Mais tarde à noite, lá no auditório da faculdade, ele diz assim: "Vocês fizeram uma boa divulgação? Porque é uma merda chegar a um auditório vazio." Puxa! Meu ídolo dizendo um palavrão. *(risos)* Eu arregalei os olhos. Porque naquela época isso era um palavrão. *(risos)* Uma época cheia de pudores, de puritanismo de linguagem. E o meu ídolo me dizendo, "É uma merda chegar no auditório vazio". *(risos)* Eu nunca esqueci. E ele foi ao auditório. Por sinal, a palestra dele provocou um choque, porque foi uma palestra memorável, com aquele jeito dele. Foi a primeira vez que eu o vi falando em público, com aquele bloco de folhas de papel. E foi a primeira vez que eu vi aquele cavalete, com bloco de folhas de papel *Canson*, ele com carvão, nessa época não tinha pincel atômico, depois ele adotou a hidrográfica. Mas era um carvão como era usado nas Escolas de Belas Artes. Aquela barrinha de carvão e ele rabiscando. E ele explicando a Pampulha, que era o grande projeto da época. Nós íamos visitar. E ele: "E isso aqui eu fiz assim, a ilha, a Casa do Baile..."
A Casa do Baile, o Cassino, a própria casa do Juscelino, que ele projetou. E a igreja que era a cereja do bolo. E

ele mostrando... “A Casa do Baile eu fiz com essa forma, para acompanhar o formato da ilha...” Acontece que o formato da ilha foi determinado também. Porque era uma ilha artificial também! *(risos)* Então, para acompanhar o formato podia ter modificado a ilha. E ele dando umas explicações: “Isso era muito natural, eu fiz assim, isso aqui eu fiz muito naturalmente.”

Não tinha nada de natural. Eram projetos geniais, cerebrais. Além da expressão do seu talento formal incomparável. E aquilo começou a engasgar o auditório. Dava a sensação de que ele estava querendo enganar aquela massa de estudantes ingênuos, não é? *(risos)* “Isso é natural...” Ele ao invés de dizer, “Isso se deve também ao calculista, ao Joaquim Cardoso.” Não sei se naquela época já era o Joaquim Cardoso... Mas tinha um trabalho intenso ali por trás daquelas formas. Tinham as influências do Le Corbusier, a contribuição do Portinari na Pampulha, na igreja. E quem mais...Aliás ele brigou com o Burle Marx por causa desse projeto.

Burle Marx

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eles tiveram um desentendimento porque o Burle Marx depois de algum tempo, de ter feito o projeto, o Juscelino Kubitschek não pagava. Isso me contou o próprio Burle Marx. Em uma ocasião eu perguntei, qual o motivo? Isso é verdade? E ele falou que o motivo foi esse, que o Juscelino não pagava, a prefeitura no caso. "E um dia eu resolvi apresentar a conta. E aí o Oscar ficou danado comigo", diz ele. "Onde é que se viu? O Juscelino nos deu aquela oportunidade extraordinária e a gente vai lá apresentar contas!" *(risos)* "Aquilo foi uma dádiva!" E o Burle Marx, "Mas aquilo era o meu trabalho. É disso que eu vivo." E eles se desentenderam, segundo o próprio Burle Marx. Então, não é versão, isso é da própria fonte.

Eu perguntei ao Burle Marx por que ele não participou dos projetos de Brasília, você repara que ele está ausente da fase inicial. Está o Lucio Costa, está o Oscar, está o Joaquim Cardoso. Mas a presença do Burle Marx se deve a outras entidades, mas não à Novacap *(Companhia Urbanizadora da Nova Capital)*

Eduardo Oliveira Soares: Ele aparece depois, no Itamaraty, Teatro Nacional, Setor Militar Urbano.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Mesmo assim teve a interferência também da autoridade militar, no Itamaraty foi o *(Wladimir do Amaral)* Murtinho que fez questão. E vários outros projetos dele aqui. O primeiro projeto dele

aqui foi no jardim da Embaixada da Alemanha. Ele estava aqui, estava ali, mas nenhum deles da Novacap. E o Burle Marx: "Tivemos um estranhamento, o Oscar se afastou porque eu cobrei o trabalho." *(risos)*

Oscar Niemeyer II

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: No auditório, lá em Belo Horizonte, houve uma rebelião, entre aspas, dos estudantes que assistiram essa palestra. E sabe como é estudante, pisou no pé, ele reage. E começou a crescer essa onda de antipatia por essa atitude do Oscar. A tal ponto que o Sílvio de Vasconcelos, que era o diretor da faculdade, que também tinha uma incompatibilidade com o Niemeyer, por outros motivos lá que não interessam agora, ele pediu para reunir os estudantes no auditório que ele queria dirigir a palavra. Eu nunca vou esquecer. Durante o Congresso, no dia seguinte ou dois depois. Porque ele percebeu que havia aquele *zum zum zum* nos corredores da faculdade. "O Oscar quer nos empurrar que isso aí é algo fácil, mas na verdade não é."

Ele que não se dava com Oscar, falou assim: "Olha, eu quero chamar a atenção de vocês, que observei isso em reação ao Oscar. O Oscar é assim mesmo. Vocês têm que compreender, é aquele jeito dele, meio largado, meio boêmio, ele é espontâneo em tudo o que faz. Aquele temperamento carioca. Agora, não imitem o Oscar. Não queiram imitá-lo." porque todo mundo imitava o Oscar, até no desenho, naqueles bonequinhos dele, aquelas arvorezinhas. Todo mundo queria ser o Oscar Niemeyer. E ele dizia: "Compreendam o Oscar. O Oscar é assim. Sejam tolerantes com uma série de coisas. Mas não tentem imitá-lo porque se o Oscar cometer um erro, isso se dilui no conjunto da sua obra. Agora, se vocês cometerem um erro, é erro mesmo."

Foi uma grande lição que eu aprendi neste Congresso, e veio do Silvio Vasconcelos. Não tem que imitar o Oscar. Eu aprendi isso aqui em Brasília inclusive. "Porque aquela obra ali, no aspecto funcional, o sol não é pra bater..." Eu digo, olha, mas a obra é tão grandiosa, tão notável, que isso aí é um detalhe mínimo.

Tudo bem, acho que não se deve omitir. Não se deve fazer vista grossa. Mas, também não é execrar o Oscar por causa de um detalhe. Senão é aquela história... "Ah, as obras do Oscar não são funcionais, são esculturas." Houve uma época que se dizia, "O Oscar não é um arquiteto, é um escultor de formas." Não, não é bem assim, não é? Não vamos exagerar. Tem falhas, isso é verdade. Mas uma coisa a destacar é que ele contou com a colaboração de grandes arquitetos no detalhamento de seus projetos.

A estrutura do Joaquim Cardozo é um exemplo, não era um colaborador, era um parceiro. Ele é o coautor do Palácio da Alvorada, do Palácio Itamaraty. Não é simplesmente um colaborador. Então vamos dar a cada um o que é de cada um. E, em compensação, quando foi, por exemplo, o Itamaraty, contou com o detalhamento do Milton Ramos. E foi um trabalho espetacular. Milton Ramos era um grande arquiteto, como ele comprovou nas suas obras pessoais.

Eduardo Oliveira Soares: E na continuidade dos trabalhos do Teatro Nacional também. Aliás o tema da minha dissertação de mestrado[4]. Na pesquisa eu

4 SOARES, Eduardo Oliveira. Fragmentos dos atos iniciais do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

registrei essa colaboração essencial do Miton Ramos na finalização da obra.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: No Teatro Nacional, no Oratório do Soldado, no próprio Cine Brasília que o Milton Ramos fez a reforma. Ele era um grande arquiteto detalhista. Quando dava certo o Oscar não mencionava. No Palácio do Itamaraty, quem é que lembra do Milton Ramos?

O Milton Ramos chegou a fazer, eu sei por que o Jaime Golubov trabalhou com ele e me contou, que o Milton recebeu aquele croqui do Oscar e aquele arco, e para chegar à forma definitiva o Milton Ramos fez um protótipo. Com o detalhamento da forma, inclusive a posição das madeirinhas, de forma a dar aquela textura que está lá no concreto aparente. E ele construiu o arco e o Oscar Niemeyer veio para examinar e aprovar. Quando ele olhou: "Tá bom, façam assim." Ele deu o *Imprimātur*. "Pode fazer". *(risos)* E aí ficou aquela maravilha. E ninguém destaca o mérito do Milton Ramos. Em compensação, no edifício anexo ao Palácio da Justiça, é um edifício banal, não o Palácio da Justiça, mas o anexo, atrás, um edifício banal que o Oscar lavava as mãos. "Ah, isso aí não fui eu que detalhei."

Quer dizer, quando dá certo é ele, não divide os méritos. Mas quando dá errado... "Não fui eu que detalhei." E ele dizia o nome, que a gente sabia quem era o arquiteto que fez o detalhamento. Ele realmente não foi feliz. Não sei em que circunstâncias. Não se menciona também o fato de que o anexo do Palácio de Itamaraty. Aquela lâmina amarela, aquele *brise soleil* na época, chocou. Aquele amarelão do *brise soleil*. Sabe de quem é? Quem é que

escolheu essa cor? O Athos Bulcão foi que determinou. Como é do Athos a cor dos *brises* dos edifícios do Setor Comercial Sul.

Eduardo Oliveira Soares: Aqueles do Lelé? O Morro Vermelho e o Camargo Corrêa.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Acontece que o Niemeyer, esse mérito ele tinha, ele trabalhou com gente muito competente. Ele conseguiu atrair, chamar para seu entorno, figuras como Ceschiatti, Bruno Giorgi e Athos Bulcão.

Eduardo Oliveira Soares: Marianne Peretti, Tomie Ohtake.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim. Nomes que deram uma colaboração essencial às obras dele. Aquela escultura do Bruno Giorgi em frente ao Itamaraty. O Brecheret é outro nome também, que ele usou lá no Ibirapuera. A escultura dos Bandeirantes lá na entrada. Hoje estão querendo vestir os Bandeirantes com outra cara. Como exploradores de índios.

Eduardo Oliveira Soares: Não por acaso já jogaram tinta vermelho sangue na escultura. Essa escultura banhada de sangue já passou até na Mangueira, na Sapucaí. Um desfile inesquecível.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Mas é isso, a história não é feita só de fatos edificantes. Os Bandeirantes existiram, foram os bandidos, mas eles fazem parte da história do Brasil. Quantos outros bandidos estão imortalizados aí, não é?

Eduardo Oliveira Soares: Ainda falando do Niemeyer, quais foram as visitas ao campus da UnB depois da demissão coletiva? Tem uma fotografia dele visitando o Ceplan. Deve ser uma das poucas visitas fotografadas. Essa imagem é repetida à exaustão.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu me lembro de uma ocasião que gerou uma visita ao Ceplan. A gente improvisou uma reunião entre o jardim e aquele painel, aquela parede com o painel dele. Tinha uma mesa grande de reuniões. E ali então teve um grupo que se reuniu em volta da mesa, ele na cabeceira, falando sobre o projeto da universidade. Mas nessa ocasião ele tinha a experiência recente dos projetos feitos no exílio. Os Projetos da Argélia, da Universidade de Argel, da exposição de Trípoli, de onde, pela primeira vez, ele usou a forma do Minhocão *(Instituto Central de Ciências)*. Então... e ele apareceu por lá, resolveu dar uma olhada no *campus*.

Aquilo ali tem muito significado para ele. Trabalhou com o Lelé *(João da Gama Filgueiras Lima)*, dirigiu o Ceplan, era muito significativo. Ele fez questão de ir ao Ceplan, foi recebido informalmente ali em volta da mesa, improvisou-se uma reunião. E ali, entre perguntas sobre Argel, ele se refere a outra universidade, de uma outra cidade argelina *(Universidade de Ciência e Tecnologia de Oran)*. É onde o Kenzo Tange havia projetado uma universidade também.

O Kenzo Tange era considerado na época o maior arquiteto do mundo. Com aquelas formas espetaculares. Tinha projetado os edifícios das Olimpíadas. Era uma projeção internacional também. E ele respondeu às perguntas... "Teve aquela outra universidade também, feita por aquele japonesinho, não é? Como é mesmo o nome

dele?" Aí todo mundo se olhou. Aquele japonesinho era simplesmente o Kenzo Tange. Aí todo mundo riu baixinho. *(risos)*

Muito vedete! E eu tive um episódio pessoal com ele também. Não sei se interessa... Era uma época em que se discutia muito criticamente a obra dele. Estava surgindo o brutalismo em São Paulo e tinha o *(Vilanova)* Artigas que era outra liderança, havia aquela rivalidade entre os arquitetos do Rio e os de São Paulo. Aquela diferença de tendências. Uns mais técnicos, como era o caso do Artigas e dos seus seguidores, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes etc. E a turma do Rio, que era mais plástica, aquela arquitetura mais leve, mais palatável, muito branca, de mármore. O pessoal de São Paulo recusava a usar revestimento de mármore. Era um momento interessante. Isso dividia opiniões.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Em uma ocasião me pegaram para uma entrevista para o jornal Correio Braziliense. Lembro que foi lá no Ateliê da Faculdade de Arquitetura, que a Maria do Rosário *(Caetano)*, uma jornalista que hoje está muito voltada para o cinema. Ela é muito ouvida como crítica de cinema. Ele fez uma entrevista sobre o Niemeyer com várias pessoas.

Ela me pegou lá num canto e conversamos. Até estava junto o Luiz Humberto, ela insistiu. Ela fez perguntas sobre as obras do Niemeyer e eu lá pelas tantas salientei o fato de que as obras do Niemeyer eram representativas dessa tendência mais formalista, era uma obra que chegava com mais facilidade ao povo, ao gosto popular. Haja visto as colunas do Palácio da Alvorada que se tornaram um *kitsch*, mas no bom sentido. Quer dizer, *kitsch* como uma arte

consumida popularmente. E transformada segundo signos populares.

O espírito do *kitsch*, para quem conhecia e conhece, era isso. Era a arte erudita, consumida popularmente e difundida em formas populares. Veja que as colunas do Palácio do Alvorada, que André Malraux tinha dito que era o mais belo palácio desde a antiguidade, construído no mundo moderno. E as mesmas colunas do Palácio da Alvorada são um *kitsch*, não é? Viraram para-choque de caminhão, cerca de barraco de favela, que tinha aqui em Brasília inclusive.

Destaquei não da forma pejorativa, mas levaram isso ao Oscar como uma crítica às colunas do Palácio como se eu tivesse dito, "Onde é que se viu? As colunas do palácio viraram cerca de barracos, para-choque de caminhão." E o Oscar escreveu um artigo venenosíssimo, sem mencionar o meu nome. Até depois eu falei para o Graeff, que me disse: vê se você desfaz esse mal-entendido. "Olha, não liga para isso. Vai ver que o Oscar nem leu essa entrevista. É que levam e enchem os ouvidos dele. Aquele *entourage* do Oscar, jogando tapete vermelho, bajulando." Foi a resposta que o Graeff me deu. Mas aí gerou um mal-entendido, não é? O Oscar, então, escreveu nesse artigo, "Quem sabe, faz, quem não sabe ensina." *(risos)* E eu senti diretamente a mensagem dele. Serviu o barrete.

Ele visitou a universidade, foi à reitoria no tempo da gestão do Cristovam, o Érico Weidle, que era professor na arquitetura, era decano. E o Cristovam então convidou o Oscar para fazer um passeio pelo *campus*, saiu da Reitoria, atravessou pelo Teatro de Arena, entrou no Minhocão e na entrada norte do Minhocão tinha que

tomar uma direção, para a direita ou para a esquerda. E o Érico: "O senhor não quer ir para lá visitar a Faculdade de Arquitetura?" Ele parou e disse: "Não, não quero ir lá, porque lá eu tenho inimigos." Depois o Érico me contou.

O inimigo era eu! Eu tinha feito críticas à obra dele. Foi um mal-entendido. Então tem esse episódio em que eu me tornei inimigo do Oscar, sem querer e sem merecer. Isso muito me honra. Não é qualquer um que é inimigo do Oscar. *(risos)* Isso eu boto no meu currículo.

Eduardo Oliveira Soares: Na verdade, foi um grande elogio dizer que uma obra consegue ser assimilada pela população que quer replicá-la. O próprio Niemeyer dizia que o objetivo maior da arquitetura dele era a busca da beleza. Considerando isso, ele conseguiu um total sucesso.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Isso é um mérito. Inclusive o Oscar era mais criticado entre os intelectuais do que entre o povo. Os intelectuais sempre achavam um porém na obra dele, esse negócio do funcionalismo, do formalismo. É o Oscar escultor.

Claro. Mas havia aquela corrente: "O Oscar não equilibra as coisas. Ele exagera na parte formal e se omite na parte funcional." Então tem esses episódios, todos dessa época das grandes figuras. *(risos)*



ESTUDOS



Pós-graduação

Eduardo Oliveira Soares: Em seu currículo, está registrada uma pós-graduação em Planejamento Urbano pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Em que ano isso ocorreu?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Deixa eu me situar. Eu vim em 1968 para Brasília, uns dois anos antes, acho que foi em 66. Houve em Curitiba o Congresso Nacional de Arquitetos Planejadores. Na época tinha aquele grande grupo do Jaime Lerner, Lubomir Ficinski, José Gandolfi e companhia. Tinham mais um ou dois arquitetos, mas o líder do movimento era o Jaime Lerner, que depois se tornou prefeito e governador, se projetou nacionalmente na política. Curitiba era tida como o exemplo de administração de uma cidade e de certas soluções inteligentes que interessavam ao urbanismo e à arquitetura. Foi quando se criaram aquelas vias estruturais de transporte.

Foi uma solução simples, barata, inteligente, com vias expressas para o transporte coletivo, enfim, isso atraiu muita atenção. Então o IAB, acho que foi o IAB, resolveu fazer o Congresso em Curitiba, na época estava muito em voga o planejamento. Era o planejamento na linha do IPEA *(Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)*, que era um grupo também de economistas de planejadores, então o planejamento estava em manchete e atingindo muito o urbanismo. Tanto que não se chamava urbanismo, se chamava planejamento urbano. Isso dava mais *status*.

Urbanista era um desenhista de cidade, o planejador urbano era um algo mais. Era a época do Roberto Campos, e ele foi convidado para fazer uma palestra nesse Congresso de 1966. Estava todo mundo influenciado por esse ambiente, querendo dar projeção às atividades dos arquitetos na área do planejamento de cidades. Chamar atenção para a importância do seu papel no planejamento. Logo depois foi a época do SERFHAU, Serviço Federal de Habitação e Urbanismo. Em 1964 foi o golpe e 1966 já era a época do SERFHAU, do BNH *(Banco Nacional da Habitação).*

Nessa época se organiza no Rio de Janeiro pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal, o IBAM, mais o SERFHAU e em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, foi na sede da Fundação, um curso de Planejamento Urbano organizado pela Adira Mera, pelo Chico Whitaker, pelo Flávio Villaça. Era uma turma de arquitetos com uma visão moderna do planejamento que considerava inclusive a urbanização de favelas e outras coisas. Isso em cima da linha da economia e humanismo.

Porque esse grupo de arquitetos era muito vinculado às ideias do Padre *(Louis-Joseph)* Lebret que foi um líder mundial do movimento Economia e Humanismo que existiu no Brasil. Era uma linha católica à esquerda, que depois de algum tempo desembocou na AP, Ação Popular. É aquela linha mais à esquerda dentro da igreja e muito voltada para os pobres.

Eu acredito que o próprio Lula tenha sofrido influência porque esse grupo era muito forte em São Paulo. Esse grupo aproveitou o patrocínio do SERFHAU, do IBAM, que tinha uma visão também muito progressista do

papel dos municípios na vida nacional. Trabalho político organizado em função dos interesses municipais e não da administração central, uma coisa mais capilar. E organizaram esse curso que teve uma primeira edição de pleno sucesso. E esse curso iniciava no Rio com o contato com grandes figuras interdisciplinares de Economia, Sociologia, Arquitetura etc.

Eduardo Oliveira Soares: Mesmo no contexto da ditadura, conseguiram implementar um curso com viés progressiva.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Era um espaço utilizado daquela forma que eu te disse das teorias das brechas. Se era possível fazer, por que não fazer? Então esse curso foi feito no Rio, a primeira versão. Na segunda parte do curso, que era centrado na Fundação Getúlio Vargas, eram convidadas figuras do país inteiro. De São Paulo, de Recife, do Rio mesmo. E a segunda parte dividia o grupo entre várias cidades. Cidade pequenas, onde iria se fazer uma experiência prática. Era a ideia do que o Chico Whitaker chamou de planejamento da ação. O nome dele completo é Francisco Whitaker, é uma família muito importante de São Paulo.

Eu cursei a segunda versão cujo desdobramento, na segunda etapa, foi em cidades do Paraná, já vizinhas a São Paulo que eram Santo Antônio da Platina, Jacarezinho, Bandeirantes, que foi onde eu fiquei, e mais uma cidade próxima de Londrina. Eram quatro cidades. A gente ia morar na cidade, entrar em contato com a prefeitura e planejar de acordo com a visão local.

Era um curso de especialização. Na verdade, não era

um curso de pós-graduação tradicional. Era uma visão moderna do planejamento, que era para contestar, inclusive, aquela visão tradicional do planejamento baseado em estatísticas, modelos matemáticos etc. Era um contato com a realidade, tanto que o balão de ensaio disso foi feito em um plano para o bairro da Urca, no Rio de Janeiro. Lá a gente fazia o que se chamava levantamento expedito, que era andar pela cidade anotando tudo que via de errado em várias áreas. No paisagismo, no trânsito, nas construções. Então, você ia anotando e formulava um plano voltado exatamente para esses pontos. Era uma ideia muito interessante, muito revolucionária inclusive.

Fiz esse curso, me rendeu frutos porque quando eu me formei, eu fui trabalhar em planejamento urbano em um órgão do governo. Exatamente de onde eu tive que sair para vir para Brasília. E trouxe essa experiência em 1968 quando eu vim para cá.

Eduardo Oliveira Soares: E teve outro curso lá em Edimburgo.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Isso foi depois de estar aqui, em 1982. Uma bolsa do *British Council* devido a contatos com um urbanista que tinha um centro de urbanismo em Edimburgo, que era Percy Johnson-Marshall. Era uma figura muito conhecida que também mantinha contatos com os setores de planejamento no Brasil. Ele vinha muito ao Brasil e abriu a Universidade de Edimburgo para receber arquitetos brasileiros na área de urbanismo. O *(Ricardo)* Farret foi, o *(Paulo de Melo)* Zimbres esteve lá também. O Zimbres foi na primeira turma com bolsa do *British Council* e vinculado a este centro de urbanismo do Percy Johnson-Marshall que

tinha uma atuação muito significativa no planejamento de Edimburgo. Eu hoje até mencionei uma experiência que eu tive lá no planejamento participativo, estava muito badalado aqui também, mas ninguém sabia bem o que era. E lá vi na prática esse planejamento. Então abria o teatro, recebia a população leiga para dar palpites sobre a sua cidade e os técnicos anotavam tudo. Foi quando eu ouvi, "É muito bonito de se ver, mas o pessoal vem aqui dar palpite, descomprometido e tal, todo mundo vem aqui. É fácil dizer aquilo lá está errado... Aí vão embora para casa e os técnicos resolvam."

Foi um curso de especialização que durou de janeiro até março, uns três meses mais ou menos. Se visitava as cidades novas que, na época, faziam muito sucesso. A cidade Jardim de (Ebenezer) Howard. Foi notável, viajei por lá, conheci Runcorn, que era conhecida como a mais moderna cidade satélite. Cambernon, aliás, considerada a cidade mais nova. Era uma cidade em que os ônibus chegavam em uma rodoviária e ali se irradiavam. Parecia Brasília, na ideia, mas com uma forma diferente. A rodoviária como centro de distribuição.

Cambernon despertava muito interesse no Brasil pela modernidade da concepção. E Welling, que foi uma das primeiras. Eu viajei de norte a sul no Reino Unido em função do curso. Fui a Liverpool, a cidade dos Beatles. E cidades antigas também como Norwich e outras. Deu para aproveitar bem, foram três, quatro meses, que renderam bastante. Fiz uma quantidade enorme de *slides*. No papel eu não tenho quase nada. Eu era apaixonado por fotografias.

Eduardo Oliveira Soares: Eu também adoro fotografias.

Minha tese é sobre as narrativas fotográficas[5].

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu tinha equipamentos de primeira, levava em todas as viagens e voltava com filmes e filmes. Tinha que revelar e montar os *slides*. Boa parte disso, as do Brasil, eu doei para o Cediarte *(Centro de Documentação Edgar Graeff da FAU UnB)*, deve estar lá, tem cidades coloniais etc. Mas uma pequena parte ainda está comigo, uma pequena parte da Inglaterra.

5 SOARES, Eduardo Oliveira. Tempos e territórios transluzidos: narrativas fotográficas instantâneas nas redes sociais sobre o Campus Universitário Darcy Ribeiro. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

Escritor

Assunto não falta, tem um capítulo aí, que talvez interesse. Há uns três anos atrás me chamaram para fazer uma palestra de arquitetura e literatura, que me obrigou a ordenar uma série de informações, pesquisar e tem umas coisas muito interessantes. A história dessa relação, que a princípio pareceu sem nexo. Literatura e arquitetura são linguagens diferentes. Não tem nada a ver. Mas depois eu disse... esse negócio dá samba. Então pensei em literatos, que a essa coisa vem de longe, desde Vitruvius e os dez livros da arquitetura[6]. Grandes obras da literatura estão relacionadas com a arquitetura. No renascimento, Alberti[7], não é? E aí comecei a lembrar de escritores que se referiam à arquitetura. O Saramago, por exemplo, que escreveu o Memorial do Convento[8], a história da construção do Convento de Mafra.

Eduardo Oliveira Soares: Tem João do Rio, o Lima Barreto falando sobre o Rio de Janeiro. Recentemente a Ana Carolina Canuto9 defendeu uma tese sobre a relação entre literatura e Brasília.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim, o João do Rio. Essa relação é forte, a coisa vai até a música popular,

---

6 VITRÚVIO. Tratado de Arquitetura. São Paulo: Martins, 2007

7 ALBERTI, Leon Battista. Da arte de construir: tratado de arquitetura e urbanismo. São Paulo: Hedra, 2012.

8 SARAMAGO, José. Memorial do Convento. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 1982.

inclusive, a *Saudosa Maloca*[10], músicas que fazem referência a arquitetura e seus problemas. O músico Billy Blanco era formado em arquitetura. Ele é o autor de um projeto em Brasília que ninguém sabe, são aqueles primeiros edifícios do Conic. Para a música, para a própria literatura. O Manuel Bandeira estudou arquitetura, teve que abandonar por causa da tísica. O Chico Buarque estudou arquitetura, o Tom Jobim.

Eduardo Oliveira Soares: Nas músicas deles a gente acha referências sobre as cidades, a paisagem. Essa sua palestra sobre literatura foi aonde?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Na Associação Nacional de Escritores, ANE, criada em 1960, ano da inauguração de Brasília, as pessoas que estavam aqui resolveram se juntar. É um ambiente excelente, sabe? Fica na Asa Sul, é um prédio até de boa arquitetura, tem um bom auditório e boas instalações. E uma vez por semana eles fazem uma reunião para falar sobre autores, sobre Cora Coralina, Érico Veríssimo. Os cronistas mineiros famosos que estão chegando aos cem anos. Esses caras que eu lia na juventude, meus contemporâneos estão chegando à fase dos cem anos. Mortos na maioria. Otto Lara Resende. E a geração de Fernando Sabino, Hélio Pellegrino.

Eu comecei lá em Vitruvius, autor da primeira obra escrita sobre arquitetura: *Os Dez livros sobre a arquitetura,* que quem não é da área não conhece. Aí falei sobre Vitruvius,

---

10 Saudosa Maloca. Compositor: Adomiran Barbosa. In: Adomiran Barbosa. EMI Records Brasil Ltda, 1974.

Alberti, os primeiros tratados de arquitetura e tal. E as obras de literatura que falam de arquitetura também. E no fim eu estava gostando da coisa. Para pertencer à Associação tem que ter livros publicados. Eu não tinha nenhum livro publicado. Tinham que justificar o meu ingresso na Associação. Todos os anos eles publicam um livro com as palestras. É onde eu estou, este é o meu livro publicado[11].

E eu acho isso fascinante no campo da arquitetura. Ela se liga com o cinema, ela se liga com a música. O presidente da Associação Nacional de Escritores é uma pessoa muito interessante. O Fábio Coutinho, meu xará. E ele instituiu um programa cultural que era a literatura em relação a diversas artes. Aí convidou o Vladimir Carvalho para falar sobre literatura e cinema, e eu sobre literatura e arquitetura.

O Edgar Graeff exerceu uma influência muito forte e profunda e muito bem-vinda em mim. Ele foi meu professor de teoria e de arquitetura, me passou uma informação, um conhecimento sobre um livro... minha memória está dando uns tropeços... ah, é Paul Valéry chamado *Eupalinos ou O Arquiteto*[12]. Eupalinos foi um arquiteto grego muito importante que foi autor de alguns templos. Ele morre e se encontra, não é no céu, mas em outra dimensão, com, não sei se Sócrates, com os grandes filósofos gregos e estabelece um diálogo em poesia. É lindo.

---

11 HELENA, Sônia (Org.). Quintas Literárias 2017. Associação Nacional de Escritores - ANE. Brasília/DF, Editora Otimismo, 2028.
12 VALÉRY, Paul. Eupalinos ou O Arquiteto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

Eupalinos falando da sua arquitetura, indagado pelo filósofo, diz que "Os edifícios, eles falam. Os edifícios que você vê, eles nos dizem coisas. Há edifícios que simplesmente falam. Mas há edifícios que são líricos." Eu achei linda essa imagem. Isso dito com a linguagem dele. E eu citava isso para os meus alunos e acrescentava. Olhem, há edifícios que simplesmente dão o seu recado. Há edifícios que cantam. É o caso do Palácio do Itamaraty, do Palácio do Congresso e da Catedral. Em compensação há edifícios que nos insultam quando a gente passa, nos dizem palavrões. *(risos)* Os alunos achavam graça disso. Eu devo essa reflexão ao meu mestre Edgar Graeff.

Livros

Eduardo Oliveira Soares: A sua vida é uma enciclopédia. Aliás, quantos livros tem na sua biblioteca?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Não faço ideia. Não dá para contar. Tem livro espalhado, tem na sala, tem em cima da cama. Eu estou sendo comprimido pelos livros. No próximo momento vou ser expulso pelos livros. Eu estou pensando em alugar um espaço e deixar aquilo lá como um depósito. Está entupido de livros.

Eu tinha um cunhado, quando eu me casei minha noiva era do Rio de Janeiro e a irmã dela era casada com um advogado que tinha tantos livros que ocupavam um apartamento em Copacabana. Ele vivia com a família noutro apartamento próximo. Então ele chamava *garçonnière* de livros, onde ele ia se encontrar com eles clandestinamente. *(risos)* Lá ele estudava e aí chegava em casa, o apartamento arrumado, a família. Os livros ele encontrava no outro. Eu estou chegando lá. Só que ele era organizado, a biblioteca estava toda organizada. E a minha eu vou empilhando lá. Está subindo pelas paredes.

Eduardo Oliveira Soares: É possível ler todos esses livros?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Não, isso aí é engraçado. Tinha um filme de um cineasta português que ainda está vivo, está com mais de cem anos, era o principal cineasta português, o Agostinho da Silva, se não

me engano. Tem um filme dele que tem um personagem que é o senhor Vuvu, um personagem velho que tem mania de livros. As poucas pessoas que entravam na casa dele, íntimas naturalmente, se surpreendiam com aquela quantidade de livros. E a primeira pergunta que vinha era essa: "Mas dá para ler tudo isso?" E ele dizia, "Não, mas eles me fazem companhia, isso me basta." *(risos)* E ele chega a escrever um poema sobre isso. Os meus livros estão parados, me contemplando das prateleiras. Aguardando a minha chegada em casa. Eles estão lá à minha disposição e eu nem sempre lhes correspondo e cumpro com meu dever de lê-los. Mas eles têm tudo que quero que me ofereçam.

Curioso, porque eu tenho várias áreas de interesse, sou eclético, até de arquitetura eu gosto! *(risos)* E todos os aspectos da arquitetura. A filosofia, as artes complementares, a história que foi a minha disciplina, que eu dei. E psicanálise. Isso aí me atrai muito. Essas interfaces da arquitetura que é um ponto de apoio de onde se irradiam os diversos caminhos a serem explorados.

Eu sempre gostei muito de livrarias, tive amigos livreiros. Houve uma época que aqui em Brasília o nosso grupo se reunia todos os sábados na livraria do *(Wilson)* Hargreaves, a Casa do Livro. Foi a primeira livraria boa de Brasília. Ficava no Conic, na entrada do Conic. Foi uma livraria fundada pela mulher dele, a Noemi, que tinha trabalhado no Rio em uma livraria excelente, que era a Casa do Livro. Ela adotou o mesmo nome e criou aqui a Casa do Livro. Era a melhor livraria. Durante muito tempo foi. Tinham livros importados, livros de arte. Foi lá que eu conheci o Saramago. Vários ministros de Estado frequentavam lá, artistas. Ali era nosso abrigo, nosso

refúgio. Todos os sábados, aquele grupo de pessoas que gostava de leitura, de livros. Ali eu conheci Manoel de Barros, fui apresentado ao primeiro livro dele. Eu devo muito à Casa do Livro, ela me abastecia. Era difícil passar uma manhã sem sair com algum livro. Ainda davam um desconto, tomávamos um cafezinho. Lá eu conheci também um psicanalista, fazendo essa ponte entre arquitetura, psicanálise etc. Numa ocasião ele fez uma mesa redonda e me convidou para debater sobre psicanálise. Então essas aproximações a gente fazia naturalmente. Exatamente, literatura e arquitetura podem parecem campos distintos, mas não são. Acabou que me tornei sócio da Associação Nacional de Escritores, eu que não sou escritor.

Estou lá até hoje e tenho aproveitado bastante. Na semana passada teve uma exposição sobre a Semana de 22, Semana de Arte Moderna, onde se comentou exatamente essa interface, com o cinema, com a arquitetura, enfim, com todas as artes. Eu costumo dizer que quem entende de arte apenas não entende de arte nenhuma. Na verdade, para entender as artes você precisa passear por essas tangências todas dos diversos campos.

Artes

Eduardo Oliveira Soares: Entender a importância de cada tipo de manifestação. Do cinema, da dança, da literatura, da poesia, da fotografia.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Acho que a arquitetura não é um ponto de convergência, é um ponto de expansão. É um universo em expansão. Inúmeros artistas brasileiros começaram estudando arquitetura. Em uma ocasião eu recorri à música para poder explicar um conceito de arquitetura. Isso não é simplesmente um diletantismo, não é? Você percebe, na prática, que as ligações são muito fortes entre o campo da arquitetura e campos vizinhos.

Eduardo Oliveira Soares: A música mesmo, tem a questão dos ritmos, das pausas, do silêncio.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Tinha um conceito que eu tinha muita dificuldade para verbalizar e passar para os alunos. O conceito de espaço. Difícil falar do espaço e eles perguntam, "O que é um espaço na arquitetura?" E você começa: um espaço, é... Não é o vazio, ele não é matéria. Ele aglutina a matéria. Dá razão de ser ao tátil, ao material.

Eduardo Oliveira Soares: A relação entre o espaço construído e o não construído.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Um dia eu recorri

à música, o espaço está para a arquitetura assim como a pausa está para a música. Então a pausa na música, que é a distância entre duas notas, não é o silêncio, não é o nada. É o que liga. É o que liga dois edifícios, dois volumes. Ele é material. Porque muita gente definiu o espaço como o vazio, o na da, a distância. Não é isso. O espaço é mais do que isso quando se trata de arquitetura.

Tive uma aluna que estudava violino, e ela gostou da comparação. Fez um trabalho brilhante, um trabalho final sobre música e arquitetura. Eu pensei, olha aí, está vendo, a ideia pegou. Então ela explorou o universo musical que ela dominava através do violino e o campo da arquitetura que ela estudava como profissão. Ficou um trabalho muito interessante.

Poesia

Eduardo Oliveira Soares: Sobre a poesia? Eu sei da sua participação em saraus pela cidade. Declamações que encantaram muita gente. Tem poesias autorais?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: É outra coisa que eu gosto muito. Inclusive nessa palestra na Associação Nacional de Escritores eu levei alguns poemas. E tem um que eu acho notável, exemplar, entre muitos outros, mas é aquele *Operário em construção* de Vinícius de Moraes. *(declamando)* "Era ele que erguia casas / Onde antes só havia chão. / Como um pássaro sem asas / Ele subia com as casas / Que lhe brotavam da mão. / Mas tudo desconhecia / De sua grande missão: / Não sabia, por exemplo / Que a casa de um homem é um templo / Um templo sem religião / Como tampouco sabia / Que a casa que ele fazia / Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão."[13]

Eu acho notável. Ele tem um fundamento político, de contestação e de libertação. "A casa que ele fazia, sendo a sua liberdade, era a sua escravidão." Porque ele fazia para o patrão. Então foi um dos que eu citei lá. Outros foram as letras do Chico Buarque. O Chico Buarque é muito mais do que um letrista, é um poeta.

---

13 MORAES, Vinícius de. O operário em construção. Rio de Janeiro, 1959. Disponível em https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao. Acesso em agosto de 2022.

E tem muitos outros, o Mário Quintana, ele tem uma expressão que diz: "A música é a arquitetura do tempo, e a arquitetura é a música do espaço."[14] Envolvendo de novo o conceito de espaço. Então ele funde essas duas ideias nessa formulação. Eu sou um apaixonado pelo Mário Quintana.

E vários outros, o João Cabral de Melo Neto tem um poema sobre a cultura, também belíssimo, "A arquitetura com portas feitas de abrir portas e não portas de fechar."[15] E por aí ele vai. Fora os literatos, cronistas, que escrevem muito sobre arquitetura e arquitetos. É o caso do Rubem Braga. A poesia eu gosto muito também como campo de expressão intelectual. E cometo, de vez em quando, umas coisinhas também. Não tem nada publicado, está tudo guardado em pasta.

Eu ando pensando nisso. Para uma palestra eu escrevi exatamente na linha dessa do operário e a construção. Essa tragédia, como diz o Vinicius, de que, ao mesmo tempo que liberta, mata e escraviza.

Esse é o Marcelo, filho do Gladson da Rocha, o famoso arquiteto das pirâmides. Foi o *Sobrenatural de Almeida* que provocou o nosso encontro aqui, como diria o Nelson Rodrigues "Houve uma interferência estranha, o Sobrenatural de Almeida."

---

14 QUINTANA, Mário. Disponível em https://arquiteturaemusica.wordpress.com/2015/09/01/a-musica-e/. Acesso em 25/07/2022.
15 MELO NETO, João Cabral de. Fábula de um Arquiteto. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.345-346.

Marcelo falando sobre o Prof. Coutinho: Não sei se você sabe que o Prof. Coutinho tem o dom da ubiquidade. Ele está em dois lugares sem o menor problema.

O Gladson da Rocha era um arquiteto de talento. Andou pelos Estados Unidos, pelo México e veio pra Brasília na leva do Niemeyer. Ele procurava espantar, então nessa linha ele fez muita coisa interessante, fez a pirâmide da CEB, a Companhia Energética de Brasília.

Revistas

Gladson da Rocha criou no Rio uma revista muito interessante que é a *BAC, Brasil: Arquitetura Contemporânea*, que é anterior à *Módulo*. A *BAC* foi uma das primeiras revistas sérias de arquitetura. Era muito boa, mas cara, lançou uns 10 ou 15 números e parou. A BAC até onde eu me lembro teve um artigo sobre Brasília muito interessante, de um urbanista chamado Joaquim de Almeida Matos. Na época do lançamento de Brasília, aquela polêmica a favor, contra. Ontem eu estava lembrando isso para uma entrevista. Havia o *(Carlos)* Lacerda contra o Gustavo Corção, contra os que defendiam. Joaquim de Almeida Matos escreveu um artigo fortemente crítico que se chamava *Das indiscutíveis razões da mudança*. Onde ele descia o malho. Este artigo lido hoje é muito interessante. Como muitos, ele questionava a conveniência de um investimento vultoso para a mudança da capital. Vou procurar essa revista lá em casa, às vezes eu sei até onde está, mas estão inacessíveis porque tem uma pilha na frente. Aquilo ali não é nada. Lucio enterrado naquela poltrona cercado de livros. *(risos)* Quando eu vejo aquela fotografia acho tudo muito em ordem. Quem me dera chegar àquele ponto. *(risos)* São tantos assuntos!

Trabalho Coletivo

Eduardo Oliveira Soares: Muitos assuntos e inúmeras facetas da sua personalidade, muito conhecimento. Com toda essa bagagem, participou das comissões e conselhos: Na Universidade de Brasília, o Conselho Editorial da Editora da UnB e as Comissões 50 anos da UnB; UnB nos 60 anos de Brasília; Atualização do Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro 2021; 60 anos da UnB. No Distrito Federal, o Conselho de Planejamento Territorial Urbano do Distrito Federal 2009; a Comissão 60 anos de Brasília; o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal (CONDEPAC) 2022. No Ministério da Educação, a Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (CEAU). Membro do Conselho Curador da Fundação Athos Bulcão. Membro da Comissão 2022, O Brasil que queremos, da Supren – Saber, Espiritualidade e Sociedade – União Planetária.... Deve estar faltando ainda muita coisa nessa lista.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ainda hoje eu passei lá na livraria, estava com alguns números atrasados da *Revista Humanidades*. Eu até disse para ele: olha, eu fiz parte do Conselho Editorial no início da Revista.

Sempre acreditei no trabalho coletivo. Então de vez em quando me botam em um conselho e eu não posso fugir. É isso mesmo. Temos que trabalhar coletivamente. É no IAB *(Instituto de arquitetos do Brasil)*, é no CAU *(Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil)*, em todo lugar, não é? A gente tem que se associar. Eu apoio, em princípio, uma

abertura democrática, todo mundo participando. É preciso tomar cuidado para não cair no democratismo também. Porque até os ditadores se valem do democratismo, que acaba se tornando uma coisa ritualística. Sem efetividade.





PATRIMÔNIO

Diretor de Patrimônio

Eduardo Oliveira Soares: Um dos assuntos que a gente não tinha abordado foi a sua passagem como Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico, DePHA, vinculado à Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal. Isso foi lá por 2009, não é?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Foi de 2007 a 2009, eu saí quando adoeci. Eu me aposentei da UnB em 2005, na compulsória. Eu podia ter me aposentado antes, o pessoal dizia, "Você é um bobo, o que você está fazendo aí, vai ganhar dinheiro". Mas eu não sei ganhar dinheiro. Até hoje eu não aprendi, não é agora que eu vou aprender. E eu disse, o que eu gosto de fazer está aqui. É o ambiente, é o contato com as pessoas, com os alunos, com os colegas, por que não continuar? O que eu ganho é isso. "Ah, porque você ainda pode fazer jus a um adicional que criaram na época para quem aposenta." Mas isso não me interessava. O que eu ganho é o suficiente para a vida que eu levo. Aí caí na compulsória, que era 70 anos. Mas eu achava que estava em condições, não estava demente, nem nada, estava dando uma contribuição. Mas aí, não deu. Me aposentei em 2005. Fiquei batendo cabeça por dois anos.

É tão estranha a sensação. A gente sai de uma atividade intensa para uma vida meio à deriva. Foi quando eu recebi um convite do Tetê Catalão que ocupava um cargo de confiança, subsecretário, se não me engano, na Secretaria de Cultura do GDF, com o Silvestre Gorgulho.

Eduardo Oliveira Soares: No ano de 2007, quem era o governador?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Era o Roriz. Eu não tinha nenhuma afinidade com o governo do Roriz, mas a Secretaria de Cultura e a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico tinham tudo a ver comigo. E eu disse, seja quem for o governador é um trabalho a ser feito. E esse trabalho não depende de partido ou de orientação, a não ser conceitual, filosófica. E nada impedia. E o Tetê era uma pessoa que eu admirava muito, uma pessoa confiável, um intelectual. Aí eu aceitei. Entrei para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico quando vagou a Diretoria. O Jarbas Marques era o diretor, ele saiu e daí o Tetê me convidou para ocupar o cargo. Que fique claro que não foi pelo meu ingresso que o Jarbas saiu. Eu entrei em uma diretoria vazia. E fiquei até adoecer em 2009.

Tive a oportunidade de fazer uma porção de coisas. Eu vi agora que a Via Sacra vai voltar após o período de isolamento devido ao Covid-19. Foi nesse período que nós fizemos o registro como patrimônio cultural da Via Sacra.

Eduardo Oliveira Soares: Também foi nessa época que teve o tombamento da Pedra Fundamental.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: A Pedra Fundamental é de 1922 como parte das comemorações do Centenário da Independência. Ela foi plantada lá em Planaltina, por sinal em um lugar muito bonito. Isso é que eu ia te contar... Que eu cheguei em Brasília no final de 1968, poucos dias antes do AI 5. O ano que não terminou.

Quando eu cheguei em Brasília, ainda tomando pé, não

conhecia nada. Eu vim em junho, voltei para liquidar minhas coisas e voltei depois em agosto para assinar contrato. Assinei o contrato em dezembro e aí com a situação mais ou menos estabilizada comprei um carrinho, um Fusca, foi o meu primeiro carro. Não dava para andar a pé. Tudo estava longe. Não é como agora que tem comércio, você pode andar numa quadra, você pode estabelecer uma área de frequência. Mas antes não, tudo era distante, uma coisa aqui, outra lá.

Eduardo Oliveira Soares: Muitas quadras vazias.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Muitas. Na Asa Norte não tinha nada. Só tinha o Castelo da 312. Aqueles prédios vermelhos, o Castelo do Cerrado como era chamado. A W3 era uma rua empoeirada, cheia de casas de madeira onde funcionavam os restaurantes. Então eu comprei um fusquinha azul, bacana, meu primeiro carrinho, tirei carteira. Nem carteira eu tinha. E sai a explorar a cidade.

Eu estava sozinho nessa época, era solteiro. Foi a razão de vir para Brasília. Era mais fácil. E com esse carrinho eu passei a navegar pelos mares revoltos. Então eu saí na direção de Planaltina, eu queria conhecer. Eu tinha a informação que Planaltina era uma cidade antiga. Quando eu ia para Planaltina, no fim de semana eu fazia isso, eu vi uma estradinha que abria à direita e uma placa que dizia Colégio Agrícola. Era um baita de um colégio agrícola construído nesse ramal da estrada. Aí disse, eu vou explorar isso, vou ver onde é que fica. Aí era um colégio portentoso, parece que tinha sido construído na época do Getúlio. Uma coisa assim. Aí continuei pela estrada. Dava uma curiosidade você ir por essas estradinhas.

Eu sempre fui muito curioso. Até hoje eu paro o carro num comércio e vou explorar, ver o que tem ali. Descubro coisas interessantíssimas. Coisas que a gente nem suspeita que existam. Curiosidade. E eu segui e dizia Pedra Fundamental. O que é isso? Eu nunca tinha ouvido falar. E fui, fui, fui naquela estradinha subindo, subindo, de terra, fazendo curvas. De repente acabou a estrada. Tinha um morro e eu vi lá em cima um pirulito espetado. Fui a pé, subi aquela ladeirinha e me deparei com a Pedra Fundamental de Brasília com a placa dizendo a data, no Governo de Epitácio Pessoa, senão me engano, comemorando o Centenário da Independência, já que a decisão de construir Brasília já estava nas primeiras constituições do Brasil. Não tinha nome. Era Pedra Fundamental da Nova Capital.

Eduardo Oliveira Soares: Essa pedra está fazendo 100 anos em 2022.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ela foi colocada em 1922, para celebrar a Independência e a primeira Constituição Brasileira. Estava lá um pirulito simples de alvenaria e uma placa onde diz tudo isso. E, por coincidência, era o dia Sete de Setembro. Era o aniversário da Pedra. Foi uma emoção. Eu recém-chegado em Brasília, diante da Pedra Fundamental da cidade que era para nós o ideal urbano.

Acompanhei o concurso, a vitória do Lucio Costa, os estudantes se interessavam naquela época. Fui lá sozinho, no meio de uma paisagem imensa, um horizonte de 360° no céu descomunal, você via ao longe Planaltina pequenininha. Ali tudo baixava para o Vale do Amanhecer. Aquela topografia.

Eduardo Oliveira Soares: Naquela época já existia o Vale do Amanhecer?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Não tinha. Por isso que deram o nome, depois, de Vale do Amanhecer. É ali que Tia Neiva escolheu o lugar, provavelmente impressionada com a paisagem, grandiosa. Aquele céu imenso, sem nuvens. A cidade ao longe. Em um ou outro ponto você vislumbra lá de cima. É um lugar lindo. E eu lá sozinho na Pedra, ali celebrando. A cidade que eu escolhi estava ali simbolizada pela sua Pedra Fundamental.

Depois eu vim conhecer o Walter Mello, que é o fundador do Arquivo Público, ele está hoje com 93... acho que é 93 ou 94 anos, lúcido. E contei para ele essa história. Foi ele que fez o tombamento da Pedra. Ele tinha envolvimentos com o patrimônio também.

Eduardo Oliveira Soares: Vale sempre lembrar que existem bens tombados no Distrito Federal fora do Plano Piloto. Há uma tese[16] que aborda este tema.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim! Tem vários bens tombados fora do Plano Piloto, o nome dele está lá na Pedra. E aí assumimos um compromisso, quando eu contei, nós dois fazermos uma visita à Pedra no dia do aniversário. Virou um mote das nossas vidas, porque até hoje a gente nunca foi. *(risos)* "Olha, não esquece

---

16 BARBOSA, Daniela Pereira. O patrimônio de Brasília além do Plano Piloto: uma análise de dossiês de tombamento, 1959-2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

este ano, dia sete..." Quando é dia sete a gente não vai. Mas todo o ano a gente lembra, todos os anos a gente lembra que temos um encontro marcado lá na Pedra de Fundamental. Este ano é capaz de acontecer, já me ligaram dizendo que vão fazer uma cerimônia lá, que é o Centenário da Pedra.

Eu vou ver se ele está em condições, por causa da idade ele precisa de acompanhante. Seria um bom motivo, o Centenário da Pedra.

GT Brasília

Eduardo Oliveira Soares: E a sua participação no GT-Brasília, na década de 1980?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Essa é outra história. O GT-Brasília era uma ideia, uma coisa sem a importância histórica que hoje tem. Era o Grupo de Trabalho para a Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Brasília. Foi uma época em que não havia Ministério da Cultura. Mas havia uma movimentação no sentido de preservar Brasília. Então tinha gente que já falava em tombar Brasília. Mas tombar como? Brasília não era uma igreja barroca. Toda a experiência do IPHAN era no tombamento de patrimônio antigo. E nós tínhamos um grupo forte aqui na universidade de pessoas preocupadas com esses aspectos da preservação de Brasília. E principalmente dos acampamentos de Brasília que na época pensavam em remover. "Brasília está pronta, para que existir acampamentos?"

Eduardo Oliveira Soares: Os acampamentos dos operários que trabalharam na construção?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eram cinco acampamentos reunidos, onde hoje é a Vila Planalto, iam ser removidos porque aqueles acampamentos se estabeleceram durante a construção do Congresso, do Palácio do Planalto, da Praça dos Três Poderes. Era onde moravam os operários e os engenheiros da obra. Não quer dizer que eram de lona, eram acampamentos

de obra. O Núcleo Bandeirante era outro caso, uma coisa mais estabelecida, diversificada. Ao passo que essas construções foram feitas para abrigar a moradia temporária dos operários, como galpão de obra.

Eduardo Oliveira Soares: Então a ideia realmente era remover depois?

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ali tinha refeitório de operários, tinham casas que formavam uma rua, e um conjunto que era conhecido como Fazendinha. Por que a Fazendinha? Eram casas melhores dos dirigentes da Novacap e uma das casas serviu como residência do Ministro da Fazenda, Reis Veloso, em um dos governos, não me lembro qual, escolheu morar ali.

É um lugar muito aprazível, uma casa de madeira, mas muito bonita. Então ficou conhecida como a Fazendinha. Isso foi crescendo. Esses acampamentos não foram desmanchados depois das obras prontas. Aí continuaram como residência permanente de outras pessoas que não eram os operários. E sempre falando... "Tem que desmanchar isso. Onde é que se viu há um quilômetro da Praça dos Três Poderes, ter um *favelão* de madeira." E nós na universidade, então, tomamos o lado de que, por uma questão de honra, aquele espaço passou a fazer parte da história. Era o ambiente onde moravam, onde viviam os operários que construíram a Esplanada, era fácil transportá-los de caminhão de obras. Passava lá, pegava os operários.

Tem aquelas fotografias do *(Mário)* Fontenelle. Caminhões cheios de operários, largavam na obra, dava para ir a pé. E a gente disse, não tem por que remover isso.

O Paranoá, que era um acampamento de obras da construção da barragem. A Metropolitana, que ficava junto ao Núcleo Bandeirante. Eram os grandes acampamentos de obras. A Metropolitana que era a Companhia Metropolitana de Engenharia. A Rabello, da construtora Rabello. Todos eles tinham os nomes das suas respectivas companhias ou da Novacap. Mas eles se agregaram, formavam um conjunto só que é a Vila Planalto. E estavam falando em remover isso, "Porque isso enfeiava a cidade."

Eduardo Oliveira Soares: Era algo 'não planejado' na 'cidade planejada'.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Era uma inserção no Plano. Uma intromissão no Plano aquele negócio ali, tinha que esconder. Mas começou a adquirir personalidade. Ali tinham bons restaurantes. Como era a W3 Norte, com excelentes restaurantes. Era uma opção dos habitantes do Plano Piloto, era programa de fim de semana. O *Traíra sem Espinha,* era famoso. Tinha um peixe inteiro. Isso sobrevive até hoje.

Esse grupo se juntou em torno dessa ideia da preservação da Vila Planalto e dos demais acampamentos da Vila Metropolitana...

Eduardo Oliveira Soares: O foco desse grupo nem era o Plano Piloto formal, moderno. A ideia então era resguardar esses locais mais espontâneos.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Entre as pessoas que eu me lembro que defendiam essa ideia, estava o Paulo Bicca, que hoje voltou para o Rio Grande do Sul. Tinha a Maria Elaine Kohlsdorf, que continua aqui. Várias

pessoas. Era um grupo de pessoas conhecidas que se juntaram aos representantes dos moradores da Vila. Tinha uma associação muito forte que defendia a permanência. Já tinha uma igrejinha.

Eduardo Oliveira Soares: Que pegou fogo e foi reconstruída.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Aliás, o padre queria construir uma igreja moderna e todo mundo queria preservar a igreja de madeira. Belo dia ela pegou fogo. Tinha uma escola muito importante, tinham vários prédios já marcantes. E a Rua dos Engenheiros, que tinha as melhores casas. Então já tinha toda uma simbologia. Mas tinha gente que ainda insistia em desmanchar. E a gente insistindo que tinha que permanecer.

Nessa época o Aluísio Magalhães, junto com um grupo que estava lutando também pela formação do Centro Nacional de Referência Cultural que depois resultou no Ministério da Cultura. Ele era um cara muito interessante, uma cabeça ótima. Designer, não era arquiteto. O Paulo Bicca, a Maria Elaine e eu, propusemos a ele a formação de um grupo para tratar de normas de preservação para Brasília, que previam a valorização dos acampamentos e a valorização das fazendas antigas da época colonial. Também a valorização de Planaltina e Brazlândia, que eram anteriores a Brasília. Então precisava valorizar este passado. Parecia que Brasília tinha surgido assim, sem passado.

Eduardo Oliveira Soares: Como se tivesse surgido no meio do nada, feito mágica no meio do cerrado. Mas existiam fazendas aqui.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: "Em uma terra deserta..." mas não era deserta não. Era ocupada por fazendas, tinha Planaltina que era muito atraente. Foi onde eu fui parar com o meu fusca azul. Eu me apaixonei por Planaltina.

Eduardo Oliveira Soares: Nesse contexto do GT-Brasília, as preocupações sobre patrimônio se distanciaram da Brasília de Lucio Costa, para a Brasília com esse passado das fazendas e dos assentamentos.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Esse grupo passou a se reunir junto da sala do Aloísio Magalhães, no Centro Nacional de Referência Cultural, que depois se transformou na Fundação Pró-Memória, da qual o Aloísio Magalhães era o presidente. Um dia o Aloísio, conversando informalmente, disse, "Pois é, essa ideia de tombar Brasília. Eu acho que está na hora da gente providenciar o tombamento de Brasília. Eu tenho o famoso bilhete do Juscelino Kubitschek para o Rodrigo Melo Franco pedindo para tombar Brasília." Porque o Juscelino, já percebeu o perigo.

Com base nisso o Aluísio disse, "Já está na hora de tombar." E eu me lembro que eu disse que era o que a gente discutia no grupo, era um grupo de ideias avançadas. Não pode ser um instrumento do tombamento tal como se usa para uma cidade como Ouro Preto ou para igrejas barrocas. Como você inclui em um decreto de tombamento um acampamento de madeira, por exemplo? Acampamentos de obras? As fazendas antigas? Como inserir nos critérios do patrimônio?
Foi preciso pensar em instrumentos novos. E pesquisar certos aspectos que são peculiares a Brasília. Este foi o GT,

o Grupo de Trabalho de Brasília constituído por pessoas. O IPHAN até editou uma publicação[17]. Eu fiz uma mesa redonda.

Eduardo Oliveira Soares: É o de capa verde.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Sim, é esse. Ali tem a relação das pessoas que participaram. Entre as quais estavam o Walter Mello, o Eurico Salviatti, que era paisagista. Vários arquitetos professores da faculdade. Na cabeça do grupo estava Briane Bicca, a mulher de Paulo Bicca, que era do Patrimônio Histórico. Aliás, na verdade ela era de uma entidade Pan-Americana que tem sede em Brasília. E a Briane e a Maria Elaine Kohlsdorf é que aguentavam a parte organizacional. A Maria Elaine sempre escreveu muito bem, sempre teorizou sobre isso. E a gente tinha belíssimas discussões. Havia estudantes e estagiários da faculdade participando. Que hoje são membros do patrimônio, são técnicos do IPHAN.

Foi um processo de formação de quadros, inclusive, tinha uma menina que era excelente paisagista, a Ieda. Aos poucos, formando quadros e a coisa foi chegando a um ponto que se promoveu um encontro sobre patrimônio em Planaltina, lá no Museu de Planaltina, em que compareceram o Aloísio Magalhães, o Wladimir Murtinho, diplomata que ficou responsável pela construção do Palácio. No encontro produziu-se a Carta do Património de

17 REIS, Carlos Madson; RIBEIRO, Sandra Bernardes; PERPÉTUO, Thiago Pereira (Org.). GT Brasília: memórias da preservação do patrimônio cultural do Distrito Federal. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Planaltina com diretrizes para preservação de Planaltina. Um documento histórico que o pessoal esqueceu, muita gente não sabe que isso aconteceu. O GT-Brasília, embora depois de extinto, foi valorizado em uma monografia de pós-graduação de mestrado contanto a história do GT, virou o livro da Sandra Bernardes[18].

Eduardo Oliveira Soares: Tem a dissertação[19] da Jéssica da Silva também. Curiosamente o GT tinha mais foco nesse patrimônio fora do Plano Piloto. Mas logo depois foi tombada a Brasília moderna, do Niemeyer.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Essa dissertação eu não conheço. Quanto ao GT, aí é outra história. O Aloísio queria tombar, mas foi desaconselhado. Diziam, "Não é o de tombamento." O tombamento é um instrumento tradicional do então SPHAN. Mas precisamos criar um instrumento mais moderno, mais atual e mais abrangente, que considere essa diversidade, essa peculiaridade do patrimônio de Brasília. É para uma região inteira integrada por Planaltina, Formosa, Luziânia e Brazlândia. O Aloísio era uma pessoa admirável, era uma estrela nacional, mas tinha uma simplicidade, ele ouvia as pessoas. Ele aceitou a ponderação e aguardou. "Aguarde que estamos produzindo instrumentos, uma estrutura." A Maria Elaine escreveu vários textos, a Briane Bicca. Neste meio tempo, o governador era o José Aparecido, que era um político

---

18 RIBEIRO, Sandra Bernardes. Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural. São Paulo: Annablume, 2005.

19 SILVA, Jéssica Gomes da. O GT-Brasília na trajetória de patrimonialização da capital. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

hábil, muito esperto, mineiro, percebeu o potencial político dessa ideia. Ele tinha um grande contato com o Aloísio, que estava atuando na área federal junto à universidade. E o que que ele faz? O Aparecido vai à Unesco e apresenta ao Comitê da Unesco, ao ICOMOS da ONU, a ideia de Brasília como Patrimônio Cultural Mundial. O Aparecido era um político muito sagaz. Ele agradava todo mundo. Eu me lembro de uma ocasião, eu era presidente do IAB nessa ocasião.

Presidente do IAB

Eduardo Oliveira Soares: Seu período de presidência do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento Distrito Federal, foi entre 1984 e 85.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Eu estava no IAB em uma ocasião e o secretário veio me chamar dizendo, "O governador está ao telefone e quer falar com o senhor." Comigo? Vejamos o que ele quer, deve ser engano. *(risos)* Atendi ao telefone e ele: "Presidente!" Para mim, nunca tinha me visto como presidente. "Presidente! Eu queria convidá-lo!" A gente fazia muitas críticas e o Oscar estava em Brasília, instalado lá no Palácio do Buriti, para terminar a catedral. E o Aparecido fez um escritório para ele lá. "Presidente, eu gostaria muito que o senhor conhecesse o nosso insigne arquiteto, seu colega. Eu o convido para um encontro com ele." E eu, claro! Irei com muito prazer. E eu fui ao Palácio do Buriti, com o convite para encontrar o Oscar Niemeyer. Ele já estava, naturalmente, avisado que ia encontrar o presidente do IAB.

Oscar Niemeyer III

Porque nós fazíamos críticas. Esse negócio de pintar a Catedral de branco. Aquela estrutura era magnífica em concreto. E o Oscar dizia, as catedrais eram brancas, era o nome de um livro, *Quando as catedrais eram brancas*[20]. E eu fui ao Palácio, esperei um pouco. Quando eu entrei, era um salão imenso e o Oscar lá no fundo do salão. Tinham armado para ele uma mesa de trabalho, o Oscar de preto com aquela roupa que ele usava, com colarinho fechado, parecia um padre. Muito elegante. Eu olhei e fiquei intimidado. Parecia que estava entrando num templo e o sumo sacerdote lá ao fundo em um altar. Era a mesa de trabalho dele. *(risos)* E o Oscar gentilmente me recebeu, sentamos em um sofazinho na entrada, conversamos e o Oscar me explicou o que estava fazendo na catedral. Era uma tentativa de aliciamento.

Era uma atitude diplomática, eu concordo, para evitar críticas. Então se estabeleceu um plano cordial de atendimento. Foi simpático, sem dúvida. Aí ficamos conversando ali, não me lembro quanto tempo, e o Oscar contando o que ele pretendia, as ideias dele.

O problema era terminar a estrutura que estava no concreto, era só aquela aranha pousada ali. O Lelé então desenhou aquela esquadria de hexágonos de ferro para fechar os vãos. Ninguém sabia como fechar. Nem o

---

20 LE CORBUSIER. Quand les cathédrales étaient blanches. Paris: Plon, 1937.

Oscar sabia. O Lelé então bolou aquela forma, depois da estrutura pronta, que era para receber vidros, foi aí, eu acho, que surgiu a ideia de que esses vidros poderiam ser vitrais de Marianne Peretti. Ela tinha uma ligação forte com o Oscar. O Oscar a convidou então para desenhar vitrais. E foram muito estranhos aqueles vitrais... causaram um estranhamento.

Governador

Eu estava falando sobre o Aparecido e a catedral do Niemeyer, o José Aparecido foi parar no Governo do Distrito Federal por uma série de tramas, na redemocratização do país quando se afigurou a possibilidade de Brasília ter um governador. A cidade era administrada por um prefeito, durante a Ditadura era um prefeito nomeado pelas Forças Armadas.

Haviam indicado o Hélio Prates da Silveira, o (Aimé Silveira) Lamaison eram todos militares. E de repente, com a redemocratização, surgiu a oportunidade de Brasília ter um governador civil, como a gente gostaria. E nessa época cria-se o Ministério da Cultura. Quem assumiu o Ministério da Cultura foi José Aparecido, o primeiro-Ministro da Cultura, nomeado pelo Sarney que assumiu a presidência com a morte do Tancredo.

E nomeiam o Aparecido, ninguém sabia bem o que era o Ministério da Cultura, mas era uma iniciativa simpática. Aqui em Brasília, de repente, surge o nome de um primo do Juscelino, que ninguém conhecia, era uma figura inexpressiva por completo, a gente ficou horrorizado. E nessa época a gente tinha uma mobilização muito grande na universidade da qual fazia parte o Pompeu de Sousa, junto com o presidente da Ordem dos Advogados, frequentava as assembleias dos professores. É quando se começa a falar na ADUnB. Foi um conjunto de fatos simultâneos, a redemocratização do país, a redemocratização da universidade. Esse primo

do Juscelino Kubitschek não foi bem recebido para ser governador.

Eu me lembro que nós tínhamos muita intimidade com o Pompeu de Sousa. Ele inclusive era sogro de um arquiteto, o José Roberto Bassul, que depois tornou-se fotógrafo.

Fomos ao Pompeu de Sousa, dizendo que não dá... A gente tinha intimidade com o Pompeu, chamava ele de você. Uma figura admirável. E falamos, "Não é possível, a gente vem lutando, lutando tanto para ter um governador escolhido consensualmente e, de repente, indicam... Carlos Murilo." Ser o primo do Juscelino, era a credencial dele. E o Pompeu tomou interesse, e disse, "Quem é que poderia ser? E a gente chegou a mencionar, "Mas por que não o Aparecido?" Ele já era um político experiente, matreiro e tal, tinha sido punido no Golpe Militar. "Poderia ser o Aparecido." Mas o Pompeu, me lembro que disse, "Mas o Aparecido não vai querer, ele acabou de ser nomeado Ministro da Cultura. Então tirá-lo do Ministério para botar no Governo"

O Pompeu trabalhou direitinho e conseguiu encaixar o Aparecido no Governo do Distrito Federal. E o Aparecido era aquele temperamento esfuziante e tal, muito populista. E na época eu era presidente do IAB. E foi quando aconteceu esse episódio, um dia ele ligou para lá para me pôr em contato com Oscar.

Eu acho que o Aparecido queria fazer de Brasília uma espécie de Olimpo. Trazer Niemeyer, trazer Burle Marx, trazer grandes nomes para cá para fazer de Brasília uma vitrine para o Brasil.

Eduardo Oliveira Soares: Talvez resgatar o protagonismo que a cidade tinha no momento da construção. Para isso, era importante finalizar a Catedral.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ele trouxe o Oscar. Instalou o Oscar lá no Palácio do Buriti e me pôs em contato com ele para juntar essas peças todas. Eu me lembro que em uma ocasião eu estava lá no parque andando de bicicleta com meu filho, que era pequeno, uma bicicletinha pequena, em 1985, ele tinha dez anos. E eu com ele, andando de bicicleta e estava havendo uma competição na pista e tinha um palanque. E eu parei com ele em frente ao palanque para ver a chegada dos corredores. Mas aí o Aparecido me viu: "Professor, venha para cá..." E eu, do outro lado da pista, disse, estou bem aqui. Ele me fez atravessar a pista, ir lá junto ao palanque e me fez participar da premiação dos vencedores. Eu estava todo sem jeito ali. Obedeci, não ia provocar uma discussão. Entreguei as medalhas. *(risos)* O meu filho não estava entendendo nada.

O Aparecido era assim, uma vez ele me convidou para acompanhá-lo em uma escola, eu não lembro por qual motivo, lá em Taguatinga. E saímos pela feira livre de Taguatinga, de estande em estande, ele bebendo cachaça, ele adorava um trago, e ele provando cachaça, "Me vê daquela ali..." E o pessoal trazia, naturalmente, era o governador. De manhã, e ele me oferecendo, "Quer provar?" E eu dizendo que era meio cedo. *(risos)* Ele era bem populista. Mas ele era simpático e agradável.

Tombamento

Mas aí veio esse contato, a conclusão da catedral. Voltando ao Aloísio Magalhães e as opiniões de não dar início ao tombamento, que talvez não fosse o instrumento adequado para Brasília. Nós queríamos uma política de preservação. Não o instrumento tombamento e tal, que rende manchetes. Ele, como bom político, percebeu o potencial da escolha como Patrimônio Cultural pela UNESCO que devolveu a ele: "Vocês querem a chancela da UNESCO, mas o que o Brasil já fez para preservar Brasília?"

Devolveram dizendo que só agiriam depois do país interessado ter tomado algumas providências concretas. Aparecido sabia que havia um movimento com o Aloísio, com a formação do Pró-Memória, e ele atravessou, cortou caminho. Pegou o Ítalo Campofiorito, o Jayme Zettel, o Glauco Campello, a turma do Niemeyer. O Ítalo então preparou o documento sobre o tombamento. O tombamento distrital de Brasília e o tombamento nacional pelo SPHAN.

Foi um momento de grande ebulição. A Nova República, aquele otimismo que se criou, e o Aparecido então surge como o pai do tombamento de Brasília em cima desses documentos, aí ninguém ia ser contra...

Eduardo Oliveira Soares: Mas o tombamento acabou não abarcando questões estudadas como a dos acampamentos e das fazendas.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Claro que a gente ficou contrariado, estávamos fazendo um trabalho sério, acadêmico, e o Aparecido corta o caminho e sai com o título Brasília Tombada, Patrimônio Mundial.

Depois, de cabeça fria, muito tempo depois, eu disse, olha, ele tinha razão. Se deixar para os acadêmicos esse negócio não tem mais fim. "Ah não, está faltando aqui um artigo, a vírgula aqui está mal colocada. Acho que até hoje Brasília não teria sido tombada!" *(risos)*

Ele cortou caminho como político que tinha aquela percepção, aquele talento. No nascer da Nova República, tombou Brasília. Hoje tem essa data: 1987.

Ele volta com o tombamento de Brasília, a UNESCO declara Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade, e Brasília foi tombada pelo Governo do Distrito Federal, já era a Secretaria de Cultura e Esportes na época, e pela autoridade federal. Na UNESCO, não é tombamento é declaração como Patrimônio Mundial. Um contexto interessante.

Oscar Niemeyer IV

Eduardo Oliveira Soares: Eu imaginei como uma cena de filme o seu encontro com ele. Um amplo espaço e o Niemeyer todo elegante de preto em um cenário retrô futurista. *(risos)* Um curta metragem. Vão ter que filmar isso algum dia.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Ele parecia um sumo-sacerdote em um templo egípcio, no fundo da sala, aquela mesa que parecia um altar. Mas em um salão vazio. No canto tinha um sofazinho. Só ele e eu.

Ele me disse uma coisa que eu nunca esqueci, que Brasília já estava sendo ameaçada, se deteriorando, muitas interferências. E ele me disse assim, o Oscar: "É, bom era no tempo dos reis franceses, no tempo de Luís XIV, quando construiu Versalhes, que construiu o Palácio e toda a cidade combinando com o Palácio. Harmonizando com o Palácio." Ali eu fiquei espantado, eu digo, isso era um sonho dele, isso é o que ele gostaria que acontecesse em Brasília. Ele constrói o Palácio, o Eixo Monumental em Brasília, a Praça dos Três Poderes, e toda a cidade dentro do mesmo estilo, feito por ele! *(risos)* Ele era de uma vaidade, sabe? Muito simples no tratamento, mas no fundo ele era tremendamente vaidoso. Eu sei também que a gente não pode ser rigoroso, tem que ceder à história.

Talvez ele tivesse os seus motivos e que não fosse vaidade, que fosse apenas a segurança que ele tinha no seu trabalho. Ele reclamava da confusão, da balbúrdia, que a

cidade estava recebendo edifícios medíocres, deturpando Brasília. "Bom era Versalhes, em que se construiu o Palácio e toda a cidade em volta combinando com o Palácio."

Eu ouvi naturalmente, sem comentar. Ele foi muito gentil, nos despedimos... Esse foi um dos meus contatos com o Niemeyer. O outro foi aquele do congresso dos estudantes em Belo Horizonte. E o outro foi quando ele me chamou de inimigo devido as colunas do Palácio da Alvorada... O Érico perguntou se ele estava se referindo ao professor Coutinho. E ele disse, "É esse mesmo." E depois, no final, na última vez que eu... Ah, teve uma ocasião, ele veio lançar o livro da Mondadori[21], que era considerado o melhor livro até então saído sobre a obra dele. Eu tinha os dois volumes do Papadaki[22]. Tinham vários livros dele próprio, *Minha experiência em Brasília*[23], quando saiu o livro da Mondadori que era um luxo, caro pra burro, eu nem podia comprar. Mas o meu filho estava começando a estudar arquitetura, eu comprei de presente para ele. E disse, agora nós vamos lá na sessão de autógrafos do Niemeyer e você vai pedir um autógrafo para ele. E entramos na fila e eu me apresentei. Ele nem se lembrava mais desses episódios, nem sabia quem eu era. Eu disse, olha, o meu filho está estudando arquitetura e eu gostaria do seu autógrafo. E ele então se dedicou ao Leonardo. Fez um desenho.

---

21 NIEMEYER, Oscar. Oscar Niemeyer. São Paulo: Sarvier, 1985.

22 PAPADAKI, Stamo. The work of Oscar Niemeyer. Nova Iorque: George Braziller, 1960.

23 NIEMEYER, Oscar. Minha experiência em Brasília. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

A última vez que vi o Oscar foi na inauguração do Museu da República, ali no Conjunto Nacional da República. Ele veio para a inauguração, isso já no final da vida dele. Me deu uma pena enorme, sabe. Gente, à beça para a inauguração e ele autografando os livros dele e uma revista que ele publicava também da Fundação Oscar Niemeyer. Uma fila enorme e ele atrás de uma mesa, com a mulher ao lado. Ele não tinha mais movimentos nas mãos. Já estava velho, com 104 anos, um pouco depois ele adoeceu e morreu. Estava sentado, com aquela caneta na mão. Uma fila imensa de gente, eu na fila inclusive, esperando. Então a mulher dele pegava a mão dele e botava em cima do livro. Ele já estava sem movimentos. E aí ele rabiscava um autógrafo. Me deu uma pena que eu saí da fila e dispensei o autógrafo. Não é humano. Para satisfazer o meu capricho de ter um autógrafo dele... eu já tenho em outros livros. Foi a última imagem que eu guardei dele.

Ele foi muito admirado, sem dúvida nenhuma, porque até o final ele mantinha um grupo, no escritório dele, que todas as semanas se reunia para estudar filosofia. Reunia os amigos lá, acho que era no oitavo andar do edifício do Posto 6 de Copacabana. Ele tinha um escritório com uma vista linda da praia. Era um edifício antigo *art déco* da primeira fase de Copacabana.

Ceplan

Eduardo Oliveira Soares: A sua narração sobre a construção do SG 10, onde está localizado o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer na Universidade de Brasília, é fascinante. O documentário sobre a primeira experiência com pré-moldados é um registro histórico importantíssimo sobre a construção do Ceplan. Foi ouvindo sobre sua participação na narração desse documentário que tive a ideia de registrar nossas conversas. Fiquei encantado em saber que a narração, que se tornou clássica, surgiu de forma improvisada, sem convite prévio ou ensaios.

Prof. José Carlos Córdova Coutinho: Aquilo ali é interessante porque foram os primeiros edifícios construídos com aquele risco do Oscar Niemeyer, ele entregou para o Lelé desenvolver. O Darcy Ribeiro quando criou a universidade, com as primeiras faculdades, trouxe para ser professor um homem, um alemão que era o seu cinegrafista nas expedições ao Xingu. Quando Darcy Ribeiro, como antropólogo, ia ao Xingu levava o Heinz Forthmann. Era um excelente repórter fotográfico e ele trouxe para ser professor na Faculdade de Comunicação. E quando eu cheguei em Brasília, com outros colegas, por algumas circunstâncias nos tornamos amigos, conhecemos o Forthmann e o Luiz Felberg que era um arquiteto de São Paulo, que estava aqui conosco. E ele descobriu que o Forthmann tinha um material audiovisual que ele fez durante a construção dos SGs. Amadoristicamente, não era obrigação dele, foi filmando aquelas etapas da construção apressada, em quarenta e

cinco dias, para abrigar as primeiras faculdades de artes que estavam lá no Ministério da Educação, na Esplanada. A UnB quando foi criada não tinha instalações, então era abrigada em salas do Ministério da Educação.

Aí construíram aqueles prédios rapidamente segundo uma técnica bolada pelo Lelé. O Oscar fez um risco e o Lelé que bolou aquele sistema de elementos de encaixe para as paredes, que apoiava a viga de concreto protendido, garantindo aquele enorme vão sem colunas internas. Sem janelas, porque esses elementos pré-fabricados não tinham esquadrias. A iluminação é zenital, em cima dos jardins. Por ali entra a chuva também. É aquele ovo de Colombo, uma ideia simplíssima, genial. É uma expressão que eu uso muito.

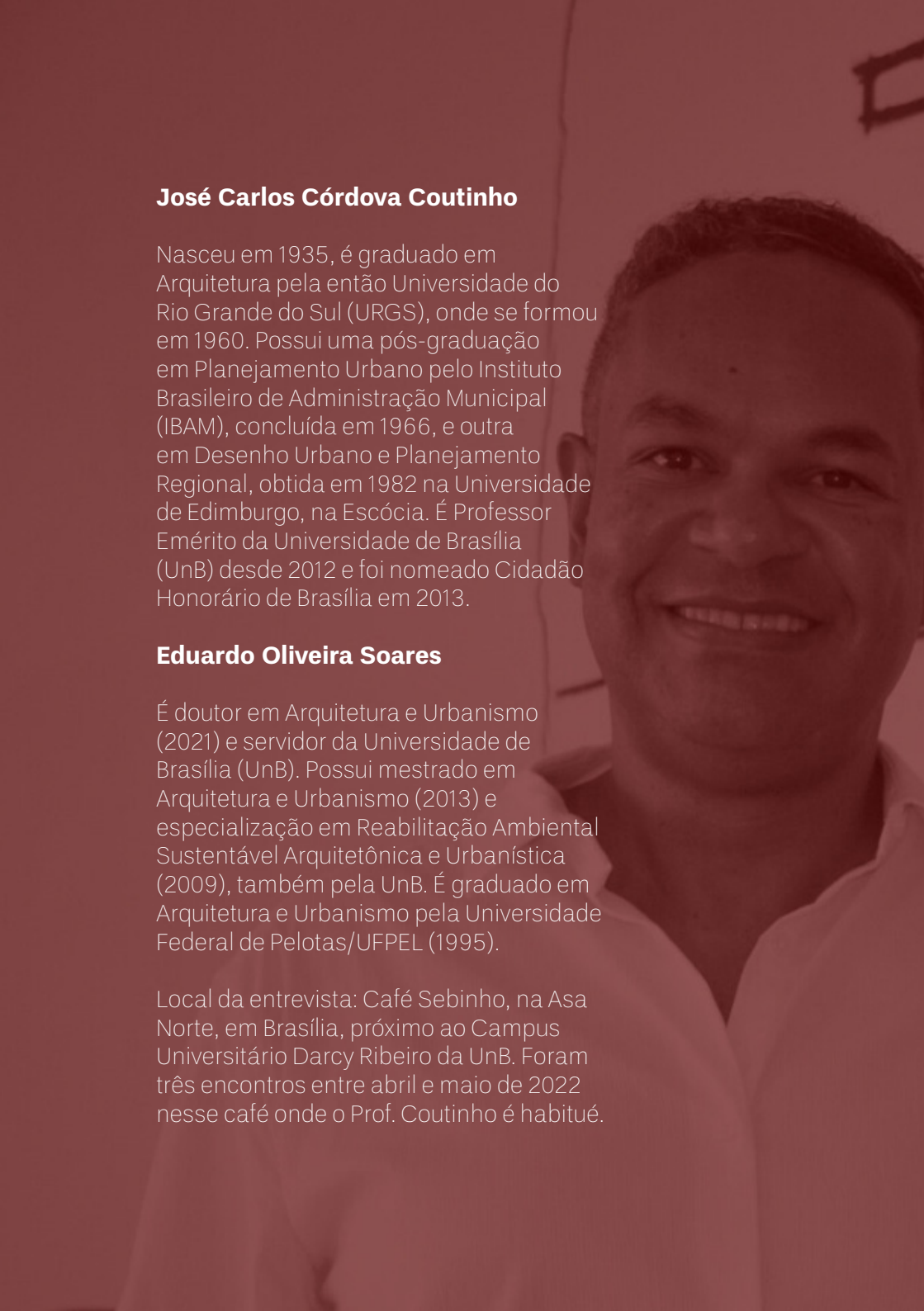
O Glauco tem um livro que se chama *O brilho da simplicidade*[24], mostrando que as grandes obras são grandes por serem simples, baseadas em ideias simples. É a essência. O mínimo da ideia e o máximo da genialidade, são aqueles prédios lá.

O primeiro foi o SG 10 – Ceplan, que não tinha janelas. E depois os outros que já encaixaram algumas janelas. No SG 8 ainda tem um detalhe a mais. Eles retiravam uma placa e faziam uma esquadria vertical para iluminar e ventilar lateralmente... E os assentos, que eu acho que são do Lelé.

---

24 CAMPELLO, Glauco de Oliveira. O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

Minha memória está prestes a se extinguir! *(risos)* mas quero transmitir o que sei para quem puder repassar. Adoro nossos cafés, com ou sem gravação. O tempo voa e preciso ir, senão vou chegar atrasado lá.



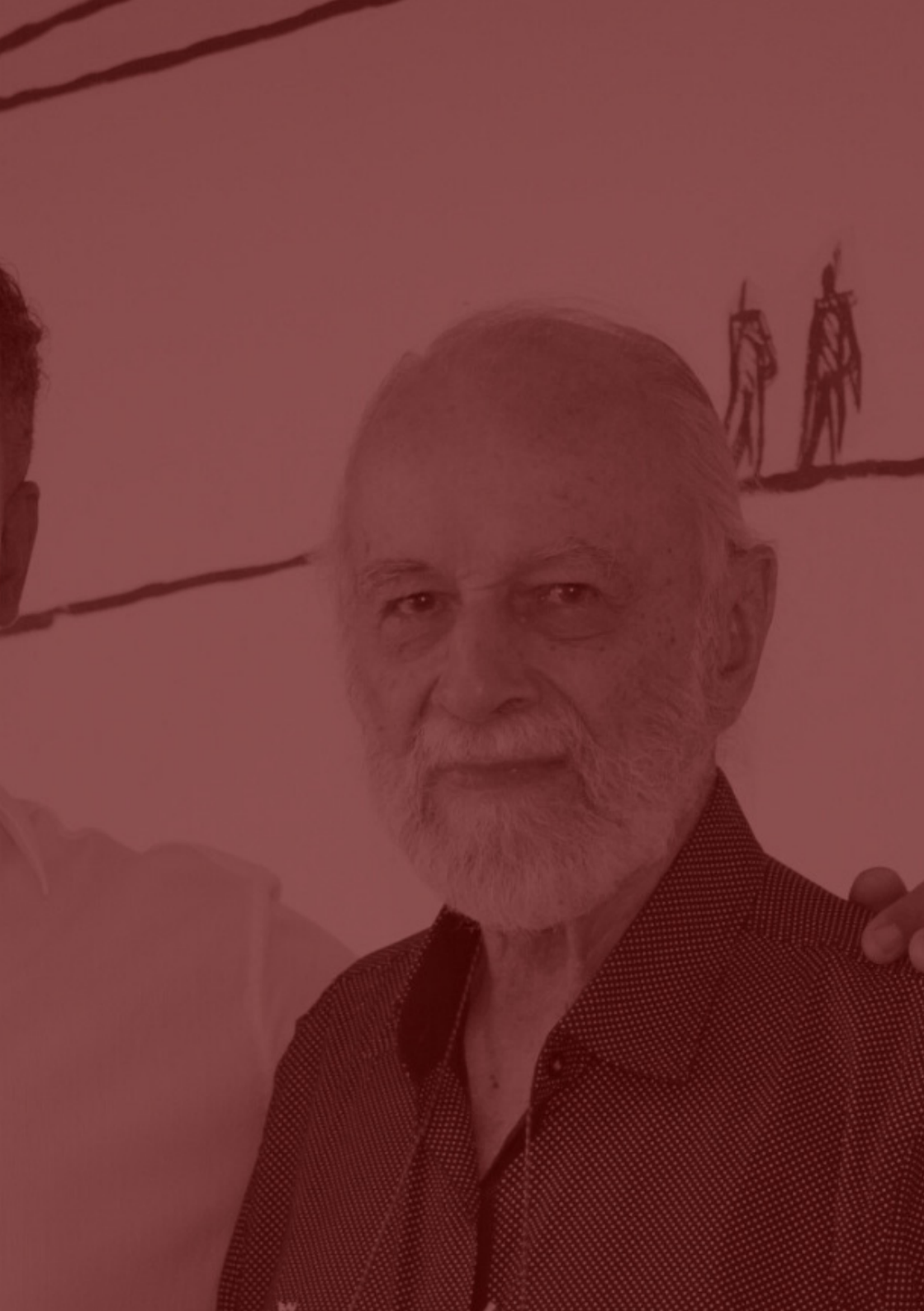
José Carlos Córdova Coutinho

Nasceu em 1935, é graduado em Arquitetura pela então Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), onde se formou em 1960. Possui uma pós-graduação em Planejamento Urbano pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), concluída em 1966, e outra em Desenho Urbano e Planejamento Regional, obtida em 1982 na Universidade de Edimburgo, na Escócia. É Professor Emérito da Universidade de Brasília (UnB) desde 2012 e foi nomeado Cidadão Honorário de Brasília em 2013.

Eduardo Oliveira Soares

É doutor em Arquitetura e Urbanismo (2021) e servidor da Universidade de Brasília (UnB). Possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo (2013) e especialização em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (2009), também pela UnB. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (1995).

Local da entrevista: Café Sebinho, na Asa Norte, em Brasília, próximo ao Campus Universitário Darcy Ribeiro da UnB. Foram três encontros entre abril e maio de 2022 nesse café onde o Prof. Coutinho é habitué.



Créditos

Chefe editorial
Maribel del Carmen Aliaga Fuentes

Projeto gráfico e diagramação
Isabela Paganini Navarro de Oliveira e Isabella Guimarães Lopes Carvalho

Supervisão gráfica
Isabella Guimarães Lopes Carvalho

Tratamento das imagens
Isabella Guimarães Lopes Carvalho

Revisora
Erika Stella Silva Menezes

Fonte
UnB Pro

Imagens da capa e páginas 22, 66, 92 e 122: Europa, fim da década de 1950. Acervo do Professor Coutinho.

Imagem da página 146: Espaço da Memória (MemoUnB). Beto Monteiro / Secretaria de Comunicação (SECOM), UnB.

Imagem final: SG 10, 2023. Secretaria de Comunicação (SECOM), UnB.

“Mais um café com o professor Coutinho” é antes de tudo um livro de memórias. Resultado de entrevistas/conversas descontraídas entre Eduardo Oliveira Soares e o Professor José Carlos Córdova Coutinho. O documento narra as memórias e experiências do Professor Coutinho, abrangendo diversos aspectos de sua vida e carreira. Coutinho é uma figura essencial para entender Brasília, sua visão sobre o desenvolvimento da cidade crítica e sensível. Um arquiteto gaúcho-brasiliense, que tem sua trajetória reconhecida nos títulos de Cidadão Honorário de Brasília e Professor Emérito da Universidade de Brasília.

- Maribel Aliaga

ISBN: 978-65-84854-64-2

